

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**Conflito, Política e Parentesco:  
aspectos da socialidade cigana em Coelho Neto-MA**

Linha de pesquisa: Socialidades, Práticas e Saberes

Orientador: Carlos Roberto Filadelfo de Aquino

Teresina-PI  
2022

Arthur Flavio Silva Pinto

**Conflito, Política e Parentesco:  
aspectos da mobilidade entre os ciganos de Coelho Neto-MA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI) para fins avaliativos como requisito para a obtenção do título de mestre em Antropologia.

Teresina-PI

2022

Dedico esta dissertação às memórias dos  
ciganos mortos no conflito conhecido como  
“Chacina cigana”: Antônio, Gal e Gê. À  
memória de Sr. Ferreira e Dona Tequinho,  
falecidos durante esta pesquisa.

Agradecimentos...

Agradecer é um momento difícil, não pelo ato em si, mas sim pela falta de atenção que de certa forma pode ocorrer para os agentes que participaram da construção não só desta dissertação, mas também da minha formação como antropólogo e pesquisador.

Agradeço a Capes por financiar esta dissertação.

Primeira pessoa que merece meu respeito e agradecimento na colaboração desta pesquisa é meu orientador, Carlos Filadelfo. Muitas vezes procurei-o desesperado por questões que o campo me trazia, problemas de pesquisa que só ouvi relatos nos tratados de metodologia, e prontamente ele me respondeu e mostrou caminhos alternativos para que eu percorresse. Da mesma forma, encontrei em meu orientador subterfúgios que certamente não estavam em sua alçada como orientador de um trabalho dissertativo, mas mesmo assim fui, de imediato, ajudado e guiado. Lembro de suas dicas de escrita, a mais repetida era, “pegue seu leitor pela mão”, isso tornou-se meu lema, mas no final das contas, fui pego pela mão e conduzido nesta escrita.

Toda pesquisa de campo, tem antes de tudo, uma relação entre pesquisador e pesquisados. No caso de minha pesquisa muitas pessoas foram importantes, em destaque gostaria de agradecer a Reginaldo Jansen, Paulo Cigano, Agnaldo e suas respectivas famílias. Assim como Gostaria de agradecer a Seu Ferreira e Dona Tequinha, já falecidos, mas que abriram caminhos para a minha relação com seus filhos e cunhadas(os). Sem essas pessoas esta dissertação não teria sido o que foi.

No caminho para a tomada de decisões na pesquisa, muitos problemas advindos do campo esbarraram em aportes teóricos que pareciam não dialogar com o que eu via, foi aí que a competência e responsabilidade de grandes mestras e mestres me guiaram. Agradeço em relação a isso aos professores e professoras que se doavam e estavam realmente empenhados em ajudar em leituras e dicas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, a saber, Márcia Leila; Raimundo Nonato; Celso de Brito; Alejandro Labale e outros mais que fizeram parte deste processo.

Agradeço, especialmente aos pesquisadores e pesquisadoras atentos que contribuíram na leitura de meu trabalho, tanto na banca de Qualificação quanto na defesa desta dissertação, a Professora Patrícia Goldfarb, o Professor Potyguara Alencar e a Professora

e Amiga Edilma Monteiro, que mesmo em momentos não institucionais leu meu trabalho e contribuiu demasiadamente.

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer a minha família, que tornou possível, no nível mais íntimo, a minha jornada no programa de pós-graduação. Minha companheira de vida e afeto, Pamela, que me apoiou nessa empreitada de fazer um mestrado. Sem ela não teria tido coragem de me candidatar. Ela me deu apoio logístico, me deu apoio ficando presente com a Ana Cecilia e sempre compreendeu as minhas ausências. Aos meus pais que sempre disseram que um dia eu iria para a universidade fazer um “curso superior” sem ao menos terem a noção do que seria este desafio, mas me motivaram e trabalharam muito para que eu tivesse o básico na minha jornada estudantil. Assim como meus irmãos que me apoiaram em várias situações e muitas das vezes serviram de exemplo para mim e viam na carreira universitária uma chance de mudança de vida

**RESUMO:** Esta dissertação é uma etnografia dos processos de “coletivização” (FILADELFO, 2014) dos ciganos na cidade de Coelho Neto-MA. Tem como principal objetivo compreender como esses sujeitos administram as similitudes e diferenças das ciganidades plurais resultantes das relações com a política partidária, conflitos e o parentesco. Esta pesquisa vale-se de um arcabouço teórico que compreende as relações sociais como formadoras de mundos (STRATHERN, 2017), levando em consideração que tais relações podem resultar em novos termos de ciganidade (*antigos, desenvolvidos, segmentos ciganos, meio-cigano e cigano puro*), parentesco (*primos, parentes e próximos*), política (*тино, ajeitar pessoas e andanças*) e formas de habitar o mundo vindas da própria “criatividade” (WAGNER, 2017) de cada coletivo. Percebe-se que os ciganos “modulam” (PEREIRA, 2009) termos de parentesco assim como o nível de ciganidade, mostrando que “ser cigano” nunca é um fato dado, mas sim construído através de relações de parentesco e política. Com isso, entende-se que a ciganidade passa por um “devir-cigano” que está relacionado a como se constituem as relações de parentesco, sendo os casamentos uma instituição de alianças e possibilidade de associação da alteridade; os conflitos ou acerto de contas, entendidos aqui como “questão de ciganos”; e o envolvimento na política partidária como produção de áreas políticas (Bairro dos Quiabos, Bom Sucesso e Olho D’aguinha) que corroboram com as ciganidade diferentes refletidas no parentesco.

**ABSTRACT:** This dissertation is an ethnography of the processes of “coletivização” (FILADELFO, 2014) of gypsies in the city of Coelho Neto-MA. Its main objective is to understand how these subjects manage the similarities and differences of plural gypsies resulting from relations with party politics, conflicts and kinship. This research uses a theoretical framework that understands social relationships as forming worlds (STRATHERN, 2017), taking into account that such relationships can result in new terms of gypsy (old, developed, gypsy, half-gypsy and gypsy segments) pure), kinship (cousins, relatives and close ones), politics (clear, arranging people and wanderings) and ways of inhabiting the world coming from the very “creativity” (WAGNER, 2017 ) of each collective. It is noticed that gypsies “modulação” (PEREIRA, 2009) kinship terms as well as the gypsy level, showing that “being a gypsy” is never a given fact, but rather constructed through kinship relations and politics. With this, it is understood that gypsy goes through a “gypsy-becoming” that is related to how kinship relations are constituted, with marriages being an institution of alliances and the possibility of associating alterity; conflicts or settling scores, understood here as the “gypsy issue”; and involvement in party politics as the production of political areas (Bairro dos Quiabos, Bom Sucesso and Olho D’aguinha) that corroborate the different gypsies reflected in kinship

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1 “Trilhas” produzidas pelos ciganos de Coelho Neto.....</b>	<b>41</b>
<b>Figura 2 Diagrama de Parentesco da Família Ferreira. ....</b>	<b>47</b>
<b>Figura 3 Diagrama de Parentesco da Família Silva. ....</b>	<b>49</b>
<b>Figura 4 Croqui do supermercado de Paulo Cigano...Erro! Indicador não definido.</b>	
<b>Figura 5 Croqui do supermercado de Reginaldo. ....Erro! Indicador não definido.</b>	



## Sumário

INTRODUÇÃO .....	10
Situando a Pesquisa: campo e sujeitos .....	11
Os Ciganos e o Estado: uma relação histórica e predatória .....	14
Relação e Criatividade: ferramentas teórico-metodológicas .....	23
Estrutura da dissertação .....	28
<b>1. TEM CIGANO POR TODA PARTE: DESLOCAMENTOS, FLUXOS E MOBILIDADES .....</b>	<b>30</b>
Política de andanças: articulações entre política partidária e “movimento” .....	31
Modulações e Segmentos: um “movimento” que produz ciganos.....	35
Malhas e trilhas: “movimento”s que produzem lugares .....	39
<b>2. “A CHACINA CIGANA”: CONFLITOS, PODER E POLÍTICA PARTIDÁRIA.....</b>	<b>52</b>
<i>O acerto de contas</i> : uma “questão” de ciganos .....	53
<i>Tino, Traquejo e Ajeitar pessoas</i> : modos ciganos de lidar com a política partidária .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
O supermercado como lugar político .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>3. FAZER E DESFAZER PARENTES: PRIMOS, PRÓXIMOS, AMIGOS, SANGUE E CASAMENTOS.....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Devir-parente e Devir-cigano .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
A figura do Pai .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Substâncias e metáforas .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Casamentos .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
CONCLUSÃO .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	89

## INTRODUÇÃO

As pesquisas etnográficas, assim como as experiências de possessão, nunca se concluem realmente (SORRENTINO. 2018, p. 11)

Esta dissertação é uma etnografia dos processos de “coletivização<sup>1</sup>”(FILADELFO, 2014) dos ciganos na cidade de Coelho Neto, Maranhão. Seus principais sujeitos residem e residiram nesta cidade no período da pesquisa que vai de 2019 a 2021. É um paradigma aceito entre os pesquisadores sobre os ciganos no Brasil e entre os próprios ciganos, que existe um certo desconforto no que concerne a quantificar a população cigana de uma cidade ou do país, ou seja, eles não gostam de ser contabilizados. Dessa forma, essa é uma informação que eu não consegui no trabalho de campo junto aos ciganos, e pelo fato de ser um tanto desconfortável para os sujeitos desta pesquisa não movi esforços em bancos de dados para encontrar o número variável de pessoas ciganas na cidade. Outra característica interessante desta pesquisa vai ao encontro com o que disse há pouco, onde indico que esta pesquisa foi feita com pessoas que residem e residiram, pois algumas das pessoas que foram meus interlocutores vieram a falecer. A movimentação dos ciganos é muito frequente, tanto na mudança de bairros ou cidades, quanto em relação à perenidade de suas vidas. Nos dois anos desta pesquisa contabilizei a morte de pelo menos 15 pessoas ciganas que estavam diretamente ligadas ao meu trabalho. Vale ressaltar que vivemos uma pandemia da COVID-19, mas nenhuma dessas mortes ocorreu por esse vírus, mas sim por conflitos envolvendo acordos e desacordos tanto entre ciganos quanto com não ciganos.

A produção de uma pesquisa sempre é um processo árduo, por vários motivos, porém, no momento inicial em que esta foi pensada jamais passaria pela cabeça deste pesquisador os problemas que ocorreram. O principal problema aqui enfrentado foi a morte de alguns interlocutores. Outrossim, algumas outras situações também não propiciaram um clima fértil para esta pesquisa, por exemplo a falta de receptividade em algumas casas, pois como Sr. Agnaldo sempre me alertava, *cigano é tudo desconfiado*<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> O Conceito diz respeito aos processos e estratégias de se construir um sujeito coletivo, as estratégias dos ciganos passam pelo negociação com as similitudes e diferenças dos sujeitos em relação.

<sup>2</sup> Utilizarei o itálico para descrever as falas das pessoas do campo que estão envolvidas nesta pesquisa, e as Aspas para os autores e demais falas que não sejam das pessoas diretamente envolvidas no trabalho.

Dessa forma, não foram todas as pessoas e casas de ciganos que permitiram conversas, entrevistas e principalmente fotos. Em nenhum momento foi permitido ao pesquisador fazer registros fotográficos, as poucas entrevistas que puderam ser registradas foram feitas em aparelho celular, sendo bem mais específico as feitas com Reginaldo Jansen. Então, inerente ao próprio campo muitas dificuldades foram surgindo, e de certa forma o meio de registro mais usual para esta pesquisa foi o caderno de campo (anotações) utilizado pelo antropólogo.

A citação que inicia esta introdução é de Paul Sorrentino, etnólogo que pesquisou rituais de possessão no Vietnã, “àp vong”, que se baseiam em incorporar ancestrais desaparecidos. Sobre isso, o mesmo escreveu que assim como as possessões a pesquisa etnográfica não tem fim, não tem um ponto final, pois elas são resultado do estabelecimento de relações entre os sujeitos envolvidos na pesquisa (tanto pesquisadores quanto pesquisados). Entretanto, um ponto me vem à mente é o de que assim como existe uma complexidade em determinar o final de uma pesquisa etnográfica, no caso da pesquisa que se discorre aqui, a pergunta seria: quando uma pesquisa etnográfica começa? A minha história de relação com os ciganos de Coelho Neto data de um tempo bem mais antigo do que da formulação desta dissertação. Os ciganos presentes no Bairro dos Quiabos estão ali há pelo menos 25 anos, então também sendo residente do bairro e da mesma rua, este pesquisador já estabelece relações de amizade com os ciganos desde então. Conheci, brinquei e briguei também com colegas de rua, e fico pensando do quanto dessas experiências, que foram muitas, estiveram e estão comigo na produção tanto do trabalho de campo quanto na escrita deste texto. Quando começa a experiência etnográfica deste trabalho? Ela está imbricada em toda a trajetória deste pesquisador?

Porém, existe um certo paradoxo já colocado aqui, como toda essa relação de intimidade com os ciganos dos Quiabos não se transformaram em acesso às casas e registros fotográficos? A resposta é bem direta, mas possui uma certa complexidade: os ciganos de Coelho Neto são bastante heterogêneos e possuem uma acentuada fluidez, tanto em movimento de lugares quanto no que diz respeito à fugacidade de suas vidas, pois se levar em consideração toda a minha trajetória o número de falecimentos é muito alto.

### **Situando a Pesquisa: campo e sujeitos**

É importante ressaltar que os estudos sobre comunidades ciganas têm crescido nos últimos dez anos dentro da antropologia brasileira (MELO, 2018), e esse crescimento tem

proporcionado também um aumento na complexidade das questões levantadas sobre a relação entre ciganos e não-ciganos na sociedade brasileira.

No Nordeste, especificamente, tem se produzido uma vasta reflexão sobre a população cigana que aqui vive, principalmente na Paraíba, dando uma devida atenção à cidade de Sousa<sup>3</sup>. Esses(as) pesquisadores(as) têm se debruçado sobre essas populações e produzido etnografias de demasiada importância para o estudo sobre ciganos.

Entretanto, em Pernambuco e Rio Grande do Norte também se produziu e se produz algumas reflexões sobre os ciganos que ali estão presentes<sup>4</sup>. As pesquisas sobre ciganos geralmente se voltam para questões relacionadas a parentesco, identidade, relações entre ciganos e não ciganos, diáspora, desigualdades sociais, marginalidade, memória, dentre outros.

Este trabalho traz como singularidade, primeiramente, a discussão sobre ciganos no estado do Maranhão, assim como sobre suas relações políticas desenvolvidas nesse estado, sendo mais específico como campo de análise a cidade de Coelho Neto. Até então, o número de pesquisas ou trabalhos científicos produzidos nesse Estado sobre os ciganos se reduz à monografia em Ciências Sociais (2018) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). e a dissertação em Sociologia (2021) pela Universidade Federal do Maranhão de Janeide Cavalcanti. Esse dado se torna mais curioso pelo fato de que a presença dos ciganos no Maranhão já é mencionada tanto por pesquisadores (TEIXEIRA, 2008; PIERONI, 1991) quanto pelos próprios ciganos há pelo menos trinta ou cinquenta anos. Na mesorregião conhecida como leste maranhense há a presença de ciganos em praticamente todas as cidades<sup>5</sup>, mas pesquisas desenvolvidas com essa população são praticamente inexistentes. Esta pesquisa vai se colocar justamente nesse espaço vazio de investigação.

A cidade de Coelho Neto está situada na mesorregião do leste maranhense, constituindo uma microrregião própria a aproximadamente 400 km de distância da capital São Luís. Segundo o último censo do IBGE possui pouco mais de 45 mil

---

<sup>3</sup> SOUZA, (2019) SHIMURA, I; ARAUJO, M C.; (2019). GOLDFARB, M P L.; OLIVEIRA, L.; (2019). CUNHA, J R.; ATHIAS, R M.;(2019). MONTEIRO, E., (2019).

<sup>2</sup> SILVA, Lailson Ferreira da 2015. SILVA, Lailson Ferreira da..2010

<sup>5</sup> Das quarenta e quatro cidades tem-se notícias de ciganos em 30 delas.

habitantes (IBGE, 2019). Há mais de vinte anos a cidade se viu mobilizada e impulsionada economicamente pela instalação do complexo industrial do Grupo João Santos.

O Complexo industrial do Grupo João Santos é seguramente um dos motivos para a vinda dos ciganos para Coelho Neto. Em muitas de suas histórias sobre o porque de vim para esta cidade, a efervescência econômica gerada pelo complexo industrial é sempre citada.

Os ciganos em Coelho Neto se espalharam pela cidade como um todo, porém, existem certos locais que concentram um contingente populacional maior. Os bairros que apresentam maior concentração de famílias ciganas são Bom Sucesso, Quiabos e Olho D'aguinha. No Bairro Bom Sucesso, existe uma maior concentração de famílias ciganas, no entanto essas famílias estão dispersas, sem uma região de acúmulo. Nos Bairros Quiabos e Olho D'aguinha, existe menos famílias ciganas, por outro lado, elas estão concentradas em ruas. No Bairro dos Quiabos, a rua maranhão é conhecida como “rua dos ciganos”.

Os sujeitos que colaboraram para a discussão sobre os ciganos vereadores, são Reginaldo Jansen, Paulo Cigano e André Jansen. Os três são considerados primos, apesar de Reginaldo e André compartilharem o sentido de primo, no uso comum da palavra, os mesmos se referem a Paulo Cigano como primo no sentido utilizado pelos ciganos, não sendo consanguíneo, mas primo.

Os três, como irei demonstrar, são vereadores. Reginaldo é o mais velho dos três e já está no seu terceiro mandato consecutivo em Coelho Neto, e sendo, nas três vezes um dos três vereadores mais votados da cidade. Paulo Cigano está no seu primeiro mandato, de 2021-2024, sendo o vereador mais votado na cidade. Paulo tem uma história dentro da política partidária que começa como cabo-eleitoral de outros candidatos, mas sua principal atuação foi ajudando Reginaldo Jansen nas suas campanhas. André é vereador em Codó, também entrou na vida política por influência de Reginaldo Jansen, André está no seu segundo mandato, também como um dos cinco mais votados dentro da cidade de Codó. Esse sucesso político traz uma ideia encabeçada por André de usar de seus parentes e reconhecimento na região de Codó, Caxias, Coelho Neto, Aldeias Altas, para eleger um deputado estadual cigano. Essas estratégias e movimentações serão melhor abordadas no segundo capítulo.

## Os Ciganos e o Estado: uma relação histórica e predatória

Faz parte da história dos ciganos, tanto no Brasil quanto em um cenário internacional, a sua relação com os estados nacionais. Para compreender a situação dos ciganos no Brasil atualmente torna-se necessário também entender como se deu a relação desses coletivos que podem muito bem ser entendidos como uma ameaça à ideia de pertencer a um Estado, por vários motivos. As ideias de “movimento” utilizadas pelos ciganos podem ser entendidas como uma espécie de antagonismo à tentativa de delimitação de fronteiras rígidas praticadas pelo Estado. Nesta sessão irei demonstrar através da bibliografia acerca dos ciganos como a relação entre Estado e ciganos se mostrou predatória, por ambas as partes, onde sempre na produção de seus caminhos os ciganos mostravam-se como resistência ao Estado, e como este, sempre no uso da força truculenta, ou mesmo na impregnação da figura do cidadão, provocou a exclusão dos ciganos em suas peregrinações.

Ainda em Portugal, no idos de 1603, a presença dos ciganos se mostrava como uma ameaça à “ordem” do reino. No entanto, essa “desordem” advinda da presença dos ciganos estava relacionada a aspectos muito específicos, como o fato de não trabalharem ou de não aparentarem similaridades com os demais cidadãos da metrópole. Sobre a realidade de Portugal seiscentista Pieroni (1991) comenta:

Em Portugal, ao que tudo indica, uma das primeiras medidas tomadas, com o intuito de resolução do incomodo social causado pelos ciganos, foi decretado por D. João III no ano de 1535. Devido as reclamações feitas pelos representantes do conselho de Évora, **os ciganos estrangeiros foram expulsos e os nacionais proibidos de trajarem a seu uso e de se dedicarem a ociosidade e a vagabundagem.** As cortes de Évora ‘ordenam que os façam trabalhar e aprender o ofício<sup>6</sup>’ (PIERONI, 1991, p. 220)

Outras formas de punição colocadas para os ciganos, e aqueles que praticassem a “vadiagem”, foi o degredo. Por ordens postas por D. João, e que foram mantidas por muito tempo, os lugares de destinos foram sempre as colônias conquistadas por Portugal, tanto no continente africano quanto na recém descoberta América e Oceania. O degredo era a punição máxima dentro de Portugal, primeiramente os ciganos eram avisados que

---

<sup>6</sup> Grifos meus.

durante um certo tempo, geralmente de três a cinco dias, se não saíssem das cidades, seriam presos, açoitados e posteriormente degredados.

Era comum, segundo Pieroni (1991), que os ciganos descumprissem essas ordens e continuassem a habitar a cidade. Muitos ciganos foram degredados, porém o reino de Portugal começou a aplicar novas formas de exclusão. A primeira delas se concretizou na desapropriação dos ciganos que ficavam na cidade para vilas específicas de ciganos, longe da cidade, e nessas vilas era proibida veementemente o uso “da sua gíria ou ‘geringonça peculiar’” (1991, p. 222) e consequentemente ensiná-lo aos seus filhos. Assim como a obrigatoriedade de que cada cigano tivesse um trabalho.

Através de leis e ordens, assim como na imputação do medo/ódio aos ciganos na população, o reino de Portugal cravava uma intensa política de exclusão aos ciganos. As punições eram igualmente cruéis para aqueles da população que emprestassem ou alugassem casas para ciganos, tendo inclusive casos de pessoas que foram degredados por tal prática. Uma situação inversa foram as denúncias de cidadãos da presença de ciganos em determinados locais. Interessante é pensar que ao passo que os ciganos são entendidos como pessoas “sem paróquia” também eram impedidos de estar na cidade. Já que eles são coletivos que não se prendiam às fronteiras por que apressar a “saída” - com o termo quero deixar implícito que o que ocorria era a real expulsão – dos ciganos das metrópoles?

Ao que parece a verdadeira importunação causada pelos ciganos no reino de Portugal se dava principalmente num plano político-filosófico. É muito mais a ameaça de modos de viver que não coadunam com a lógica de estado. Existe nessa relação de poder<sup>7</sup> a existência de “devires”, nos termos de Deleuze e Guattari (2015), ou seja, de afecções/desejos de coletivos. O devir-estado possui ele mesmo seus espaços, suas normas e condutas. Assim como o devir-nômade dos ciganos também possui suas particularidades, podendo ser comparado ao que Deleuze e Guattari chama de “máquina de guerra” .

A máquina de guerra, segundo Deleuze e Guattari (2015), possui um pensamento próprio, um espaço, uma forma de movimentar, uma velocidade e armas. As máquinas de

---

<sup>7</sup> Entendendo a ideia de relação de poder no sentido atribuído por Foucault (2018) onde o poder não está colocado concretamente em um único local, muito menos preso simplesmente a questões econômicas, mas sim que ele está em ato e em relação, geralmente em “relações de força”.

guerra são “contra-existência” do aparelho do estado, no entanto as máquinas de guerra apesar de existirem contra o Estado, não possuem por intenção apropriar-se do Estado. Entretanto, dentro da relação entre aparelho de estado e máquina de guerra, o Estado sempre se apropria da máquina de guerra, porém ela cria para si “rotas de fuga”.

Essa relação exposta por Deleuze e Guattari (2015) entre o Estado e a máquina de guerra serve muito bem como demonstração e analogia para a relação dos ciganos com o Estado, tanto brasileiro, como o português, no exemplo supracitado. Corroborando com isso o estado português esteve sempre criando leis e ordenamentos para suprimir a presença cigana dentro de suas fronteiras, mas essa supressão se dava tanto nível “molar” (Deleuze e Guattari, 2015)<sup>8</sup>, ou seja, por imputações de leis, ações do âmbito puramente estatal, como também “molecular” pela repressão dos cidadãos para com os ciganos, a ponto de tentar fazer a metamorfose de ciganos em cidadãos<sup>9</sup> das metrópoles, proibindo-os de usar suas roupas, linguagem, limitar seus movimentos e com isso colocá-los para trabalhar na cidade.

Para além do continente africano e a Oceania, os ciganos degredados também passaram a ser “mandados” para o Brasil. Aqui nas terras brasileiras o primeiro lugar que serviu como endereço de degredo foi o Maranhão<sup>10</sup>. Sobre isso, Pieroni (1991) comenta:

E somente no final do século XVII podemos ver generalizado o degredo de ciganos para o Brasil. Por decreto e provisão de sua majestade D. Pedro, rei de Portugal e dos Algarves constando a ‘inundação de gente tão ociosa e **prejudicial por sua vida e costumes**, andando armados para melhor cometerem seus assaltos’, **bandos que vinham do reino de Castela para Portugal, decidiu o rei determinar que, além do degredo para a África, seriam os culpados também degredados para o Maranhão** (PIERONI, 1991, p. 231)

---

<sup>8</sup> O sentido de “molecular” atribuído pelos autores se apresenta em contraposição à ideia de “molar”, no qual o “molecular” pode ser entendido como a “natureza de massa”, ou “agenciamentos locais” reproduzidos pelas afecções individuais. As diferenças colocadas em relação aos segmentos molares, no caso o estado português, tenta aniquilar a diferença dos ciganos, utilizando “técnicas de poder” (Foucault, 2018) que tem na disciplina e no ensino do trabalho sua principal forma de agir. A Clara aversão a suposta “vadiagem” colocada sobre os ciganos pelo estado português é um exemplo da fugacidade dos ciganos para com a lógica estatal

<sup>9</sup> O uso desta palavra, neste contexto, está relacionado ao indivíduo moderno, aquele que vive sob as leis e condutas estabelecidas pelo aparelho do estado, sujeito que emerge no “contrato social”, advindo da formação dos estados nacionais. Uma condição de existência que se coloca dentro de fronteiras nacionais.

<sup>10</sup> “A escolha da Coroa pela capitania do Maranhão visava pelo menos a dois objetivos. Primeiro, colocar os ciganos ‘bastante afastados das áreas brasileiras de mineração e de agricultura assim como longe dos principais portos da colônia, do Rio de Janeiro a Salvador.’ Segundo, esperava-se que os ciganos ajudassem a ocupar extensas áreas dos sertões nordestinos, então ainda ocupadas por índios. Ainda que perigosos, preferia-se os ciganos aos índios” (TEIXEIRA, 2008, p. 16).



As causas de punições e de tentativas de tornar os ciganos cidadãos eram sempre em relação ao seu modo de vida, às suas condições de existência, à sua forma de movimento, às suas ideias de mundo e próprias formas de o habitar, que traziam para o estado português não uma ameaça bélica, muito menos de desordem propriamente dita dentro da sociedade portuguesa, mas serviam de exemplo de formas alternativas, ou nos termos de Deleuze e Guattari (2015), “linhas de fugas” que se constituíam como formas de sair da apoderação do aparelho do estado<sup>11</sup>.

Por outro lado, a saída das fronteiras do estado português não dava para a corte a paz necessária para o suposto perigo que era manter relações com ciganos. Com todos os degredos para o Brasil de ciganos, a coroa portuguesa se preocupa, aqui também, com a existência de relações entre ciganos e cidadãos.

Uma vez degredados para o Brasil, desde a chegada de João Torres com a sua família, não seria talvez, naquele século, o único caso do gênero. Muito depois, na segunda metade do século XVIII, o Rei **parecia muito preocupado com a expansão e com os ‘prejudiciais costumes’ do ciganos, que deste reino tem sido degredados para o estado do Brasil**, pois chegando na colônia, informa o alvará de 20 de setembro de 1720 “vivem tanto a disposição da sua vontade que usando de seus prejudiciais costumes com total infração das minhas leis, causam intoleráveis incômodos aos moradores, cometendo continuáveis furtos de cavalos, e escravos, fazendo-se formidáveis por andarem sempre incorporados e carregados de armas de fogo pelas estradas, onde com declarada violência os seus perniciosíssimos procedimentos”. (PIERONI, 1991, p. 233)

O degredo no sentido visto acima não se mostra apenas como uma política de higienização social, mas ilustra toda a tentativa de suprimir um modo de existência que por si só desafia a condição de ser do Estado, desafia a figura do cidadão produzida pelo Estado. Os ciganos e seus “costumes” é que se colocam como principal inimigo dentro das metrópoles, e não a suposta possibilidade de algazarra que eles poderiam criar, como sugerem muitos decretos imperiais. A preocupação com os “costumes” dos ciganos no Brasil trazia um “risco” para a coroa portuguesa, “risco” esse que já estava sendo

---

<sup>11</sup> “Conhecem-se os problemas que os Estados sempre tiveram com as ‘confrarias’, os corpos nômades ou itinerantes do tipo pedreiros, carpinteiros, ferreiros, etc. Fixar, sedentarizar a força de trabalho, reger o movimento do fluxo de trabalho, determinar-lhe canais e condutos, criar corporações no sentido de organismos, e, para o restante, recorrer a uma mão de obra forçada, recrutada nos próprios lugares (corveia) ou entre os indigentes (ateliês de caridade), - essa sempre foi uma das principais funções do Estado, que se propunha ao mesmo tempo vencer uma **vagabundagem de bando, e um nomadismo de corpo**”(DELEUZE E GUATTARI, 2015, p. 36).

enfrentado na metrópole, que era a simples existência, ou contra-existência, dos ciganos, agora também no território brasileiro.

Um aspecto importante dessa relação, obviamente ela não era unilateral, foi o de que apesar de todas as leis e denúncias dos cidadãos para com os ciganos, esses também tiveram, além de sua própria existência, formas de revide contra o aparelho de estado. Entendendo os ciganos como “máquina de guerra”, da qual falam Deleuze e Guattari (2015), esse revide à pressão do Estado pode se dar de várias formas, no entanto, a máquina de guerra apresenta principalmente, como forma de revide, suas próprias metamorfoses como maneira de existir em exterioridade ao aparelho do estado, ou seja, sem deixá-lo deglutí-la, sem ser interiorizada pela lógica do Estado.

Os ciganos praticaram essa exterioridade tanto na sua forma de habitar a cidade a priori, como na interação com os cidadãos. Quando a entrada nas metrópoles foi proibida para pessoas vindas de fora da cidade, os ciganos conseguiram para si documentos para comprovar sua residência, da mesma forma quando eram pegos e destinados ao degredo, escolhiam, antes mesmo desse destino ter sido colocado como comum, o Brasil como endereço de degredo pois sabia-se a notícia de que os Gales<sup>12</sup> eram lugares de trabalho exaustivos e a expectativa de vida girava em torno de cinco ou seis anos depois da chegada no local (PIERONI, 1991).

Conseguir documentos, vilas ou mudar o destino do degredo<sup>13</sup> parecem ações pequenas, mas dentro da relação com o aparelho do estado se mostram como verdadeiras “linhas de fuga” pois ao passo que aparenta uniformidade com os cidadãos, ela desvela, verdadeiramente uma condição de metamorfose em seus próprios termos, delimitando, ou mesmo alargando, as fronteiras de sua existência perante o estado.

Por isso a relação entre os ciganos e o Estado nos traz muito mais questões a serem pensadas, principalmente no que concerne a discussões como o identitarismo, que está alinhado a lógicas de Estado, em possibilidades de interiorização da diferença. A lógica estatal preza pela padronização, pela unidade, em todos os habitantes do estado serem iguais, por isso, a diferença apresentada pelos ciganos se mostra como uma ameaça para

---

<sup>12</sup> Um dos primeiros locais de destino para os ciganos degredados. Conhecido também por baixas condições de sobrevivência e trabalho exaustivo. (TEIXEIRA,2008)

<sup>13</sup> Pieroni (1991) relata o caso de João Torres, cigano que foi preso em 1574 na cadeia de Limoeiro ainda sob a jurisdição de D. Sebastião e que solicitou que o local de seu degredo fosse o Brasil, ao invés de Gales. Junto com ele foi também sua esposa Angelina, que levou consigo seus filhos, e outra solicitação de João foi que seu degredo durasse não apenas cinco anos, mas que fosse definitivo.

o Estado, que por sua vez tenta administrar essa diferença enquadrando-os em tipos, em caixas conceituais fechadas, ou mesmo identidades. Enquanto os ciganos manipulam certos signos advindos da lógica estatal, como trabalho, moradias em vilas, domínio de documentos pessoais e a utilização da língua nacional, não se pode traduzir tal movimento em padronização ou interiorização da diferença, eles não estão tornando-se menos ciganos e mais cidadãos nacionais, não está acontecendo de sua parte a tal transformação que está acontecendo é o movimento contrário, a contínua exteriorização dos ciganos, ou mesmo diferenciação, enquanto máquina de guerra, do aparelho do estado.

Porém essa exterioridade não se dá em um simples movimento de colocar para fora, de aniquilar tal relação da máquina de guerra com o aparelho do estado. O Estado e a máquina de guerra estão em constante relação, estão sempre predando os seus respectivos limites, da mesma forma os ciganos e o Estado também mantêm uma relação de mesma natureza. Sobre a relação entre “máquina de guerra” e “aparelho de estado”, Deleuze e Guattari (2015) comentam:

O Estado é a soberania. No entanto a soberania só reina sobre aquilo que ela é capaz de interiorizar, de apropriar-se localmente. Não apenas não há Estado universal, mas o fora dos Estados não se deixa reduzir à política externa, isto é, a um conjunto de relações entre os Estados. O fora aparece simultaneamente em duas direções: grande máquinas mundiais, ramificadas sobre todo o ecúmeno num momento dado, e que gozam de uma ampla autonomia com relação aos Estados (...) mas também mecanismos locais de bandos, margens, minorias, que continuam a afirmar os direitos de sociedades segmentárias contra os órgãos de poder de Estado.(...) O que é evidente é que bandos, não mesmo que as organizações mundiais, implicam uma forma irreduzível ao Estado, e que essa forma de exterioridade se apresenta necessariamente como a de uma máquina de guerra, polimorfa e difusa. (DELEUZE E GUATTARI, 2015, p. 24-25)

Esse processo predatório entre ciganos e Estado se manteve no Brasil. Existiu no Brasil um local de degredo posterior à chegada nas Américas, aqueles que infringissem as leis nas terras brasileiras eram degredados para São Tomé e Príncipe. Outras mudanças de chegada dos degredos aconteceram como, por exemplo, as então capitânicas da Bahia e Rio de Janeiro serviram como ponto de degredos. Porém a fama vinda da metrópole acerca dos ciganos continuou aqui no Brasil, assim como as formas de enfretamento e de repulsa da comunidade em geral.

Apesar do Maranhão ter sido o primeiro local de chegada dos ciganos, não se tem nada a respeito de sua relação ou peregrinações nesse local. Porém, conforme Teixeira (2008) o segundo local de parada, Salvador, se tornou uma das cidades do Brasil com maior população cigana no final do século XVIII.

De Salvador, muitos ciganos traçaram rotas para outros locais, como Minas Gerais e Rio de Janeiro. Minas Gerais foi um dos locais escolhidos, principalmente depois da descoberta do ouro. E é em Minas Gerais que se tem informações dos primeiros documentos acerca da expulsão de ciganos das localidades, ainda pelos mesmos motivos que em Portugal, a saber, a sua própria existência. Teixeira (2008) fala:

Um documento de 1723, de Vila Rica (hoje Ouro Preto) informa que ‘pelo descuido que houve em alguma das praças da Marinha vieram para estas Minas várias famílias de ciganos’, e manda prender todos eles e remeter para o Rio de Janeiro, de onde então seriam deportados para Angola. Não somente manda prender os ciganos, que o documento chama de ‘ladrões salteadores’, mas também seriam presos e degredados para Angola todos aqueles que se encontrarem em sua companhia ou lhes hospedarem em suas casas ou fazendas. Além disto, qualquer cidadão podia prender ciganos e entregá-los na cadeia mais próxima, podendo a pessoa tomar-lhes todos os bens, ouro, roupas ou cavalos’. (...) Porém, em 1737 o governador de Minas Gerais adverte: ‘Pelo que toca a ciganos as queixas que há são só por serem ciganos, sem que se aponte culpa individual (.....) tenho recomendado que prendam e me remetam os que fizerem furtos’, ou seja, não qualquer cigano apenas pelo fato de ser cigano (TEIXEIRA, 2008, p. 18)

Exemplos como os citados acima, de expulsão pela própria condição como ciganos, são inúmeros e podem ser encontrados registros históricos em São Paulo<sup>14</sup>, Pernambuco, Rio de Janeiro e Espírito Santo. As punições para os ciganos também não eram muito diferentes das aplicadas em Portugal: prisão, açoite ou degredo (TEIXEIRA, 2008).

Posteriormente a todo esse histórico de perseguição, os ciganos no Rio de Janeiro passaram a gozar de um certo local na hierarquia social, lugar esse um tanto prestigiado,

---

<sup>14</sup> Em 1726 há notícia de ciganos em São Paulo, quando foram solicitadas medidas contra ciganos que apareceram na cidade e que eram “prejudiciais a este povo porque andavam com jogos e outras mais perturbações”, pelo que tiveram que abandonar a cidade dentro de 24 horas, sob pena de serem presos. E em 1760 os vereadores de São Paulo resolveram “que por ser notório que nesta cidade se acha um bando de ciganos composto de homens, mulheres e filhos sendo público terem sido expulsos de Minas Gerais por serem perniciosos naquelas povoações e assim se vieram acolher a esta cidade aonde já vão havendo algumas queixas.” (TEIXEIRA, 2008, p. 19)

trazendo de certa forma para os ciganos desta cidade status sociais mais elevado perante os cidadãos. Sua função era de comerciante, que mesmo dialogando com a imagem que os ciganos já tinham para a população em geral, o comércio se mostrou para os ciganos como uma forma de interação válida. Os ciganos comercializavam de tudo, desde cavalos a escravos, verdade seja dita que eles eram bem mais conhecidos pela comercialização destes últimos (MELLO et al, 2009).

No século XIX, posteriormente à saída da coroa portuguesa do Brasil, os ciganos passaram a gozar de certas regalias perante a família real, no entanto, no imaginário social os preconceitos ainda eram fortemente disseminados, principalmente o consenso de ciganos como trapaceiros e criminosos. No entanto, na vinda de alguns membros da família real, os ciganos foram trazidos juntos e contemplados com alguns cargos de oficiais de justiça no Brasil. Outra característica advinda no mesmo século foi a vinda de ciganos para o Brasil que não eram da península ibérica, da etnia Rom vindos de vários países europeus. Teixeira (2008) a respeito disso comenta:

A entrada dos **Rom** no Brasil se deu totalmente na clandestinidade. A princípio, com esses ciganos apresentando-se como sendo de nacionalidade do país de onde vinham, o que não era completamente falso, mas que eram identidades secundárias para os ciganos. Além de virem como russos, poloneses, romenos, gregos, etc., a outra possibilidade era desembarcarem fugindo de qualquer contato com as autoridades portuárias e de imigração (TEIXEIRA, 2008, p. 29)

Os ciganos, tanto no Brasil, quanto em Portugal, tiveram uma relação difícil com o Estado e com seus cidadãos. Foram tidos como seres supersticiosos, incivilizados, vândalos, ameaça aos costumes, vagabundos por não se enquadrarem na forma de trabalho assalariado comum e de vadios por terem sua concepção de movimento própria. Porém, como podemos perceber acima, os ciganos tiveram suas formas de mutabilidade aplicada a sociedade brasileira e portuguesa a seu próprio modo, transformando-se, e mesmo assim continuando exteriores à lógica do aparelho de estado. São eles mesmos “máquinas de guerra” no sentido de Deleuze e Guattari (2015) não só por seu movimento em velocidades diferentes, mas também por habitar um espaço diferente do Estado, assim como por possuir sua própria forma de compreender o mundo.

Todavia, se os ciganos, posteriormente ao século XIX, passaram a ter outra relação com o trabalho, tanto como comerciantes, quanto como oficiais de justiça vindos junto de alguns membros da família real, será que eles então se tornaram totalmente

cidadãos? Até que ponto essa mudança de posição social trouxe a total transformação de ciganos em cidadãos?

A minha tese é que por mais que os ciganos tenham aparentemente trabalhado nas metrópoles, eles fizeram isso por seus próprios critérios. O cigano como comerciante nas bibliografias históricas mostra que tal ofício - se é que pode ser realmente pensado assim - dava para eles total liberdade de atividades. Eles precisavam percorrer grandes extensões de áreas, para poder angariar mercadorias e escravos, assim como para realizar seus próprios negócios. O que corrobora a ideia de máquina de guerra dos ciganos, os quais precisavam de um espaço com movimento, um espaço “liso”, sem estriamentos, sem fossas nem linhas já traçadas.

O “espaço estriado” do Estado é contrário ao movimento dos ciganos em “espaço liso”. O “espaço estriado” é fechado, delimitado e delimitante, regula e atribui funções e tarefas aos cidadãos, o “espaço liso” é aberto e indefinido, os ciganos prezam por esse tipo de espaço, no qual eles possam habitar, andar e inclusive parar, não é o movimento em alta velocidade que é prezado por eles, mas a paciência de um movimento que deixa “traços” e não “estrias” (DELEUZE e GUATTARI, 2015).

Essa relação entre ciganos e o Estado é totalmente política, atravessa a história e hoje se mostra com bem mais complexidades. Normalizar foi sempre o desejo do Estado, seu território deve ser homogeneizado. Entretanto, Foucault mostra também que mesmo as formas de homogeneizar a população através da força, tal qual o degredo, passaram a não mais servir com a mesma eficiência. O deixar livre, o deixar circular mostra-se como uma estratégia de normalização, o pólo de atenção muda, ao invés de pensar na segurança do rei, pensa-se na segurança da população (FOUCAULT, 2008). Os ciganos não eram mais o alvo de aniquilação, mas sim as circulações que eles geravam, tanto econômicas quanto sociais. Uma forma de fazer esse controle seria através das estatísticas, instrumento de conhecimento do Estado, para justamente controlar, acompanhar e manter o equilíbrio (FOUCAULT, 2008).

Porém, até neste último tópico, os ciganos conseguem ficar exterior ao Estado. Existe em comum aos ciganos e à literatura específica, a aversão a quantificação das pessoas ciganas. Os documentos históricos não registram a quantidade de famílias ciganas que entraram ou se reproduziram no Brasil, assim como hoje as políticas públicas para ciganos param no mesmo problema de quantificação desse coletivo. Essa falta de

necessidade em saber quantos são ou onde estão também é uma forma dos ciganos se relacionarem em “contra-existência” com o Estado. Pois como afirma Deleuze e Guattari (2015),

A aritmética, o número, sempre tiveram um papel decisivo no aparelho de estado: já era no caso na burocracia imperial, com as três operações conjugadas do recenseamento, do censo e da eleição. E com a mais forte razão. As formas do Estado não se desenvolveram sem utilizar todos os cálculos que surgiam na fronteira entre a ciência matemática e a técnica social. (...) Este elemento aritmético do Estado encontrou seu poder específico no tratamento de quaisquer matérias: matérias primas, matérias segundas dos objetos trabalhados, ou a última matéria, constituída pela matéria humana. O Número sempre serviu assim, para dominar a matéria, para controlar suas variações e seus movimentos, isto é, para submetê-los ao quadro espaciotemporal do Estado (DELEUZE e GUATTARI, 2015, p. 68)

Seja através da constituição do seu espaço próprio, seja através dos movimentos forçados ou gerados, assim como a ocupação de certos ofícios e posições sociais na história, ou mesmo na impossibilidade de serem contados em determinado território, os ciganos se relacionam com o Estado. Possivelmente não é uma relação totalmente simétrica, mas ela é bem menos assimétrica quanto se poderia postular, vide as perseguições e penalidades imputadas a esses coletivos. O que demonstrei nessa sessão é como os ciganos são sujeitos históricos que tiveram como seu principal antagonista o Estado, e que de certa forma souberam retirar de seu algoz lições e importunações que ainda hoje causam certos rebuliços na mentalidade dos cidadãos, aqueles que representam a postura do Estado perante a diferença. Os ciganos continuam reinventando suas relações assim como continuam também produzindo suas metamorfoses, sempre por conta do outro em relação ao eles estão em contraposição. No entanto essas mudanças advindas do encontro com a diferença são produzidas em seus termos. Desde Portugal até no Brasil, os ciganos, em seu devir-cigano, vêm se relacionando e extrapolando noções e contra-existências. Na próxima sessão explicitarei como conceitualmente entenderei essas mudanças e antropofagias produzidas pelos ciganos, agora em contexto mais contemporâneo.

**Relação e Criatividade: ferramentas teórico-metodológicas**

A noção de relação que será utilizado neste trabalho advém de uma perspectiva que chegou a criticar um dos dualismos mais comuns e duradouros não só da antropologia, mas das ciências sociais como um todo, a saber, indivíduo e sociedade. Muito mais do que criticar o próprio dualismo, a antropóloga Marilyn Strathern se questiona sobre a própria validade do conceito de sociedade para as análises contemporâneas. A antropóloga busca em Edmund Leach (1961) recurso para demonstrar que não existe um “domínio autônomo da existencial social” de conceitos para ser colocado em confronto com os fatos materiais. (STRATHERN, 2017)

A crítica de Strathern (2017) se baseia no fato que a antropologia britânica de final do século XIX e todo o século XX entende sociedade como uma entidade, que apresenta certa concretude, que se relaciona com outras categorias de ordem conceitual, como economia e biologia. No entanto, Strathern (2017) coloca que essa entidade, a sociedade, já possui existência antes mesmo de estar em relação, uma “entidade discreta” (STRATHERN, 2017, p. 192). Ou seja, antes da efetuação das relações, por assim dizer, a sociedade já existe como um ente que entra em relação, e é aqui que segundo a autora reside um dos principais problemas ao pensar o conceito de sociedade.

Coisificar um conceito, ou nas palavras de Strathern (2017) “reificar” esse conceito, torna-se um dos principais problemas de entender tal conceito como uma entidade “per si”. Quando se faz esse movimento, a autora compreende também que pode haver uma procura na realidade da materialidade da sociedade, e a partir daí começa-se a intitular, por sua vez, a população como a personificação da sociedade. Uma consequência dessa personificação é a “tipificação de diferenças e semelhanças” (STRATHERN, 2017, p. 193). Dessa forma, a complexidade da realidade e de mútuas relações são fechadas e qualificadas assim como se caracterizam pessoas de forma individual, ou mesmo entendendo sociedade apenas como um aglomerado de indivíduos.

No sentido oposto, o conceito de sociedade, tal qual vem sendo criticado pela antropóloga Marilyn Strathern, pode imputar, ao invés de um aglomerado de indivíduos, a ideia de sociedade fatiada, dividida, no qual as pessoas ou instituições seriam “partes de um todo” (2017, p. 193). Aqui ela resulta de um produto dos indivíduos, contrariamente do que vimos acima como sendo a produtora dos indivíduos. Introduzindo, assim, nessa problemática, outro conceito que aparentemente existe sozinho, que é o conceito de indivíduo. Sociedade e indivíduo são dois pólos de conceitos



que se apresentam em uma luta de existência própria e que de certa forma precisavam existir separadamente e autônomos.

O conceito de sociedade traz para a antropologia, pelo que a autora nos mostra, muito mais problemas do que soluções. Sociedade, principalmente quando é assimilada como a ideia de “grupo”, traz para certas antropologias, principalmente a de cunho comparativo, a suposição de que os laços que “unem” os indivíduos - a solidariedade social - são de mesma natureza daqueles que unem os indivíduos em sociedade (STRATHERN, 2017). Pelo que estamos vendo, o conceito de sociedade traz como um grande obstáculo a produção de uma série de conceitos que pretendem se auto explicar, tais como: grupo social e indivíduos.

Todos esses problemas que o conceito de sociedade trouxe fizeram a antropologia do século XX oscilar em “pêndulo” que varia entre sociedade - e seu fruto teórico-argumentativo – e indivíduo, recaindo então sobre ideias tais como o “construcionismo social”. O que Strathern (2017) vem nos trazer é que dessa luta argumentativa-teórica está se perdendo as relações entre as pessoas. Para a antropóloga, a possibilidade de superar o problema da reificação da realidade, vindo da utilização de pólos conceituais, reside na sua atualização da noção de relação:

Chegamos agora ao ponto de termos de dizer mais uma vez a nós mesmos que, se quisermos produzir teorias adequadas da realidade social, então o primeiro passo é perceber que as pessoas têm potencial para se relacionar e estão, ao mesmo tempo, sempre incorporadas em uma matriz de relações com os outros. (...) Precisamos recuperar a intenção original da abstração, que era transmitir a importância das relações na vida e no pensamento humano. As relações sociais são intrínsecas, e não extrínsecas à existência humana. Assim, ao considerarmos as pessoas como objeto de estudo antropológico, não podemos concebê-las como entidades individuais (STRATHERN, 2017, p. 199-200)

O que Strathern (2017) nos mostra é que sociedade e indivíduo são abstrações produzidas por nós, antropólogos e antropólogas, e quando elas ficam na sua “intenção original”, servindo como ferramentas de transmissão das próprias relações entre as pessoas pode ser avaliada e compreendida. Porém, cria-se um problema quando essas abstrações são reificadas, pois a partir daí tenta-se concretizar tal conceito, tentando situá-lo em locais ou em ideias como grupo e comunidade, assim como, quando se faz o movimento de inutilizar totalmente o conceito de sociedade e se utiliza do conceito de indivíduo, repetindo o mesmo modo de operar - tentando encontra-lo em ideias como

identidade e subjetividade - como é feito com o conceito de sociedade. Perde-se então uma gama de características das relações humanas, como a criatividade, relações de poder e mesmo a vivência da realidade por determinadas pessoas.

É a partir da perspectiva relacional entendida por Strathern, que essa dissertação foi escrita. Os ciganos não serão tomados como grupos pré-existentes, muito menos serão encaixados em categorias de outra ordem que não a produzida nas relações entre os ciganos de Coelho Neto. As produções de termos de parentesco como serão analisadas aqui só podem ser vistas e entendidas a partir da ideia de relação, onde *primos*, *meio-ciganos*, e *ciganos puros* são feitos no cotidiano vivido, em trocas que conceitos apriorísticos e caixas conceituais fechadas, não podem abarcar. Da mesma forma que os vereadores ciganos, em suas vivências e trocas constroem sua forma de viver no *mundo da política* todas essas categorias são criadas a partir das suas relações tanto com eleitores quanto com os outros vereadores e demais representantes políticos partidários.

Quando se elege a relação como perspectiva, a criatividade das pessoas e de suas relações ganha vida e dessa forma podemos compreender de forma mais precisa a maneira como as pessoas inventam e reinventam as mais diversas maneiras de habitar o mundo, trazendo uma análise do social mais rica e com mais possibilidades. A perspectiva da relação pensada por Strathern revela o poder de invenção das pessoas, com isso, ampliando a possibilidade de compreensão, por parte do antropólogo, da dinamicidade da vida, criando subterfúgios para caixas conceituais pré-existentes que frigorificam as relações, em vários níveis, tanto social quanto na naturalização de identidades.

A capacidade inventiva é uma qualidade humana, sobre isso o antropólogo Roy Wagner coloca que o trabalho antropológico deve estar aberto e sensível para as invenções das pessoas com as quais se faz o trabalho de campo. O poder de invenção, segundo Wagner, está tanto na capacidade do antropólogo em abstrair as realidades que estuda, quanto nas pessoas que estão sendo “estudadas”. Nesse sentido, antropólogo e sujeitos das pesquisas estão em pé de igualdade, pois ambos podem abstrair e implementar paradigmas em suas relações (WAGNER, 2017).

E é justamente essa possibilidade de criação e inventividade que Wagner (2017) entende como principal objetivo de captação do antropólogo. Porém, para perceber a criatividade das “culturas” o primeiro passo segundo o antropólogo é estar em relação com o outro, admitindo que ele também possui a mesma capacidade do antropólogo e

entendendo que o próprio antropólogo está carregado de sua “cultura” ao se relacionar com outras “culturas”. O antropólogo não é apenas um cientista com neutralidade e sem história, ele é antes de tudo um sujeito de uma “cultura” é também um “nativo”.

É justamente na compreensão de que existe uma relação simétrica em termos culturais que o antropólogo deve estar guiado. A antropologia não torna o antropólogo um sujeito sem cultura, a partir do momento em que ele se tornar um pesquisador. A etnografia se dá pela relação de “culturas” inventadas, tanto pelo antropólogo como pelos sujeitos que estão participando da pesquisa (WAGNER, 2017).

A criação ou invenção do antropólogo diz respeito a uma realidade, assim como a produção e criatividade dos sujeitos que contribuem para a pesquisa são também o seu entendimento de mundo. A relação entre esses sujeitos - antropólogo e contribuidores – é a própria criação da “cultura”, os dois lados estão inventando e criando o trabalho de campo.

Nesse sentido, levo a sério todos os termos inventados pelos ciganos para explicar-me como se dão as suas relações entre si. Da mesma forma como entendo que essa dissertação com os ciganos é muito mais a descrição da minha relação com os ciganos e a explicação em seus termos de como eles encaram os conflitos que já aconteceram, a forma que os vereadores ciganos entendem e conceituam a política partidária, o jeito como os ciganos compreendem as noções de parentes e amigos, a formação da linha tênue que demarca os níveis de ciganidade, assim como a volatilidade do sangue e da socialidade, manipulando categorias como ciganos puros e meio ciganos.

Para isso, faço uso da “objetividade relativa” pensada por Wagner (2017). Entendendo que sou um sujeito que possui suas próprias vivências e relações outras que não aquelas produzidas com os ciganos, possuo também minha própria criatividade e muitas vezes minhas próprias preocupações acerca do fim que a dissertação terá. Mas o que a proposta de “objetividade relativa” de Wagner nos traz não é o esquecimento completo dessas questões, mas sim, pelo contrário, o levantamento delas para então colocá-las em choque com a dos sujeitos da pesquisa. Não há como me abster dessas preocupações e pré-noções, mas de certa forma dá para pensá-las em contraposição às demandas que foram apresentadas pelos ciganos e pela realidade que vivenciamos juntos.

A minha relação com os ciganos não foi a mais amistosa, mas foi uma relação que produziu esta dissertação. Com isso, o movimento feito aqui foi o de colocar as questões

que me preocupavam e dialogar com os problemas advindos dos próprios ciganos e da criatividade na invenção dessa relação, entre pesquisador e os ciganos. Todas as discussões que serão apresentadas aqui são fruto da relação que eu mantive com os ciganos e que eles apresentaram para mim.

### **Estrutura da dissertação**

Esta pesquisa já teve inúmeras organizações, diversas formas de empregar lógica à experiência da vida dos ciganos em Coelho Neto. Tarefa sempre difícil é encher o papel com vidas, transpor a realidade, mesmo que imaginada em uma forma de transmissão de conhecimento, no caso a escrita.

Esta etnografia dos processos de “coletivização”(FILADELFO, 2014) dos ciganos em Coelho Neto enfrentou o mesmo problema, a saber, como dispor, de forma coerente, aspectos da experiência de pessoas na criação de seu modo de viver no mundo? A princípio, a primeira preocupação foi separar os capítulos de tal forma que não criasse caixas teóricas de um lado e trabalho de campo do outro. A organização dos capítulos se deu com o intuito de deixar bem delimitado o caminho feito por este pesquisador para compreender os processos de “coletivização”(FILADELFO, 2014) e estratégias de vida dos ciganos em Coelho Neto.

Este caminho não foi achado, ou seja, não estava inventado e eu tive apenas o trabalho de encontrá-lo, ele foi realmente forjado, criado. Não foi fácil organizar, pois as discussões que encabeçam cada capítulo estão diluídas em toda a dissertação. Dessa forma, talvez em uma outra situação o primeiro capítulo pudesse vir a ser o último, da mesma forma acontecendo com o segundo, podendo estar realocado em qualquer uma das posições.

O primeiro capítulo tratará sobre o caráter basilar do “movimento”<sup>15</sup> para a produção dos *fazeres* dos ciganos em Coelho Neto. O *fazer política* que está implícito nas *andanças* realizadas pelos ciganos vereadores, resultando assim na formação de alianças e na

---

<sup>15</sup> Quando me refiro ao movimento dos ciganos nesta dissertação não estou falando sobre o ato mecânico de deslocamento, ou mesmo da “lógica do transporte” (INGOLD, 2015) no qual as pessoas são levadas de um ponto a outro, uma viagem com destino final. O “movimento” nesta dissertação sempre dirá respeito a ideia de “habitar” (INGOLD, 2015) o mundo pensada pelos ciganos, diferentemente de “ocupado” (INGOLD, 2015) por eles.

confluência desses agentes, relação essa que não é dada pelo pertencimento étnico ou pelo parentesco, mas sim resultado da *política de andanças* feitas por eles. O “movimento” do *fazer política* como será visto percorre cidades produzindo “trilhas” (INGOLD, 2015) e resultando em “malhas” (INGOLD, 2015) repleta de “nós” (INGOLD, 2015), porém esse “movimento” é também perene dentro da cidade de Coelho Neto, e não tem nada de aleatório como será visto. Ele é abastecido e motivado por produção de conflitos que resultam em diferenciações que acima de tudo *fazem ciganos*. Essas movimentações tanto em nível territorial quanto “relacional” de “modulação” (PEREIRA, 2008) dos ciganos produzem uma espécie de cartografia política da cidade.

No segundo capítulo trarei de modo mais incisivo a forma como essa cartografia política implica na formação dos ciganos vereadores (Reginaldo Jansen, Paulo Cigano e André Jansen) e nas suas características específicas de *fazer política*, remetendo-me aqui a estratégias como *tino*, *traquejo* e *ajeitar pessoas*, que são alinhadas a questões como parentesco e ciganidade. Nesse capítulo irei ainda esmiuçar a carreira política desses vereadores e as maneiras com as quais eles *fazem política*, resultando em uma ação entre política, parentesco e etnicidade, dessa forma explicando como os conflitos produzidos entre os ciganos demarcam zonas de apoio eleitorais da mesma forma que também geram zonas que *não valem a pena serem visitadas*.

No terceiro capítulo me deterei em explicar as relações de parentesco produzidas pelos ciganos, vendo os conflitos advindos de casamentos, separações e disputa de guarda de crianças, assim como a produção de termos de parentesco na criação de pessoas como: *ciganos*, *não-ciganos*, *meio-ciganos*, *ciganos puros*, *parentes*, *família* e *primos*. Irei mostrar nesse capítulo que os termos e as relações de parentesco possuem a capacidade de *fazer e desfazer parentes*, a partir de um forte diálogo com uma antropologia do parentesco que leva em consideração não só o adensamento do sangue (SCHNEIDER, 2016), mas também as possibilidades de exceder tal paradigma (CARSTEN, 2000).

Ao fim, coloco que para os ciganos de Coelho Neto existe uma noção de “movimento” que norteia a forma como eles habitam o mundo e constroem a sua vida sobre os lugares em que eles transformam. Da mesma forma que ser cigano passa por vários processos complexos que passam por criações baseadas em suas próprias relações.

## **1. TEM CIGANO POR TODA PARTE: DESLOCAMENTOS, FLUXOS E MOBILIDADES**

Neste capítulo tratarei sobre como os ciganos de Coelho Neto se relacionam e entendem as suas mobilidades, as formas como eles dialogam com a sua forma de “habitar o mundo” que está intrinsecamente ligado ao “movimento”.

Por outro lado, existe uma certa tensão em falar sobre “movimento” com ciganos, justamente porque determinada literatura (MOONEN, 1995 e 2011; MORAIS FILHO, 1885 e 1886) já incluiu essa discussão acerca dos ciganos dentro de uma dualidade entre nômades e sedentários, o que de certa forma gerou alguns problemas dentro da discussão relacionada a esses coletivos.

A discussão nesses termos colocava os ciganos em apenas duas situações possíveis: ou movendo-se de forma aleatória – assim chamados de nômades – ou fixados em determinados locais, desta forma entendidos como sedentários. Assim foi durante algum tempo a discussão sobre os ciganos, ou eram “puros” e não tinham localidade ou estavam em transformação paulatina cujo ponto final estava marcado na dissolução da “identidade cigana” dentre os cidadãos de qualquer lugar que fosse a sua parada.

Com um ranço teórico que via na crescente relação dos ciganos com a população em geral, uma espécie de perda cultural, todo aquele que estava na cidade e possuía uma casa um pouco mais estruturada era entendido como sedentário e por conveniência estava fadado a “perder” sua “cultura”. Esse entendimento dos ciganos como sedentários por possuírem casas assim como qualquer outra situação que não a de andarilho aleatório carregava o fardo de ser a condição de dissolução dos ciganos em cidadão comuns.

O que irei mostrar é que essa separação dualista da realidade desses sujeitos congela e tira as complexidades inerentes à vida das pessoas ciganas. Os ciganos em Coelho Neto apresentam reais exemplos de que categorias como sedentarismo e nomadismo podem ser destrinchadas e colocadas em questão, descortinando assim novas categorias que dialogam com a realidade de tais pessoas e que conseguem acompanhar a dinâmica de vida desses sujeitos.

Combatendo o dualismo sedentarismo e nomadismo discuto como o “movimento” se faz presente na forma de habitar e encarar o mundo pelos ciganos. Irei mostrar aqui

que as movimentações atravessam cenários da vida dos ciganos para além do nomadismo *stricto sensu* conhecido. A forma de *fazer política* dos ciganos vereadores perpassa em primeira questão as suas *andanças*. Esse termo cunhado por Paulo Cigano implica a criação de alianças que transcendem o mundo da política.

### **Política de andanças: articulações entre política partidária e “movimento”**

O sucesso eleitoral dos vereadores ciganos, as *andanças* feitas em suas trajetórias e termos de parentesco – primos, família e parentes – dão margem para eles pensarem em *fazer um deputado cigano*, como dizem Paulo e André. Primeiramente começarei esboçando as “peregrinações<sup>16</sup>” (INGOLD, 2015) feitas por esses agentes dentro das cidades já mencionadas, resultando nas construções de “malhas<sup>17</sup>” no sentido atribuído por Tim Ingold (2015).

Os três vereadores nasceram em Codó, começaram sua “peregrinação” (INGOLD, 2015) nessa cidade. Codó é sempre referenciada na fala de Paulo e Reginaldo como *matriz da nossa família, é de lá que todos nós saímos*, por sua vez, André foi o que ficou na cidade, mas sempre em suas falas demonstrava que apesar de estar com sua mãe na cidade referia-se a *estar sozinho*<sup>18</sup> em Codó. Não quero aqui reificar certas concepções e apresentar uma imagem de ciganos como nômades, mas compreendo que a

---

<sup>16</sup> “Minha objeção é que vidas são vividas não dentro de lugares, mas através, em torno, para e de lugares, de e para locais em outros lugares. Eu uso o termo peregrinar para descrever a experiência corporificada deste movimento de perambulação. É como peregrinos, portanto, que os seres humanos habitam a terra. Mas, de mesmo modo, a existência humana não é fundamentalmente situada, como Christopher Tilley o afirma, mas situante. Ela desdobra-se não em lugares, mas ao longo de caminhos. Prosseguindo ao longo de um caminho, cada habitante deixa uma trilha. Onde habitantes se encontram, trilhas são entrelaçadas, conforme a vida de cada um se vincula à de outro cada entrelaçamento é um nó, e, quanto mais essas linhas vitais são entrelaçadas, maior é a densidade do nó.” (INGOLD, 2015, p. 219).

<sup>17</sup> “Lugares, então, são como nós, e os fios a partir dos quais são atados são linhas de peregrinação. Uma casa, por exemplo, é um lugar onde as linhas de seus residentes estão fortemente atadas. Mas estas linhas não estão contidas dentro da casa tanto quanto os fios estão contidos em um nó. Ao contrário, elas trilham para além dela, apenas para prenderem-se a outras linhas em outros lugares, como os fios em outros nós. Juntos eles formam o que chamei de malha.” (INGOLD, 2015, p. 220).

<sup>18</sup> Segundo Ferrari (2019) estar sozinho se confirma como uma forma de estar no mundo muito perigosa, visto que para os ciganos o modo ideal de viver é estando “apoiado” perto de seus parentes, a ideia de independência e de não precisar dar satisfação a alguém é totalmente contrária à socialidade cigana. O que pode, de certa forma, ser compreensível pelas ênfases de André ao se referir como estando sozinho em Codó.

movimentação e produção de “trilhas” (INGOLD, 2015) mostram-se como concepções importantes para a compreensão das movimentações dos ciganos vereadores.

As “peregrinações” realizadas pelos ciganos não são aleatórias, refiro-me a um andar desvairado pelo mundo, ao sabor da morte. Existe lógica dentro dessas movimentações, na produção de “trilhas” que resultarão nas “malhas” posteriores. Dentro da literatura antropológica sobre as comunidades ciganas é muito forte o uso do conceito de “rede de relações”<sup>19</sup> para designar os fluxos, rotas, construção de laços afetivos e principalmente de parentesco. Aqui irei trabalhar com a ideia de “malhas” (INGOLD, 2015) por entender que tal ideia dialoga mais com as relações estabelecidas entre os ciganos, sendo tais relações atravessadas por conflitos e dissoluções de laços envolvendo os ciganos dessas cidades<sup>20</sup>.

Na cidade de Coelho Neto, os ciganos do bairro Bom Sucesso possuem uma relação muito próxima com seus parentes de Codó, Caxias e Aldeias Altas. Entretanto os Ciganos dos Quiabos estabelecem suas relações com os parentes das cidades de Chapadinha, Santa Quitéria e Brejo. Porém nem sempre foi assim, em outro momento explicarei detalhadamente como ocorreu essa divisão, partindo principalmente das ideias de “diferenciação” entre os ciganos e de noções como *ciganos desenvolvidos* e *ciganos de antigamente*; constituição de segmentos e conflitos.

Neste momento me deterei a explicar as “malhas” produzidas pelos ciganos do Bom Sucesso que também se entendem como os *ciganos desenvolvidos*. Apenas eles produziram relações dentro da política partidária, por outro lado, Paulo Cigano conta que tentou trazer Chico Cigano<sup>21</sup> para esse *lado da vida* pois ele estava preocupado com o futuro de Chico que já teria *se metido em algumas confusões*, entretanto Paulo relata que depois da morte do filho de Chico, conhecido como *Beterraba*, em uma festa de carnaval na cidade de Coelho Neto, Chico deixou a proximidade com Paulo para buscar vingança com a pessoa que matara seu filho. Da mesma forma, Dona Raimunda e Sr. Ferreira<sup>22</sup>, já falecidos, contaram que vieram de Aldeias Altas juntos com os Ciganos do Bom Sucesso, mas que posteriormente começaram a perder a relação com eles.

---

<sup>19</sup> Sobre isso, ver Edilma Monteiro (2019) e Florência Ferrari (2012).

<sup>20</sup> Tratarei sobre um evento acontecido em Coelho Neto como “Chacina Cigana”, que serviu como ponto de dissolução e solidificação de preferências entre os ciganos em Coelho Neto.

<sup>21</sup> Cigano dos Quiabos, hoje falecido, mas que antes de acontecer essa divisão entre os ciganos em Coelho Neto tinha uma relação muito próxima com Paulo.

<sup>22</sup> Ambos ciganos dos Quiabos.



Exceto esses envolvimento citados acima, pouco se pode observar de contato entre os ciganos dos Quiabos com os ciganos do Bom Sucesso e com a política partidária. Por isso priorizo agora a análise sobre as “trilhas” produzidas pelos três vereadores que venho acompanhando para falar sobre uma forma de *fazer política* específica que articula ciganidade, “movimento” e parentesco.

Como Reginaldo já desenvolvia um papel de mediador e de liderança entre os ciganos, quando pergunto a Paulo quando ele começa sua caminhada política ele se refere a Reginaldo como principal motivador, assim como André que também diz que Reginaldo foi um grande incentivador.

A minha trajetória enquanto político começa ajudando Reginaldo em sua carreira. Por sua vez, Reginaldo é incentivado a entrar como candidato pela influência de Soliney Silva, ex-prefeito de Coelho Neto. Que construiu uma amizade bem próxima com os dois e conseqüentemente com sua família (Paulo Cigano)

Em 2012 foi quando Soliney Silva, na época prefeito da cidade de Coelho Neto, propôs a Reginaldo que entrasse como candidato a vereador na cidade, Paulo sempre foi um ótimo cabo eleitoral para Reginaldo, conseguia sempre muitos votos, nas duas primeiras eleições de Reginaldo ele ficava sempre incumbido de conseguir garantir pessoas de um ou dois bairros.

Quando pergunto para Reginaldo sobre suas idas e vindas, ele explica da seguinte forma:

**Reginaldo:** lembro que a gente morou aqui, na época, em 88, 89, esse grupo João Santos estava a todo vapor.

**Pesquisador:** Em 88?

**Reginaldo:** Sim, em 88, 89. Em 94 a gente voltou pra Codó. Ai eu já voltei em 2004 depois, ou seja, vinte anos depois. Mas em 90, 89 eu ia trabalhar, cortando cana com o meu pai, aí chegava seis horas em casa.

Em outro momento ele fala:

Ê Arthur, aqui a gente teve duas etapas. Eu morei aqui em 90, tinha uns 10 a 12 anos. Aí meu pai foi embora pra Codó, foi lá que a gente estudou, depois eu já voltei em 2004 para cá, já homem, já casado. Aí fui explorar essa área empresarial, botei meu primeiro comercio ali perto do fórum, depois me envolvi na política, já depois de 2004. (Reginaldo Jansen)

Paulo Cigano relata que antes de ajudar Reginaldo, ele já havia desempenhado a função de *forte cabo eleitoral* em outra cidade para outra pessoa. Paulo coloca que a primeira vez que *se meteu com política* foi em 2004 apoiando a candidatura de Fernanda Bacelar à prefeitura de Aldeias Altas, neste caso ela não foi eleita, mas a partir desse momento Paulo começou a *tomar gosto pelo trabalho na política*.

Paulo também deixa um pouco mais claro as *andanças* que realizaram. Saíram de Codó, vieram para Coelho Neto, foram para Aldeias Altas, daí voltaram para Codó e em seguida vieram para Coelho Neto novamente. A última vinda para Coelho Neto aconteceu em 2006. É difícil datar de forma mais detalhada porque em cada cidade existe um movimento ininterrupto ora motivado pelo preconceito, ora quando algum cigano faz *alguma coisa errada* e o problema recai sobre todos, mas as vezes saem de um lugar porque não gostam mais de ficar ali. Uma família sai, as outras acompanham até que todos se retiram do local

Essa afirmativa de Paulo Cigano acerca dos motivos de saída é corroborada pela pesquisa de Edilma Monteiro com os ciganos de Mamanguape-PB na qual ela também afirma que os ciganos da Paraíba constroem “redes de relações” com as quais vão delimitando as fronteiras a partir dos conflitos existentes, mostrando que os conflitos possuem um lugar central para estabelecimento ou quebra de vínculos:

Os limites vão ser identificados a partir de possíveis conflitos do passado que se perpetuam no presente (...) no caso dos Calons, os conflitos quase sempre dimensionam as relações das/nas Redes, e são essas que direcionam e desenham seus limites relacionais (econômicos, culturais, sociais, territoriais e outros) (MONTEIRO, 2019, p. 169)

No caso dos ciganos de Coelho Neto, é interessante notar que esses conflitos servem também para diferenciar os ciganos, como a produção de vinganças e acertos de contas, e que por sua vez estão relacionados à produção de família e parentes.

Entre os ciganos, *parente*, *família* e *primo* possuem conotação diferente do uso comum, praticamente todo cigano é parente, mesmo que tenha feito algo de errado, principalmente algo que cause vergonha para os ciganos, nunca se nega que tais pessoas são parentes, mas nem todo mundo é família, assim como nem todo primo é consanguíneo.

Em Coelho Neto os conflitos desfizeram *família* e criaram *parentes*. Quero dizer com isso que algumas pessoas e relações que eram tidas dentro da alçada do conceito de

*família* dos ciganos, posteriormente aos conflitos na cidade, passaram a ser tratados como *parentes*. Entretanto, esses parentes não são citados com frequência, inclusive quando me refiro à chacina cigana e/ou a alguém que tenha relação com as pessoas envolvidas nesse acontecido, reparo que Reginaldo, Paulo e André sentem um certo desconforto ao falarem sobre, e mais, geralmente começam com a máxima *são parentes, não nego*. Porém, logo eles afirmam *mas eles são diferentes de nós*. Existe aí, nitidamente, uma diferenciação entre os status desses ciganos advindos de conflitos, inclusive compreendo junto com Monteiro (2019) que haja uma “morte social”<sup>23</sup> desses ciganos, pois eles não são referidos em conversas, menos ainda são chamados a estar com eles. Como já mencionei mais acima, esses ciganos forçados a condição de parentes, que são os ciganos dos Quiabos, não participam nem ajudando na campanha eleitoral, nem de Paulo nem de Reginaldo.

Apesar da política partidária ser um aspecto fora do universo cigano, a princípio, quando os ciganos a encaram e adentram nela, a ciganidade e as relações parentais dizem muito sobre como ela será administrada. Compreendo que aconteça uma produção de *fazer política* muito ligada à forma de ser cigano, a ciganidade. Paulo fala que começa ajudando Reginaldo porque ele é *da família*, não somente porque ele seja *parente*, pois, ao tentar me explicar sua relação com Reginaldo ele fala que *somos bem próximos, somos família*.

A partir dessas diferenciações de ciganos e dos conflitos existentes começa-se a demarcar espaços onde pode-se ir e aqueles que são proibidos, e essas fronteiras estão de acordo com os bairros. Bom Sucesso, Quiabos e Olho d’aguinha são bairros com presença cigana, mas, além disso, são também áreas políticas compostas por ciganos diferentes, pois os residentes ciganos não são os mesmos, são ciganos que se construíram diferentes, através principalmente de conflitos.

### **Modulações e Segmentos: um “movimento” que produz ciganos**

Essas articulações e produções de áreas políticas, como venho mostrando, apoiado por autoras da literatura antropológica acerca dos ciganos, fazem e desfazem relações,

---

<sup>23</sup>“Em geral, quando existe um conflito, os Calons (termo utilizado dentro da literatura específica para se referir aos ciganos) não contam o que o ocasionou e nem sobre as pessoas envolvidas. Podemos concluir como se houvesse uma espécie de morte social daquela pessoa; essa determinada pessoa deixa de participar das festas, deixa de ser citada nas conversas”. (2019, p. 170)

territorializam e desterritorializam parentes e inimigos. No caso de Coelho Neto entendo, através de minha observação e diálogos, que exista uma diferenciação de ciganos em termos próprios, através da noção de *segmento* acionada principalmente pelos ciganos do Bom Sucesso<sup>24</sup>.

*Segmento* entre os ciganos é uma categoria pensada relacionalmente, produzida a partir de situações cotidianas, mas principalmente vinda de conflitos. Essa noção é utilizada para categorizar tipos de ciganos na cidade, e as pessoas classificadas dentro de cada segmento podem ser mudadas, não são fixas, entretanto existe uma configuração atual presente que já marca um tempo de duração, sendo ela a divisão entre os bairros Bom Sucesso, Quiabos e Olho D'aguinha.

Essa separação geográfica por bairros não parece nada fortuita, pelo contrário, ela tem a ver com produções de pertencimento e solidariedade entre os integrantes de cada *segmento*. Esses segmentos apresentam adjetivos bem mais do que apenas a localização; o lugar e as *qualidades* de cada um são mutuamente produzidas, tanto por isso que esses segmentos são compostos por pessoas ciganas que vão sendo produzidos como *parentes*, *próximos* ou *primos*. Vale sempre ressaltar que essas configurações não são fixas, podendo mudar de acordo com algumas variáveis, mas principalmente por conflitos.

A noção de *segmento* entre os ciganos do Bom Sucesso é colocada em ação geralmente para se referir aos ciganos dos Quiabos. Outro momento em que ela é acionada é para se referir a um tempo em que os ciganos dos Quiabos e do Bom Sucesso não estavam separados, ou como estou trabalhando, “modulados” (PEREIRA, 2008). A ideia de “modulação” entra como um aporte analítico que ajuda a entender a dinâmica fluida não de identidades ciganas, mas de posições ciganas. Pois é válido pensar que a partir das relações e de processos contínuos os ciganos são colocados em situação de avaliações por eles mesmos.

Hoje os ciganos em Coelho Neto não se concebem como ciganos de igual modo. São ciganos diferentes, mas essa diferença não é natural, ou seja, nem sempre se perceberam como diferentes. Essa diferenciação foi sendo produzida através de uma série de conflitos, mas que culmina na chamada chacina cigana que descreverei no segundo capítulo desta dissertação.

---

<sup>24</sup> Sempre ouvi este termo entre os ciganos do Bom Sucesso, entretanto, entre os ciganos dos Quiabos poucas vezes ouvi, mas cheguei a ver essa referência, não tanto como entre os ciganos do Bom Sucesso.

É neste momento que reconheço a existência de separação segmentar entre os ciganos, que não ocorreu exclusivamente na chacina, mas vinha sendo processada antes e tem seu desfecho ali. Junto com Goldman (2001) entendo essa separação a partir de uma “perspectiva segmentar”, pois segundo ele, segmentaridade é, “sobretudo, uma perspectiva, perspectiva a partir da qual também o antropólogo deve observar a realidade social se ele realmente deseja se ver livre de todo atomismo e de todo substancialismo” (GOLDMAN, 2001 p. 76).

Porém, aqui cabe ressaltar um princípio da segmentaridade que estou trabalhando, a saber, a de que ele surge como uma teoria política, uma forma de resolver problemas ligados a relações de poder. A separação entre os ciganos aconteceu primeiramente pela insistência em conflitos que vão de encontro com a manutenção de honra e prestígio. Antecipando esse princípio, tiro do alvo dessa análise uma ideia que Goldman (2001) notifica como recorrente em análises segmentares sociologizantes, sendo ela o morfologismo. Com isso livra-se da ideia de que segmentos estejam diretamente ligados a linhagens (GOLDMAN, 2001)<sup>25</sup>.

Os ciganos em Coelho Neto, a partir desses conflitos, começaram a produzir diferenças. Segundo os ciganos do Bom sucesso existem os *ciganos desenvolvidos* e os *ciganos de antigamente*<sup>26</sup>. Os desenvolvidos, os do Bom Sucesso, não possuem, praticamente, nenhuma proximidade com os do Quiabos. Os do Bom Sucesso entendem que os do Quiabos não se atualizaram, querem viver uma vida de *carnicismo* atrás de *confusão com todo mundo*, não gostam de *botar os filhos na escola*, resolver tudo no *olho por olho*. Segundo os ciganos do Bom Sucesso, essas são práticas que guiaram os ciganos nos *tempos dos bisavôs* e hoje não tem como mais trabalhar/viver desse jeito.

Como expliquei ainda neste capítulo, essa diferenciação entre os ciganos de Coelho Neto resultou no afastamento dos ciganos dos Quiabos do apoio na política partidária. Apesar de que quando vão se referir aos ciganos dos Quiabos também falem

---

<sup>25</sup> “Ora, liberar a segmentaridade desse viés sociologizante significa igualmente liberá-la do “tipologismo” — no caso, da “grande divisão” que aprisiona o conceito, a oposição entre sistemas segmentares e sistemas estatais. Como vimos, os segundos são tão segmentares quanto os primeiros, ao menos a partir do momento em que passamos a nos interessar mais pelos processos e funções ou funcionamentos do que pelas formas. Nesse sentido, esse movimento faz com que nos afastemos, também, do “morfologismo”, o segundo grande fantasma que vimos espreitar a teoria da segmentaridade” (GOLDMAN, 2001, p. 77).

<sup>26</sup> Não pretendo desenvolver em termos evolucionistas, entretanto são termos tirados a partir das falas dos ciganos. Entendo esses termos como categorias êmicas que explicam a diferenciação entre os ciganos.

*são parentes, não nego*. Entendo aqui, junto com Monteiro, que há uma superação do que ela chama de “idioma de sangue” sobre o “idioma da socialidade”. (MONTEIRO, 2019).

Monteiro afirma que “o sangue fala”; apesar da socialidade também ser um elemento de ciganidade, pode haver situações, como ela descreve, de uma confusão causada por um “cigano misturado” que apesar de ter sido criado entre os ciganos de Mamanguape, é filho de um casamento cigano/não-cigano, e o motivo de tal comportamento “vergonhoso” para os ciganos vem do fato de ele ter sangue de não-cigano, ser um misturado. Nesse momento o “idioma do sangue” falou mais alto que o da socialidade (MONTEIRO, 2019).

Trago esse exemplo da etnografia de Monteiro para ilustrar que a ciganidade está em processo, ela é relacional. O “idioma do sangue” apontou a mistura desse cigano em Mamanguape, já em Coelho Neto, o “Idioma do sangue” parece ser o que fala mais alto quando a produção da diferença entre os ciganos dos Quiabos e do Bom Sucesso parece chegar em um ponto perto da total separação. O “idioma do sangue”, no caso de Coelho Neto, constata a proximidade, ao contrário do cigano de Mamanguape que viu sua distância ser denunciada pelo sangue.

É por isso que a produção de *segmentos* ainda se trata, mais especificamente, de uma produção de *segmentos ciganos*. Pois por mais que se trate de uma diferenciação entre ciganos baseada em um conflito que gerou tanta vergonha para os ciganos do Bom Sucesso, ainda há o reconhecimento, pelos ciganos do Bom Sucesso, da ciganidade dos ciganos do Bairro dos Quiabos.

A ciganidade se mostra assim como um processo fluido e que passa por um constante construir-se em relação com os ciganos e os não-ciganos. Conflitos produzem ciganos diferentes, mesmo que já exista uma relação pré-existente, ou seja, já estabelecida, um status de cigano consolidado. Não há fixidez mesmo nesse consolidado, dependendo de como ele irá se portar, dependendo dos elos que ele irá construir pode ver sua ciganidade ser colocada em pauta.

A produção dos *segmentos ciganos* em Coelho Neto é um exemplo bem fortuito da produção de diferenças de ciganos, pois antes dos problemas envolvendo os ciganos dos Quiabos, não existia tal diferenciação de ciganos, tanto como mencionei acima, existia entre Paulo e Chico cigano uma proximidade, assim como também houve vários deslocamentos juntos desses ciganos, mas que, quando aconteceu a morte de Chico e

posteriormente a Chacina Cigana, houve uma total ruptura de relações entre eles, consolidando a construção de tipos de ciganos diferentes em segmentos, *desenvolvidos* e os *de antigamente*. Por outro lado, existiu também uma diferenciação entre eles a partir de termos de parentescos. Antes dessa separação, todos eram uma *família* feita por *primos*, hoje são apenas *parentes*, daqueles parentes que só se faz referência quando se é perguntado por eles. Eu notava isso sempre que tentava estabelecer paralelos entre eles, existia uma certa resistência a falar sobre seus *parentes* dos Quiabos.

Todos esses processos de diferenciação, que envolvem região, “movimento” e segmento, tanto dentro da cidade de Coelho Neto, como para fora da cidade são arcabouços teóricos do mundo dos ciganos, da sua socialidade e são usados para lidar com um campo de tensões que está fora do mundo cigano: a política partidária. Os vereadores ciganos, a partir desses conceitos produzidos na sua prática, na sua trajetória e suas andanças cooptam formas de garantir sucesso no processo eleitoral, inclusive articulando relações bem mais amplas, abarcando mais de uma cidade para *fazer um deputado*”.

Percebo que a ciganidade é relacional, não só para produzir ciganos diferentes e mobilizar termos de parentesco, mas ela também se coloca como ferramenta de incorporação de outros campos do mundo não-cigano para o universo cigano, que é o caso da política partidária. É a partir desse jogo conceitual e de ligação de mundos que a socialidade cigana, a partir, principalmente da fluidez da ciganidade, possibilita que os vereadores ciganos consigam manusear conceitos e concepções tanto de seu mundo quando do mundo não-cigano.

### **Malhas e trilhas: “movimentos” que produzem lugares**

A ciganidade é um processo de diferenciação que é produzido durante a vida, através de relações estabelecidas no nível familiar, comercial e relacional. Os conflitos são sempre motivos de agregação ou de separação, dependerá sempre se tal ocorrido produziu ou não vergonha para a comunidade. Essa vergonha advinda de conflitos também cria e descreve laços, e esses vínculos são produzidos principalmente nos variados deslocamentos que os ciganos produziram durante a vida.

Aqui, percebo com Comerford (2014) que os deslocamentos no espaço produzem certos “lugares morais” (2014 p. 15). Esses “lugares” são o resultado de deslocamentos e produções relacionais que a partir de conflitos tornam possível localizar quem é cigano de determinado bairro e, assim, podendo elencar um arcabouço de histórias e conflitos que legitimam tal localização.

Comerford (2014) entende que a fluidez do pertencimento a determinado local e família corresponde a processos que ele chama de “familiarização” e “desfamiliarização”. Porém, compreendo que entre os ciganos não há um tornar família, mas sim um tornar parente, pois conceitos como família e parentes possuem um sentido diferente entre os ciganos. A partir da análise de Comerford entendo que o conceito de “família” utilizado por ele possui uma proximidade com a ideia de parente utilizada pelos ciganos.<sup>27</sup>No caso dos ciganos em Coelho Neto, o que acontece é um *tornar parente e desfazer parente*

Nesses deslocamentos e nas produções e/ou evitações de conflitos é que se estabelecem vínculos que dialogam com os espaços. Como já disse anteriormente, esses vínculos e laços são entendidos para uma bibliografia contemporânea como “redes” (Ferrari, 2010; Monteiro, 2019) entretanto estou chamando essas conexões de “malhas” (Ingold, 2015) por entender que esse conceito dialogue mais com a fluidez e movimentações produzidas pelos ciganos nessas cidades.

É a partir dessa malha produzida pelos ciganos do Bom Sucesso que hoje, posteriormente ao sucesso dos vereadores Paulo, Reginaldo e André, se pauta a possibilidade de se *fazer* um deputado cigano. Para se *fazer* um deputado cigano, o primeiro critério, elencado tanto por Paulo como por André, é acionar os *primos de Caxias*. Esses *primos de Caxias* não se relacionam com os ciganos dos Quiabos, justamente por eles terem protagonizado um conflito muito conhecido nesses últimos cinco anos na cidade de Coelho Neto.

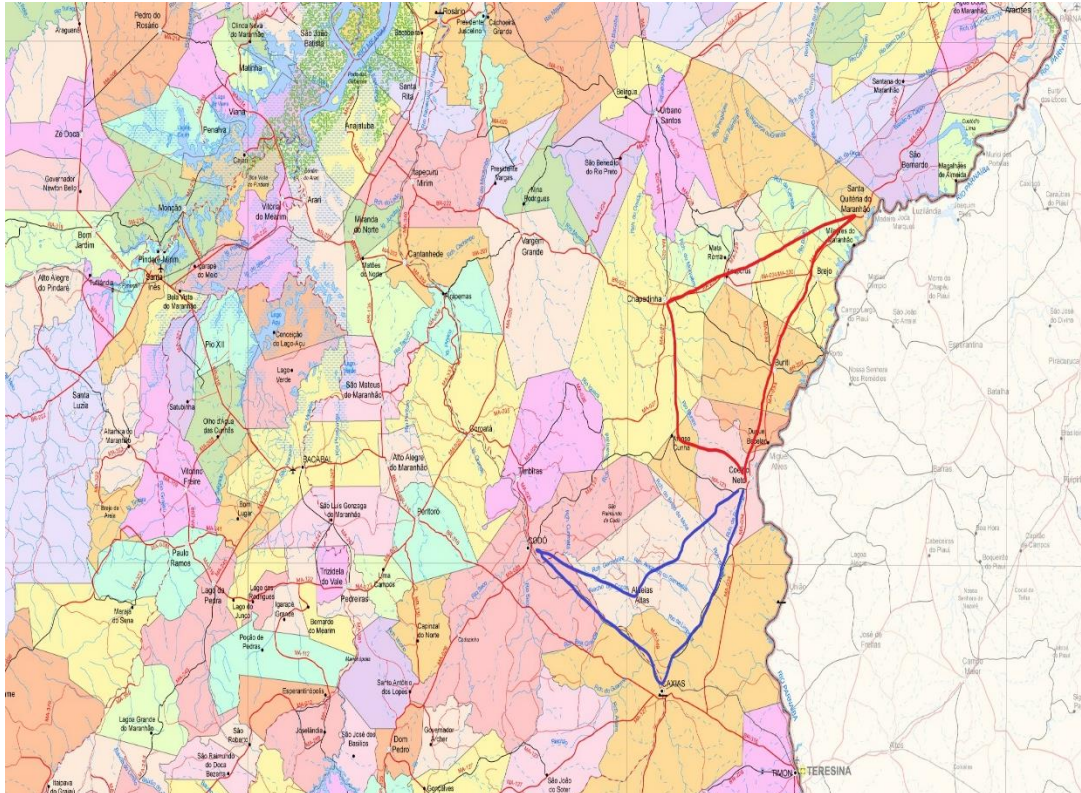
A malha produzida pelos ciganos do Bom Sucesso percorre as cidades de Coelho Neto, Aldeias Altas, Caxias e Codó. Já a dos ciganos dos Quiabos passa por Brejo, Chapadinha e Santa Quitéria. Tomo essas cidades a partir das falas dos próprios ciganos que falam sobre viagens, parentes que nelas moram, negócios que são feitos, assim como

---

<sup>27</sup> “O fundamental do ponto de vista desta argumentação, como veremos, é perceber que os lugares morais, ou a própria possibilidade de estabelecer os vários lugares geográficos em que essas famílias habitam como lugares morais, implicam uma interdependência dessas várias localidades habitadas por segmentos de base familiar” (COMERFORD, 2006, p. 15).



histórias de momentos que precisaram ser recebidos, por causa de conflitos produzidos em outros lugares.



**Figura 1**  
A figura acima demonstra as trilhas produzidas pelos ciganos de Coelho Neto no Estado do Maranhão, onde a linha azul corresponde às cidades de Aldeias Altas, Caxias e Codó; e a linha vermelha às cidades de Chapadinha, Brejo e Santa Quitéria.  
Fonte: IBGE

Coelho Neto, até onde sei, de acordo com os materiais de campo que tenho, é uma cidade que divide sentidos, quero dizer com isso que é um lugar criado e compartilhado por ciganos, que têm uma perspectiva diferente acerca do espaço que experimentam. E a experiência que produz tais espaços vem dos conflitos e consequentemente dos deslocamentos.

Apesar de estar me referindo a relações produzidas para fora de Coelho Neto, dentro da cidade existe uma série de deslocamentos motivados, às vezes, pelos mesmos conflitos que criam separações entre os ciganos de fora da cidade. Quando há esses conflitos, não se criam necessariamente fronteiras, não é sobre fronteiras rígidas ou espaciais que se trata, e sim sobre a delimitação de fluxos. Antes da chacina que descreverei no segundo capítulo da dissertação, existia uma certa relação fluida entre os

ciganos dos Quiabos e Bom Sucesso, dessa forma a concepção e a experiência do espaço eram outras, não existiam locais a serem evitados, muito menos a diferenciação entre ciganos. Os conflitos e os deslocamentos entre os ciganos mudam espaços e mudam também a percepção de ciganidade. Por fim, o espaço a partir dessas ideias parece estar sempre em processo, em “movimento”, assim como ciganidade e família.

Com isso, analisando os materiais de campo, concordo com o estudo de Márcia Pereira (2009) sobre as movimentações dos indígenas Mura na região Amazônica, quando ela afirma que acompanhar as movimentações não é simplesmente produzir uma “cartografia física dos deslocamentos demográficos” (p. 51):

Espaço e tempo estão imbricados em cada evento de mobilidade, de tal modo que mais importante do que identificar os pontos de partida e os pontos de chegada de grupos e/ou indivíduos, são esses eventos que precisam ser interrogados, ou seja, são eventos e lugares que entrecruzam várias histórias. (PEREIRA, 2009, p. 51-52)

Junto com Pereira (2009) penso que demonstrar as movimentações dos ciganos tanto dentro de Coelho Neto quanto fora não é só traçar linhas de caminhadas, mas perceber as relações e percepções do espaço e “movimento”, assim como ciganidade e parentesco. As movimentações e entendimentos dessas relações geram, como estamos trabalhando aqui, noções para pensar o envolvimento partidário dos ciganos, as ligações que eles produzem, as alianças, assim como os adversários.

**Observamos que no curso de suas vidas, indivíduos e suas famílias atravessaram e transitaram por espaços diversos.** Seus percursos passaram através de diversas ‘fronteiras, que na maioria das vezes não foram impostas por eles, **de todo modo são esses traçados que podem nos informar** sobre a tessitura Mura e suas experiências espaciais nesse cenário intrincado de lagos e rios. Mas é também um modo de levar a sério que as guerras ou mesmo as mudanças recentes, estão também traçando outros ordenamentos sociais que desfazem, deslocam, redefinem referências e mediações das relações sociais, tempos e espaços da experiência e práticas Mura. **As trajetórias e deslocamentos em que elas transcorrem podem oferecer indicações sobre as lógicas e dinâmicas societárias em curso, tais lógicas serão fundamentais na compreensão** da guerra entre eles<sup>28</sup> (PEREIRA, 2009, p. 53).

Entretanto, o que é guerra para os Mura, neste trabalho será a política partidária. Difere também que os deslocamentos dos ciganos se dão em ambiente urbano, nas cidades já citadas, e é a partir das movimentações e motivos de deslocamento que de alguma

---

<sup>28</sup> Grifos meus.

forma pode-se compreender sobre as formas de associação dentro da política partidária e formação de outros conceitos como ciganidade e parentesco.

Venho mostrando aqui que existe uma noção entre os ciganos de movimentação que diverge da noção de nomadismo. Mostrar as articulações e os “movimentos”, caminhos, ou trilhas, feitas pelos ciganos, não é para localizá-los dentro de um conceito como nômades, mas para complexificar todas essas *andanças* e a realidade construída pelos ciganos de Coelho Neto.

Em sua etnografia sobre os ciganos Calons de Campinas-SP, Florência Ferrari fala sobre como para os ciganos existe uma noção de tempo e “movimento” diferente das pessoas ocidentais. Ela explica que para os ciganos quem passa é o mundo e não as pessoas, e os ciganos é quem estão parados (FERRARI, 2010). Ou seja, a relação com o ambiente é totalmente diferente entre os ciganos, e as ideias de nomadismo não estão presentes no arcabouço de socialidade dos ciganos, eles possuem referências diferentes de como estão se movendo e de como o tempo passa. Estar parado não significa estar sedentarizado.

Nomadismo é um conceito ocidental, que vai de encontro à fixidez, que de certa forma é como os ocidentais, não-ciganos, entendem como o jeito certo de estar no mundo. Por isso também existe uma certa confusão de compreensão sugerida por Deleuze e Guattari (2015) quanto à ideia de nomadismo, pois embaralha a ideia de velocidade e “movimento”: “O movimento pode ser muito rápido, nem por isso é velocidade; a velocidade pode ser muito lenta, ou mesmo imóvel, ela é, contudo, velocidade. O movimento é extensivo, a velocidade intensiva.” (DELEUZE e GUATTARI, 2015, p. 55).

O “movimento” é inerente aos ciganos, apesar da velocidade ser praticamente zero ou muito baixa. As articulações políticas dos ciganos vereadores sempre são colocadas como fruto desse “movimento”. Paulo e Reginaldo sempre quando vão se referir às experiências dentro do mundo da política falam *minhas andanças na política começaram quando... ou comecei a andar pela política junto de....*

Florência Ferrari (2010) entende que para os ciganos existe um “nomadismo cosmológico”, que existe na forma de pensar e/ou na forma de se relacionar com a terra. Afirmar categoricamente que os ciganos de Coelho Neto produzem um “nomadismo cosmológico” como Ferrari argumenta pode ser um tanto audacioso da minha parte hoje,

pois precisaria de mais tempo para analisar todas essas nuances das *andanças* produzidas por eles, mas serve, sem sombra de dúvidas, para complexificar essas articulações, assim como perceber que existe uma relação entre a ciganidade e as relações políticas estabelecidas entre esses ciganos vereadores em Coelho Neto.

Quando se discute sobre ciganos, trazer a oposição nomadismo e sedentarismo se torna um tanto perigoso, pois lança-se mão de caminhar em uma linha tênue de uma imagem estereotipada. Entretanto, afirmo novamente não ser essa a intenção aqui. Quero analisar as relações feitas pelos ciganos dentro de uma região, assim como as movimentações produzidas por eles. Também entendo que esses deslocamentos, movimentações ou mesmo *andanças* dialogam com uma ideia de ciganidade acionada pelos ciganos vereadores, e mais além, percebo que esses aspectos encorajam os vereadores a pensarem em objetivos maiores - eleger um deputado - assim como servem de confirmação de sucesso na política partidária.

Separar a realidade dos ciganos somente em processos de sedentarização e/ou nomadismo é simplificar as relações através de conceitos fora do mundo dos ciganos. Conceitos como *andanças*, “movimento” e “trilhas” trazem dinâmica a “vida vivida” dos ciganos, assim como, podemos ampliar, se necessário, para pensar outras realidades. Junto de Ferrari (2010) e Deleuze e Guattari (2015), entendo que estar parado não quer dizer sedentarismo, e “movimento” não significa errância ou falta de planejamento e aleatoriedade:

A vida só pode ser pensada como um fluxo, uma vida de correria, e se eles estão vistos de fora, parados, a recusa a ligação com a terra permanece atuante. (...) Estar parado não significa estar sedentário, mas antes configura um movimento em velocidade zero. Do mesmo modo, o sedentário não se define como alguém que está parado, mas como alguém que se territorializa, que cria uma relação com a terra, uma relação de propriedade, de pertencimento (FERRARI, 2010, p. 268).

O nômade se distribui num espaço liso, ele ocupa, habita, mantém esse espaço, e aí reside seu princípio territorial. Por isso é falso definir o nômade pelo movimento. (...) Certamente o nômade se move, mas sentado, ele sempre só está sentado quando se move (...) O nômade sabe esperar, e tem uma paciência infinita (DELEUZE e GUATTARI, 2015, p. 55).

Dessa forma, entendo que os ciganos produzem conceitos a partir de sua noção de “movimento”, principalmente a ideia de *andanças*. Isso revela a concretude das “trilhas” produzidas pelos ciganos vereadores, resultando nessa articulação para *fazer um deputado cigano* como eles postulam. Não só os conceitos demonstram a importância do

“movimento” e deslocamentos produzidos pelos ciganos, mas as relações produzidas nos vários locais que estiveram. Vejo isso nas recorrentes referências desses ciganos aos envolvimento com política em Aldeias Altas, no caso de Paulo Cigano, e Caxias, no caso de André Jansen.

Segundo Ferrari (2010), uma análise mais interessante e possivelmente mais reveladora seria entender as “acelerações e desacelerações” feitas pelos ciganos em seus “movimentos” e velocidades. Ela sugere que “seguir os atores” já traria um amplo arco de possibilidades de pesquisa.

Em uma das primeiras visitas de pesquisa que fiz aos ciganos do Quiabos, quando perguntei o porquê de vir para Coelho Neto, Dona Raimunda me respondeu rapidamente, *por que aqui rolava o dinheiro*. Essa fala dialoga com o momento do estabelecimento do grupo João Santos, em meados dos anos 90. Ferrari (2010) aponta uma situação semelhante:

Os Calón de Jaboticabal que estão comprando casas e morando apontam como principal motivo dessa escolha o fato de ser um lugar ‘bom pra rolo’, onde tem muito ‘garron conhecido’, na cidade, na prefeitura, onde tem uma cartela de clientes ‘certos’, enfim, onde criaram uma rede de negócios rentável com os gadjes<sup>29</sup> da região (FERRARI, 2010, p. 272).

Os motivos elencados pelos ciganos de Coelho Neto para “desacelerarem” na cidade, vão de acordo com os motivos vistos por Ferrari (2010) em Campinas e Monteiro (2018) em Mamanguape. Reitero que outro motivo de desacelerar esteja presente nos conflitos, tanto entre ciganos/ciganos como entre ciganos/não-ciganos, principalmente se tais conflitos resultam em morte.

De acordo com Ferrari (2010) esses “movimentos” e velocidades criam “áreas políticas”, regiões baseadas em afetos e desafetos:

Essa concepção de uma região ‘de parentes’ versus uma região ‘de inimigos’, ou de ‘ciganos estranhos’ cria áreas políticas que devem ser consideradas nos deslocamentos. Áreas políticas, é preciso reforçar, não se confunde com ‘territórios’, pois tanto parentes como inimigos são desterritorializados. Se o parar/morar não significa fixação, o viajar/andar tampouco significa errância, o movimento, sendo absoluto, não se define com relação ao espaço físico, ou território, mas sim à rede afetiva de relacionalidade- parentes, inimigos, estranhos, gadjes (FERRARI, 2010, p. 273).

---

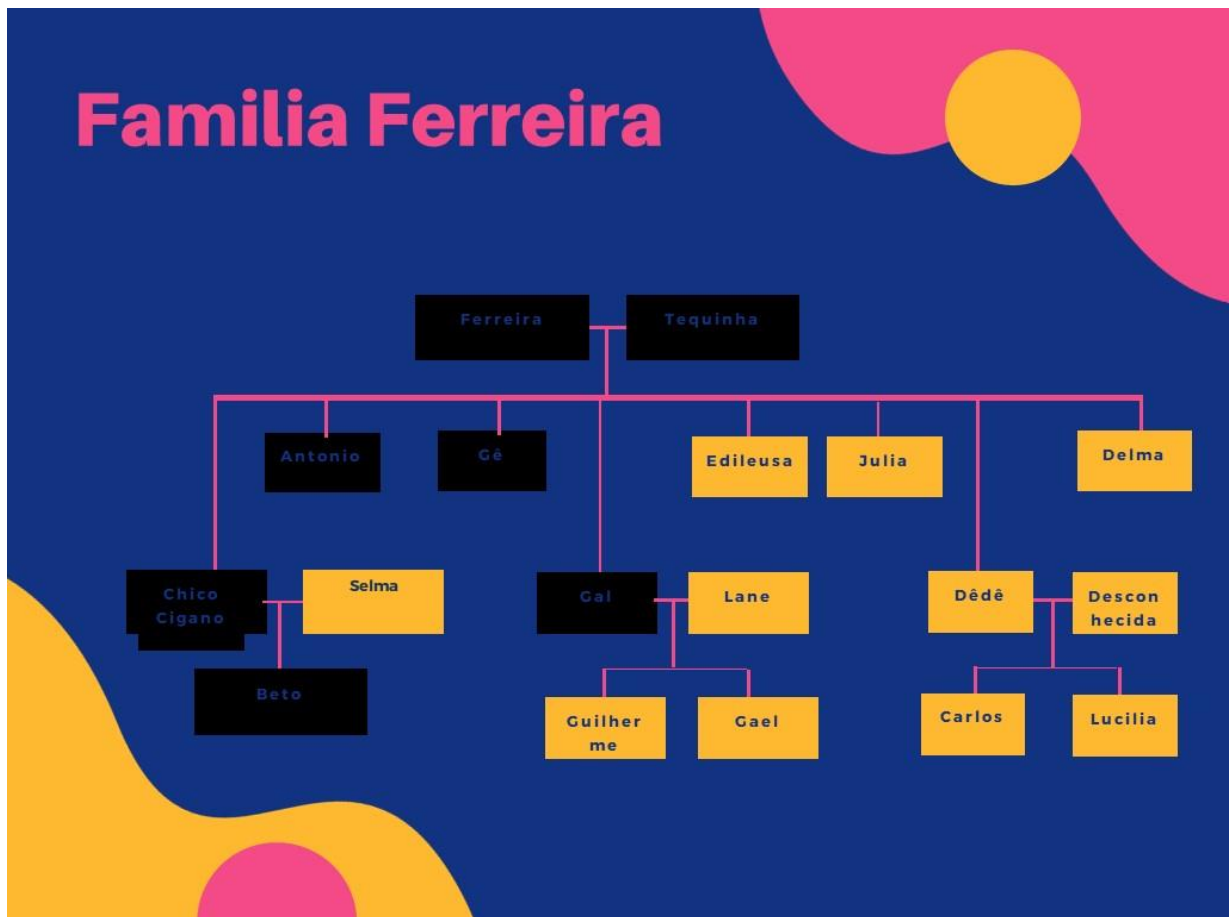
<sup>29</sup> Termo utilizado entre os ciganos para se referir aos não-ciganos.

Seguindo essa trilha, percebo que o “movimento” dentro dessas “áreas políticas” feito pelos ciganos, mas principalmente pelos ciganos vereadores - no caso é o que me importa neste momento por estar analisando a articulação de um *fazer deputado* - apresenta um diálogo entre as concepções de ciganidade desses ciganos, pois vale-se de um deslocamento próprio da socialidade cigana, e que se reverbera tanto em exemplos das trilhas produzidas como pela literatura antropológica acerca dos ciganos.

Outra movimentação importante de ser colocada aqui refere-se aos ciganos dos Quiabos. Mesmo não saindo da área que corresponde ao bairro existe aqui uma certa “aceleração” e “desaceleração” (FERRARI, 2010) dos ciganos dentro do bairro, sendo motivadas principalmente por conflitos entre os ciganos e envolvendo demais moradores.

É muito difícil descrever o fluxo dos ciganos no bairro dos Quiabos porque em menos de seis anos, antes de começar essa pesquisa, já aconteceram enormes mudanças na ocupação de casas e constituição de vínculos, só nesse bairro. Após o início desta pesquisa também houveram algumas mudanças nessas configurações, uma das principais para os deslocamentos dentro do bairro dos Quiabos, além dos conflitos em si, foi o luto.

O cigano mais velho do bairro era o Sr. Ferreira, que foi quem trouxe sua família, composta por ele, sua esposa (Tequinha) e seus oito filhos (cinco homens e três mulheres). E essa matriz familiar é importante aqui, porque a partir deles começa a se desenrolar uma série de movimentações. Para ilustrar e facilitar a visualização de alguns exemplos que serão citados aqui a imagem abaixo descreve a família Ferreira e sua distribuição em três gerações, mais a frente descreverei melhor a relação entre a terceira geração. Os nomes colocados em preto correspondem a pessoas já falecidas, retirando Sr. Ferreira e sua esposa os demais morreram em decorrência de conflitos entre ciganos.



**Figura 2**  
**Diagrama de Parentesco da Família Ferreira**  
 Fonte: Arthur Pinto

De todas as pessoas presentes nessa genealogia, apenas Selma não é cigana. Agora irei demonstrar os deslocamentos realizados apenas nesse bairro tendo como principais protagonistas as pessoas aqui apresentadas. A partir daqui ficará nítido que, assim como coloca Ferrari (2010, p. 246), as noções de “tempo e espaço ganham expressividade em dois campos que se interconectam: a relação com os mortos e com a viagem”.

Os conflitos, como estou apresentando aqui, possuem um lugar de importância na forma de estar no mundo para os ciganos, e quando eles resultam em mortes tomam um certo agravante. Tenho acompanhado de perto durante os dois últimos anos a vida dos ciganos no bairro dos Quiabos, e o que tenho percebido é que a morte de um cigano traz certos tabus sobre os vivos, ou mesmo implicações de relação para os que ficam.

Sr. Ferreira e Dona Tequinha faleceram respectivamente em dezembro de 2019 e janeiro de 2020. Durante aproximadamente seis meses a casa na qual eles moravam foi

totalmente evitada, as portas não foram abertas e muito menos limpas. Assim aconteceu com a casa de Antônio (que era ao lado) e de Gal, que se situava em uma rua de frente.

A partir das primeiras mortes advindas da chacina cigana, os demais parentes também se afastaram. Foi nesse momento que Dêdê saiu de sua casa perto da de seu pai e foi para uma casa recém adquirida duas quadras depois da rua dos ciganos. Junto com ele foram seus dois filhos.

Posteriormente, a esposa de Gal, Lane, com Gael ainda na barriga, volta para a casa onde morava com seu falecido marido, entretanto alguns problemas em relação à guarda de seu filho começaram a provocar certa tensão entre ela e suas cunhadas<sup>30</sup>. Como ela ainda estava grávida foi protegida de muitas brigas, segundo ela, mas depois que teve a criança esses conflitos vieram à tona, inclusive chegando muitas vezes às vias de fato. Um dos principais motivos dos conflitos dizia respeito à guarda das crianças e ao luto não vivido de Lane segundo as irmãs de Gal, pois elas diziam que Lane não honrava sua memória, pois ela começou a dar festas na casa em período menor de um ano após a morte de seu marido, assim como um início de relacionamento de Lane com outro cigano de outra cidade.

Por conta dessa conflitualidade, e pelo fato de Lane não ser cigana de Coelho Neto e não ter nem pai nem mãe em Coelho Neto, ela também se muda para a casa na qual Dêdê está morando. Possivelmente se seus pais fossem da cidade, ela voltaria a morar com eles, pois pelo que fui percebendo os ciganos em Coelho Neto em todos os casos que conheci a mulher vai morar junto ou próximo da família do marido. Corroborando com isso está o fato de que a casa construída por Gal para ele e sua família não ficou para os cuidados de Lane, mas sim das suas cunhadas.

Essas tensões são presentes não só entre os ciganos de Coelho Neto, assim como sua importância e característica de afastar ou aproximar parentes não são exemplos soltos dentro da bibliografia sobre os ciganos, tanto em nível nacional como internacional, Alexandra Castro (2007), que realizou trabalho de campo com os ciganos de Lisboa, ressalta que “Quando estes conflitos são com outros ciganos pode originar-se a criação de contrários, impedindo a co-presença num mesmo território das famílias envolvidas e implicando a criação de novas fronteiras e territorialidades (...)” (2007, p. 8). Ferrari

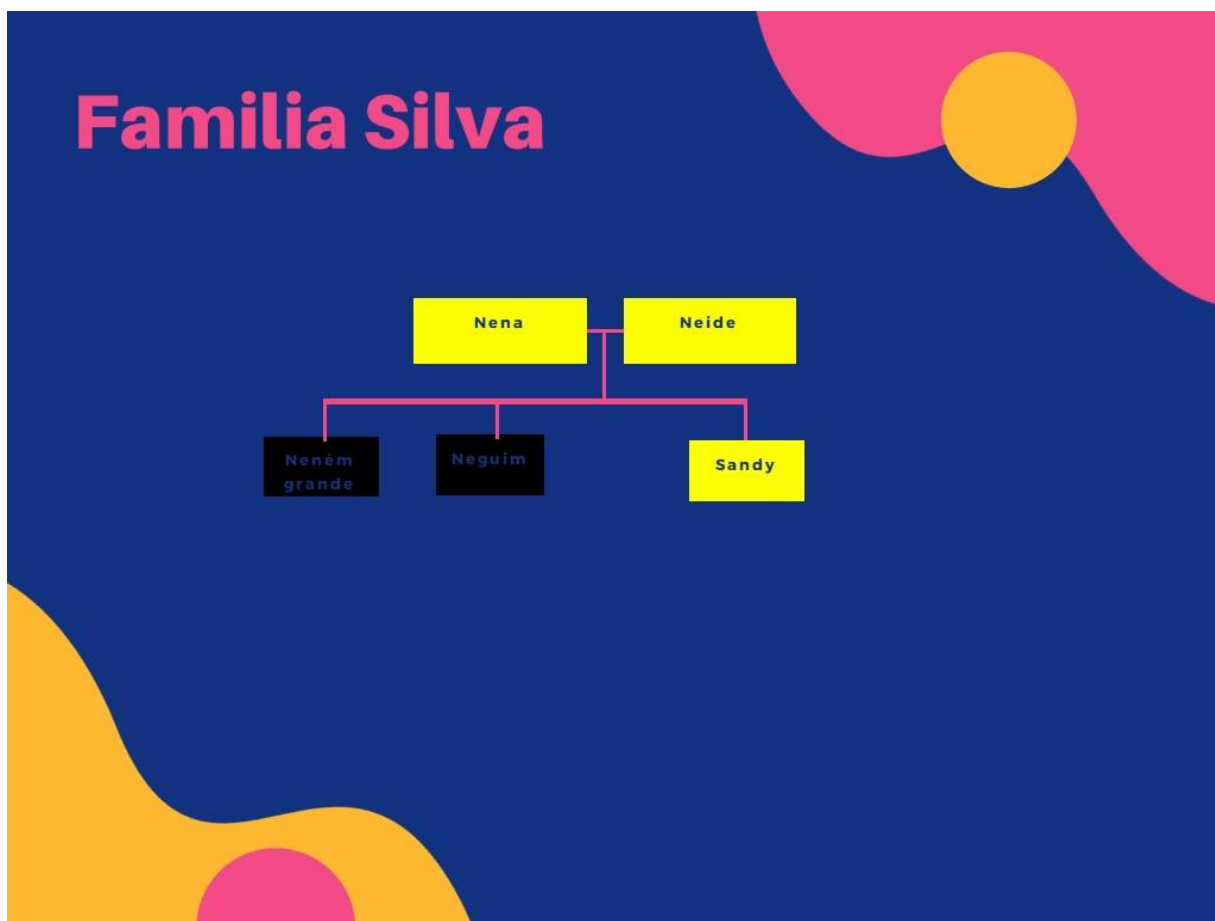
---

<sup>30</sup> No próximo capítulo irei trabalhar com essa tensão em relação à guarda da criança, pois ela diz muito a respeito de como a ideia de família e parentesco é utilizada entre os ciganos.



(2010) coloca que o luto geralmente ocasiona muitos conflitos pois é nele também que se explicita diferenças entre parentes próximos e distantes.

Porém não necessita haver necessariamente uma morte para que haja também deslocamentos por motivos de desonra. Outra família que se relacionou com a família de Ferreira foram os Silva, também ciganos, *parentes, mas nem tanto* como dizia Gal em relação aos filhos de Neide, abaixo está localizado a genealogia dessa família.



**Figura 3**  
**Diagrama de parentesco da Família Silva.**  
**Fonte: Arthur Pinto**

Assim como na outra genealogia, os nomes em preto correspondem a falecimentos, embora só Neném Grande tenha morrido por resultado de conflitos entre ciganos, seu irmão Neguim morreu por motivos naturais dez anos antes da sua morte. NG<sup>31</sup> começou a se envolver com o que seus primos<sup>32</sup> chamavam de *coisas pesadas*<sup>33</sup> e

<sup>31</sup> Neném grande.

<sup>32</sup> Filhos de Dêdê. Tratarei dessa terminologia de parentesco no próximo capítulo, mas aqui é um bom exemplo de como ela possui um sentido diferente do usual, pois os filhos de Dêdê não possuem vínculos consanguíneos com ele, mas sempre se apresentam como tal para os demais.

<sup>33</sup> Aparentemente esse termo diz respeito ao tráfico de drogas.

por isso seus parentes começaram a se afastar dele, acionando a ideia de que ele estava trazendo vergonha para seus parentes entrando nos problemas advindos desses envolvimento. Por conta disso sua família começou a ficar isolada dos demais, foi sendo retirada da convivência pouco a pouco<sup>34</sup>, e até mesmo protagonizando brigas propriamente ditas com seus primos, principalmente Carlos.

Como é possível perceber, as movimentações não são simples, muito menos motivadas pelo acaso, elas corroboram com concepções de mundo. Elas dizem respeito a formas de se relacionar com conceitos como parentes, conflito e honra. Nenhum cigano sai de um lugar para outro por nada, sempre há uma motivação. As relações entre os ciganos atravessam tempo e espaço, não são fixas. Em determinado tempo pode haver certos amigos e parentes e posteriormente estes podem não apresentar mais o mesmo status de relação, dependerá principalmente da existência de conflitos. De outra forma, pode-se ver que uma mesma pessoa, posteriormente a um deslocamento, apresenta características diferentes, sendo elas de amizade ou inimizade. Essa fluidez das relações entre ciganos que dialogam com os lugares está presente na análise de Comerford (2014) quando se refere a deslocamentos motivados por conflitos que batem de frente com relações preestabelecidas de parentesco:

Assim, uma relativa concentração em um dado lugar, e uma certa dispersão também, não tanto de indivíduos, mas sobretudo de segmentos de famílias, é resultado de buscas constantes e coletivas por localizar-se socialmente, no sentido de conquistar um lugar moral, por fim localizando-se também geograficamente em variados lugares. Qualquer história de vida vai mencionar deslocamentos da família e dos indivíduos. Desde deslocamentos próximos, de uma fazenda ou córrego para outro, até deslocamentos maiores e mais arriscados, como quando um pai busca terras em um município vizinho e aos poucos vai estabelecendo a família e outros parentes nas proximidades, até o ponto de se tornar uma família “que conta” em um córrego (e talvez deixar de sê-lo em outro córrego). Há muitas histórias de famílias que chegam, e que com o passar dos anos se revelam como uma “ponta de lança” da expansão de uma grande família de uma localidade vizinha, que pode aos poucos ir se transferindo (COMERFORD, 2014 p. 15).

Aqui, a ideia de “lugar” (COMERFORD, 2014) ou “território” de Marques (2002) se mostram tendo uma ligação, porém uma conexão onde se alternam mutuamente, onde um pode tomar o lugar do outro, principalmente a partir da existência de conflitos, pois

---

<sup>34</sup> Mesmo sendo evitados pelos demais, a família de NG continuou morando na mesma rua até a morte de NG em fevereiro de 2021.

segundo Marques (2002) o “território aparece como princípio fundamental de organização social, operando seus recortes sobre bases parentais. Do mesmo modo, o território é todo marcado por códigos fundados no parentesco, mas de forma também pragmática” (MARQUES, 2002 p. 215).

As relações entre ciganos apresentam certa complexidade envolvendo o espaço e tempo em que estão colocadas. Por outro lado, elas sofrem uma gradativa complexidade quando são acionadas noções como sangue, família, parente, ciganidade, atingindo o alto de densidade quando ocorrem conflitos entre eles.

Dessa forma, pude mostrar neste capítulo que as movimentações dos ciganos de Coelho Neto são um aspecto extremamente importante de sua socialidade. As movimentações ocupam um lugar transversal, influenciando o parentesco, confluências partidárias, produção de conflitos, afiliação entre diferentes *segmentos ciganos*. As movimentações são uma parte importante para a produção de coletividade cigana, inclusive para a produção de uma diversidade cigana dentro dos processos de coletivização. Esses deslocamentos influenciam em áreas como parentesco e política, mas nem sempre são apenas consequências, são também causa para tais *andanças*.

Mostrei neste capítulo que essas movimentações produzidas pelos ciganos nada tem a ver com a ideia de nomadismo comumente associada a esses coletivos, pois as suas movimentações além de não serem ao acaso passam por um crivo da socialidade cigana e que de certa forma compreende os espaços não como caminhos que devem ser feitos de um ponto a outro, mas sim a construção de “malhas” que transparecem relações vividas por cada lugar no qual os deslocamentos acontecem. Não se mira em um ponto que deve ser chegado, uma parada final, ou um local de partida, todas as cidades nas quais os ciganos estabeleceram relações e posteriormente precisam sair, são elas mesmo “trilhas” deixadas e construídas.

No próximo capítulo tratarei apenas do lugar político em relação ao qual essas movimentações são tanto causas como consequências. Adicionalmente, também analisarei as relações de poder implícitas em conflitos, o lugar que os conflitos ocupam na socialidade cigana, assim como descreverei o conflito que marca a minha pesquisa, e que tem um papel de extrema importância para a consolidação do atual paradigma de relação entre os ciganos.

## 2. “A CHACINA CIGANA”: CONFLITOS, PODER E POLÍTICA PARTIDÁRIA

Neste capítulo irei tratar da dimensão política nas relações entre ciganos e não ciganos. Para isso, trarei como exemplo um conflito que é entendido como o ápice de velhos problemas enfrentados pelos ciganos em Coelho Neto, esses problemas estão diretamente ligados a crises de condutas compreendidas como certas ou erradas, sendo mais específico, à prática de *acerto de contas*.

O *acerto de contas* é uma prática de recuperação da honra, perdida em uma *briga* ou *desavença* que poderá ou não resultar em morte. Geralmente existe uma barreira de parentesco que evita que muitas dessas *brigas* cheguem a óbito, entretanto quando ela se destina a pessoas não consideradas *parentes* a morte da pessoa em questão é sempre vista como possibilidade.

Os ciganos em Coelho Neto percebem o *acerto de contas* de formas diferentes. Os ciganos do bairro dos Quiabos, não acham problema nessa prática, entretanto no Bom Sucesso e Olho d’aguinha essa forma de *resolver problemas* é vista com maus olhos. Para eles, esse tipo de ação é *senal de atraso* e dá margem para criar uma *má reputação* dos ciganos. No Bom Sucesso e Olho d’aguinha, sempre que ouvem falar de confusões envolvendo os ciganos dos Quiabos, a máxima é a mesma: *esses são ciganos de antigamente*, não se *desenvolveram*, precisam *andar muito para chegar na gente*.

Através dessa crise de paradigma sobre condutas morais os ciganos vêm sofrendo há pelo menos cinco ou seis anos antes do início desta pesquisa com generalizações que no Bom Sucesso e Olho d’aguinha não são nada bem-vindas, e que no Bairro dos Quiabos eles encaram como normais, inclusive sendo entendidas como comportamentos morais aceitáveis para quem é cigano.

O *acerto de contas* é o ponto alto de um conjunto de crise de condutas e que de alguma forma define posições sociais de parentesco, afinidade na política partidária e divisão de espaços. Agora irei descrever esse momento que ficou conhecido nos meios jornalísticos como *Chacina Cigana*, mas entre os ciganos da cidade é entendido como um *acerto de contas*.

## ***O acerto de contas: uma “questão” de ciganos***

Na manhã do dia 09 de junho de 2019 os ciganos do bairro dos Quiabos começaram seu dia como de costume para um domingo. As cinco horas da manhã junta-se todas as mercadorias possíveis de ser vendidas, principalmente animais como porcos, galinhas, patos e capotes. Depois de reunidas todas as mercadorias, elas são levadas para o mercado central da cidade, local mais movimentado nesse dia da semana. Em seguida fica alguém responsável no local para olhar os bichos e demais objetos e aqueles que as levaram voltam para casa para mais tarde retornarem.

Aqui estou me referindo ao cotidiano dominical dos filhos de Sr. Ferreira: Gal, Antônio e Gê. Desses três apenas Gê não é casado. Aos domingos era o percurso comum para eles, apesar da proximidade de suas casas do mercado central, esse trajeto costumava ser realizado de carro. No dia aqui mencionado, após chegarem ao mercado os três e o filho pequeno de Gal foram alvejados no carro em que estavam por dezenas de tiros. Dos quatro no veículo apenas o pequeno “Gui” sobreviveu, não houve sequer possibilidade de revidar.

Os jornais locais falavam sobre a animalidade dos ciganos, sobre sua falta de moralidade em relação ao convívio com as pessoas. Na cidade, despejavam-se também uma série de relatos dos tipos “Esse pessoal não é gente”; “Espero que eles mesmos se matem”; “É isso que acontece com quem mexe com cigano”; “Essa gente deve morrer é tudo”. Em um dia de domingo, “dia de feira”, dia no qual o mercado estava repleto de pessoas uma tragédia como essa acontece.

A forma como o pesquisador recebeu essa notícia não foi diferente de outras pessoas, com medo e susto. Primeiramente porque era também costume meu acompanhar essa ida ao mercado e justamente nesse dia não acordei bem e resolvi ficar em casa. É certo que eu ia caminhando até o mercado, e não de carro junto a eles, assim como nenhuma pessoa não cigana foi machucada nesse dia. Entretanto, e a pesquisa? Esses três homens eram pessoas com quem eu lidava diretamente, até então o contato com os ciganos do Bom Sucesso não estava tão consolidado.

Posteriormente ao velório, que reuniu muitas pessoas, muitas que só vi naquele dia, mas que no momento não me parecia apropriado perguntar de onde vinham nem suas relações com os falecidos, as falas que ressoavam eram: *Só pode ter sido eles que fizeram*

*isso*. Essa frase foi uma das mais ouvidas no velório. E quando eu perguntei sobre quem eles estavam falando a resposta era: *os mesmo que mataram Chico*.

A partir dessas falas comecei a pensar o quanto esse evento não era isolado no tempo ou em motivos, existia uma lógica ali que transgredia a própria situação factual. Então começaram a surgir *insights* de possibilidades analíticas para pensar tal evento. A primeira questão que vinha na minha cabeça era por que não registrar um boletim de ocorrência na delegacia já que eles tinham quase certeza de quem tinha praticado tal ato? Outra questão que ficava me inquietando é por que o mercado central no dia mais movimentado fora escolhido como cenário para o ocorrido? Pois o que poderia se imaginar era que o mais provável seria um local menos movimentado.

Os ciganos dos Quiabos sabiam quem fizera o atentado, mas não se preocuparam em ir atrás dos mesmos logo em seguida, o que também me deixava perplexo. Com todas essas questões inerentes ao acontecido ficava mais certo para mim que existia lógica própria para os atentados, sabiam quem tinha feito, mas não iam atrás, não denunciaram à polícia e muito menos se preocupavam em serem alvejados no próprio no velório.

Para os ciganos dos Quiabos não restava dúvida da autoria, mas a resposta para a chacina, ou o acerto de contas, era também tão mais impossível quanto a resolução do conflito. Não restara mais jovens entre eles, apenas os mais velhos, e que segundo eles não o fariam, pois, a idade não permitia tal situação. O único filho de Ferreira jovem vivo não era *metido com essas coisas* e resolvera se mudar.

Os ciganos do Bom Sucesso viam esse evento, a chacina cigana, como inevitável, iria acontecer, de uma maneira ou de outra. Reginaldo é visto por todos os ciganos como uma liderança que possui certa legitimidade, era sempre o escolhido para mediar com os ciganos dos Quiabos tentativas de resolução deste conflito. Ele era buscado como uma voz plausível nesses conflitos e certa vez me relatou: *já fui tirado de casa às duas horas da manhã para conversar com eles*.

Mesmo sendo respeitado e procurado pelos ciganos, “o paradoxo da chefia indígena” (CLASTRES, 2017) parece também estar colocado entre os ciganos. Por mais que ele seja reconhecido como alguém importante e que seja esperado dele a palavra, muita das vezes suas exigências não são atendidas. Ele não é chamado porque é o chefe, mas dele é esperado uma palavra, uma fala, uma mediação.

Esta é uma zona perigosa, deve existir um certo cuidado aqui, não estou tomando os ciganos como coletivos “Sem Estado”, seria bem mais complexo do que um simples paralelo literal. Porém, o estudo da chefia indígena feito por Clastres (2017) serve para guiar o pensamento sobre a figura de Reginaldo, que é procurado para falar sobre tais conflitos e *ajustes de contas* a serem realizado, mas sua palavra, tão requisitada, geralmente não é atendida. Clastres trata justamente de como “a palavra do chefe não é dita para ser escutada” (CLASTRES, 2017, p. 141). Reginaldo ocupa um lugar dado, o conflito irá acontecer com ou sem ele, mas ele tem um afazer: falar.

Venho mostrando com isso que o conflito não é motivado por concentração de poder ou reivindicação de áreas políticas, existe algo a mais a ser preenchido nessa análise. Não parece mais ser uma vingança, pois uma morte vai desencadeando outra, e parece que não terá fim. Quando falo com Reginaldo sobre esses episódios ele diz que isso não são mais *coisas de ciganos desenvolvidos* e sim *de antigamente*.

Esses conflitos que variam de caso em caso assimilam-se com as “brigas” no sertão de Pernambuco que são “questões de famílias” trabalhadas por Ana Claudia Marques (2002) no qual ela mostra como que essas “questões” provocam cisões de diversos tipos. Essas brigas por outro lado provocam coesão, mas também atualiza parentes e não-parentes. Já a “questão” dos ciganos estarem produzindo “atualizações” de ciganidades, ou seja, àqueles que insistem na realização de *brigas* e *vinganças* mostram-se como ciganos de *Antigamente*. Mesmo Reginaldo entendendo-se como um *cigano desenvolvido* ele é também visto como uma pessoa com prestígio e que anteriormente era considerado igual, sem a divisão *antigos* e *desenvolvidos*, mas a “questão” e a sua imanência vão produzindo as diferenciações.

Reginaldo era escolhido e chamado para falar com os ciganos dos Quiabos acerca desses conflitos, e ele sempre aconselhava para que eles evitassem a continuidade dessa briga, pois algumas pessoas já tinham morrido e ele temia também pela imagem dos ciganos como um todo na cidade, mas também do quanto essa “questão” poderia afetar a sua carreira pública como vereador. Reginaldo conta que uns seis meses antes do tiroteio no mercado acontecer ele *deixou de mão* essa briga feita pelos ciganos.

*Não! Aquilo ali já vinha há muito tempo que eles, com aquela desavença, eu tentei mediar, eu fui, conversei, pedi que acalma-se, pra não ter uma desavença maior. Aí a parte de lá aceitou, a daqui fingia que aceitava, quando eu me espantava a parte daqui já tinha feito algo de grave com o pessoal de lá e o de lá vinham de novo pra cima. Isso já tem*

mais dois anos, está com dois anos e meio que eu chamei a parte e disse vamos se afastar. Já tentei demais, então é hora de se afastar, *quando a gente se afastou não foi seis meses aconteceu lá* (Reginaldo, 20/04 2019).

Essas brigas entre os ciganos em Coelho Neto se aproximam a muitos pontos do que Ana Claudia Marques chamou de “questão” no sertão pernambucano. Uma das primeiras aproximações são as atualizações de parentesco e política advindas da manutenção da questão. No caso, percebemos isso em relação aos ciganos *desenvolvidos* e os *antigos*. A segunda proximidade resulta na banalidade do início dessa questão, reiterando que não há aqui um julgamento de valor quanto a isso, mas sim pelo fato de que hoje não se sabe o real motivo de terem começado toda essa *briga*. Existem muitas histórias de como começou, mas nenhuma é realmente confirmada como a verdadeira. Da mesma forma parece não importar mais o motivo do início, mas sim o desfecho dela.

Outra característica desse conflito que dialoga com as “questões” apresentadas por Marques (2002) é a “correspondência” de ambos os lados envolvidos. Ambos são ciganos, e ninguém mais importa para eles, é interessante perceber que nas mortes e nas *confusões* todos os envolvidos são ciganos, nenhum não-cigano foi envolvido ou afetado por tais *brigas*. Apesar de ter sido utilizado o mercado municipal de palco para essa tragédia, e mesmo estando ele lotado de pessoas, os únicos afetados foram os ciganos. Uma “questão” é um “fenômeno que supõe proximidade entre os inimigos para que ocorra, mas é também o signo e instrumento de um distanciamento entre eles” (MARQUES, 2002, p. 163).

A divisão resultante dessa questão é a que venho me referindo entre segmentos ciganos que estão colocados como *antigos* e *desenvolvidos*. Outra consequência dessa classificação é a separação espacial residida nos bairros da cidade: Quiabos, Bom Sucesso e Olho d’aguinha. Essa demarcação territorial é também entendida como característica do que Marques (2002) entende como um “dispositivo de regulação e controle” dos conflitos. De fato, depois dessa “questão” instalada nenhum cigano de outro bairro apareceu em bairros diferentes do seu, mesmo no dia do velório de seu Ferreira, que era um dos ciganos mais velhos residentes na cidade.

Apesar de todas as proximidades colocadas acima, entendo que existem lógicas próprias aos ciganos, que fazem disso não apenas “questões de famílias” (MARQUES, 2002) mas sim “questões de ciganos”. A principal e mais conclusiva diferença é que essas



questões produzem não só termos de parentesco ou atualizações de inimigos ou amigos, mas cria diferentes ciganos. Nesta briga não existem famílias A ou B, não existe bairro C ou D, mas sim tipos diferentes de ciganos, ciganos *desenvolvidos* e ciganos *de antigamente*.

Como já foi colocado anteriormente, há pelo menos seis ou sete anos não existia diferenças de ciganos, como me falou Reginaldo um certo dia, *teve um tempo que não tinha essa história de dois grupos, era um grupo só (...) E por causa dessa desavença foi que houve essa divisão*. É pela vontade de manter e criar esse tipo de situação - as *brigas* - que se formam as divisões de ciganos. Para além de uma simples separação de “melhores ou piores” trata-se de uma forma de viver e se relacionar com os demais, sejam eles ciganos ou não-ciganos.

É por isso que defendo aqui a existência das “questões de ciganos”, e o *acerto de contas* relatado nesta dissertação pode ser entendido como tal, uma “questão de ciganos”, que muito se parece com as questões de famílias, mas que traz uma possibilidade de criar mais que fronteiras, mas também coletividades diferentes. Coletividades essas que demarcam território próprio, códigos e condutas morais, assim como relações diferentes com o mundo ao redor. Tratarei aqui principalmente da diferença das relações estabelecidas com a política partidária.

Essas coletividades situadas nos bairros, por razão dos envolvimento recentes nesses conflitos, mudaram as formas de como se relacionam com certos eventos. A nível de parentesco, pessoas deixam de ser parentes e outros tornam-se parentes, assim como alguns perdem em ciganidade e outros confirmam a sua. Em relação à política partidária, esses conflitos trouxeram novos paradigmas na relação com ela, pois antes disso todos os ciganos da cidade apoiavam seu *parente* Reginaldo. Paulo Cigano fala de como certas pessoas do bairro dos Quiabos em certo momento já ajudaram eles, mas posteriormente ao *acerto de contas* ninguém do bairro dos Quiabos falou em apoio muito menos demonstrou de forma incisiva participação nas campanhas ou mesmo como cabo eleitoral. Na próxima sessão passarei a descrever em que passo ficaram as características das relações de ciganos com a política partidária, o que mudou e suas formas específicas de lidar com eventos dentro do tempo da política.

## ***Tino, traquejo e ajeitar pessoas: modos ciganos de lidar com a política partidária***

Reginaldo é natural de Codó, está em Coelho Neto há pouco mais de doze anos, hoje exerce seu terceiro mandato de vereador, estudou pouco mais do que a quarta série do ensino fundamental, desenvolveu atividades ligadas ao comércio e trabalhou como administrador de pessoal na zona rural para o grupo João Santos.

Segundo ele, sua família nunca se preocupou com a política partidária, entretanto, ele mesmo afirma que a sua ida para a política partidária acontece como um pano de fundo de funções que ele já desempenhara com os seus familiares e comunidade:

Eu acho que o que me despertou para a política foi justamente isso. Eu já tenho uma **trajetória**, do comércio. Lá no interior eu era arrendatário de terra no grupo João Santos, lidava com quase 300 pessoas no comércio e aquilo ali, cria, mesmo que você não queira, uma espécie de **liderança**, principalmente no interior onde as pessoas dependem daquele comércio, dependem de você. E quando eu vim pra Coelho Neto, com essa coisa de dizer, ah, cigano não presta, cigano é aquilo, cigano é isso, eu tentei entrar na política pra tentar elevar meu nome, **me mostrar diferente**, pra não fazer as coisas por alguém que não seja diretamente do meu bolso. Quando eu entrei na política e que eu ganhei minha primeira eleição com 1000 votos, praticamente 1000 votos, se surpreenderam, ficaram todo mundo de queixo caído...

(...) comecei a fazer **liderança** entre o povo da gente. Eu tinha vinte anos, hoje eu tenho 45, ou seja, há vinte anos atrás, **sem ter problemas financeiramente**, lá no interior ainda, morávamos no Codó e tudo. Porque quando eles estavam em uma conversa **mediando** assim as coisas tentando achar uma solução pra alguma coisa, eu já opinava, então o pai já via que eu tinha o **tino** para fazer a **apaziguação** de alguma situação<sup>35</sup>

Como é possível perceber, Reginaldo se coloca como uma pessoa de influência entre os ciganos de Coelho Neto, e a sua influência vem de uma *trajetória* bem feita enquanto líder, mediador e livre de problemas financeiros. Porém, essa trajetória bem-sucedida é a confirmação de uma qualidade outrora vista pelo seu pai, o *tino*.

O *tino* surge como um conceito articulado entre fala e capacidade de mediar conflitos. O *tino* não é necessariamente uma qualidade auto atribuída, ninguém pode dizer quem tem ou quem não tem, ela é percebida pelos mais velhos, principalmente o pai de Reginaldo que é tido como o mais velho de todos os ciganos hoje vivos em Coelho Neto. O pai de Reginaldo parece desempenhar uma função importante dentro da comunidade cigana coelho-netense.

---

<sup>35</sup> Grifos meus.

Como veremos adiante nas falas dos outros vereadores ciganos, Reginaldo desenvolveu uma função histórica e política importante, pois foi ele o primeiro a adentrar o universo da política partidária, ele é responsável por abrir caminhos, fomentar ideias, angariar parceiros e de ser a ponte pela qual os ciganos de Coelho Neto puderam penetrar na política partidária.

Paulo é primo<sup>36</sup> de Reginaldo e, segundo ele, sua carreira política está ligada à carreira política de Reginaldo. Paulo acompanhou Reginaldo nas suas duas primeiras candidaturas como seu cabo eleitoral mais promissor, inclusive tendo sua própria *área de voto*<sup>37</sup> na qual ele sempre saía bem-sucedido.

Paulo trabalha, assim como Reginaldo, com comércio e com pecuária. Da mesma forma que Reginaldo, ele entende que a prosperidade de sua carreira como comerciante é fator potencial para a sua carreira como político, entretanto, mais do que isso, é sua capacidade de *ajeitar as pessoas* no comércio que forja nele a confiança de almejar uma carreira política.

*Ajeitar as pessoas* é para Paulo resolver problemas pragmáticos da melhor forma possível. É vender fiado para uma pessoa que ele sabe que vai pagar, é fazer descontos, concessões, é *fazer as coisas andarem*, é *matar um porco e mandar os pedaços para todos sem deixar faltar ninguém*, principalmente se for alguém que realmente precise.

É a partir do *ajeitar pessoas* que começam a sugerir a Paulo que ele se candidatasse a vereador. Muitos dos eleitores que ele *ajeitava* para Reginaldo revelaram votar em Reginaldo somente por causa de Paulo, o que deu certa segurança para Paulo pleitear uma vaga na Câmara Municipal de Coelho Neto.

Reginaldo Jansen e André Jansen são ciganos, da mesma família, entretanto nenhum deles usa o nome cigano em sua campanha. Por outro lado, Paulo faz questão de colocar seu “nome de campanha” como Paulo Cigano, e para ilustrar essa história ele me narra o momento de um acerto com “o marqueteiro”. O marqueteiro chega para ele e diz: “Paulo, seria bom colocar outro nome, esse ‘negócio’ de cigano pode não dar certo, me

---

<sup>36</sup> Posteriormente desenvolverei essa concepção de parentesco, que se mostra bem peculiar no universo cigano. A princípio o que se pode dizer é que para os ciganos “primo” não corresponde ao significado e uso comum, tem a ver com o estabelecimento de laços afetivos e não necessariamente consanguíneos.

<sup>37</sup> Paulo é cigano do Olho d’aguinha e era responsável por pedir votos para Reginaldo nos bairros Olho d’aguinha, Parque Amazonas e Anil 1 e 2.

diz aí teu nome todo”; é aí que Paulo fala todo o seu nome e o marqueteiro surge com um nome: Paulo Beto. Nesse momento, Paulo leva o Marqueteiro para a frente do seu comércio e pergunta para algumas pessoas que estão ali, “você conhece Paulo Beto?” e ele faz essa pergunta a pelo menos quatro pessoas que estão no seu comércio, mas todos seguramente afirmam não saber de quem se trata, quando ele pergunta, “quem é Paulo Cigano?”, todos apontam para Paulo e assumem, aquele é o Paulo Cigano.

André é primo de Reginaldo e de Paulo. Sempre morou em Codó, na verdade é o único que ficou na cidade, tendo em vista que a família de Paulo e Reginaldo também veio de lá. Sua mãe, assim como ele, é funcionária pública, sendo um dos motivos que o fizeram ficar na cidade.

André desenvolve trabalho comunitário na cidade de Codó em uma associação de moradores, atendendo principalmente às mães do bairro em que mora, ele também adentrou a política partidária por recomendação das pessoas que ele atendia na associação de moradores. André foi com quem eu obtive menos contato, e não me permitiu gravar a entrevista que fiz através de ligação<sup>38</sup>. Porém suas falas são importantes para pensar as movimentações feitas pela sua família e parentes, principalmente no que diz respeito ao envolvimento com a política partidária, assim como movimentação e ocupação da região que circunscreve Coelho Neto, Caxias, Aldeias Altas e Codó

André se considera o mais carismático dos três, possui mais contatos com os *primos de Caxias* e é ele que está *encabeçando* a ideia de fazer um deputado cigano, articulando os *primos*. É a partir dessa ideia de formar um deputado cigano, articulando os *primos* dessas cidades, que começo a análise sobre os conceitos com que os vereadores ciganos trabalham.

Assim como aponta Heredia e Palmeira (2006) em seu trabalho com as populações camponesas das regiões Sul e Nordeste, em Coelho Neto também existe uma associação entre política e eleições, entre os ciganos essa concepção de política está associada ao período de conquista de votos nas eleições partidárias. Expressões como *está chegando a política*, ou *a política desse ano vai ser difícil* corroboram com a ideia de Heredia e Palmeira (2006).

---

<sup>38</sup> Nossa conversa durou exatamente uma hora e quatorze minutos.

Heredia e Palmeira (2006) também refletem sobre as eleições campesinas e descontroem a ideia vigente em determinadas linhas de estudo da ciência política que coloca as participações e o próprio voto como uma “empresa individual” advinda de uma escolha puramente racional e impessoal, visando apenas critérios objetivos.

O voto e a participação no processo eleitoral, segundo Heredia e Palmeira (2006), se colocam mais como um processo de “adesão” em suas palavras:

A adesão é um processo que vai comprometendo o indivíduo, ou a família, ou alguma outra unidade social significativa, ao longo do tempo, para além do tempo da política. Mas este é um processo diferenciado, que assume feições diversas para diferentes posições ou categorias sociais, e que pode assegurar maior ou menor margem de escolha e individualização (HEREDIA, PALMEIRA, 2006, p. 40).

Entre os ciganos, e principalmente entre os vereadores ciganos, é muito claro para eles que para ganhar uma eleição não basta argumentar bem no *período da política*, como já mencionei aqui. Reginaldo entende que seu sucesso como comerciante e sua capacidade de mediador, tanto entre os ciganos quanto no seu trabalho junto aos trabalhadores na zona rural para o grupo João Santos, confirmam a sua elegibilidade. A capacidade de articular fala e prestígio é inerente ao processo de outras pessoas confiarem nele a ponto de se colocarem ao seu lado, não é simplesmente um voto, mas é um estar com ele, estar ao seu lado. O *тино* é uma capacidade desenvolvida durante toda a vida de Reginaldo e é acionada como uma ferramenta de conquista política, de votos, mas é também exercida antes das eleições.

Da mesma forma, Paulo Cigano entende que *ajeitar pessoas* no seu comércio é uma prática tanto do universo cigano como uma ferramenta de “adesão” (HEREDIA, PALMEIRA, 2006), é um processo demorado. Não se reconhece facilmente para quem pode-se *vender fiado* ou não, não se confia em uma pessoa de imediato, é preciso conquistá-la no dia a dia. Paulo sempre me falava como que determinada pessoa era *má pagadora* e com o tempo começava a ser mais confiável. *Ajeitar pessoas*, para Paulo, é tanto uma qualidade de perceber para quem pode ou não vender a prazo, como é também uma forma de moldar certos compradores que não pagam suas contas. No cenário político, no *tempo das eleições*, da mesma forma, Paulo sabe quando é bem recebido em uma casa ou não, quando terá ou não êxito de votos em determinada família. Porém, seu trabalho fora das eleições é que lhe garante não *perder tempo* em casas que não irá ter sucesso,

pois é *ajeitando as pessoas* durante todo o ano que ele ganha seus *apoiadores*. Quando chega o *tempo da política* os próprios moradores, dono das casas, chamam ele para realizar reuniões com a família e os vizinhos próximos.

Esses envolvimento são mais do que trocas de favores, tanto o *tino* como o *ajeitar pessoas* de Paulo são categorias desenvolvidas por eles a partir de suas trajetórias e características inerentes às formas como eles se relacionam com outros ciganos, com não ciganos e principalmente com a manipulação de qualidades que acreditam servir não somente para ganhar eleitores, mas apoiadores. Essas pessoas não se relacionam com os vereadores ciganos apenas dando-lhe seus votos, são pessoas que frequentam suas vidas mesmo depois da eleição. *Tino* e *ajeitar as pessoas* são categorias ciganas que são manipuladas dentro do mundo da política partidária. Outro lugar importante para essas relações serem estabelecidas geralmente são os supermercados. Os supermercados ocupam um lugar importante no fazer política desses vereadores, não só por serem o campo de atuação dos mesmos, mas por trazer certa significância a essas relações, e este local merece certa atenção nesta dissertação.

## **O supermercado como lugar político**

É comum em Coelho Neto o envolvimento dos ciganos com o “comércio”, vendas e trocas, tanto no sentido estrito do termo, ter uma banquinha, um supermercado, uma “quitanda”, ou trocas de animais por artigos quaisquer, não só animais, mas todas as suas produções, tanto em nível artesanal quanto produtos agrícolas.

Esse é um momento em que o familiar surgiu como um problema para a visão deste antropólogo. Supermercados são aparentemente lugares triviais, onde muito pouco acontece, assim como ciganos terem algum tipo de relação comercial parecia ser muito comum, mais do mesmo. Foi então que através da leitura da dissertação de Yara Alves (2016) na qual ela analisa como a cozinha serve como um “lugar político”, onde acontecem reuniões, onde se discute sobre a vida na comunidade, sobre quem chegou e quem irá sair, e principalmente é o local de “aquecer os corpos” (ALVES, 2016).

Qual a relação das cozinhas estudadas por Yara Alves (2016) e os supermercados dos ciganos? A primeira questão advinda dessa leitura é que os supermercados revelam muito mais do que eu conseguia ver de antemão. A ideia dessa sessão é mostrar o quão

político podem ser os supermercados, vou analisar aqui as vezes em que estive nos supermercados de Reginaldo e de Paulo Cigano, mostrar as semelhanças e as diferenças entre eles e as relações empregadas neles e com eles.

Todas as entrevistas ou conversas marcadas tanto com Reginaldo como Paulo ocorreram sempre nos seus supermercados. A princípio, para mim aparentava uma situação comum ter o supermercado como ponto de encontro, mas depois de algumas conversas ambos me falaram que possuíam uma sala na câmara de vereadores, mas não gostavam de ficar por lá. Para ambos a câmara é um *lugar frio* sem pessoas, sem contato, *só serve para as sessões*.

Outra questão que me incomodava nos supermercados é que quase nunca conseguia terminar uma conversa sem interrupções. Os supermercados são lugares de negócios, são lugares completamente políticos. São nos supermercados que são marcadas reuniões de campanha, é também o lugar onde se discute como será feita toda a propaganda da campanha, é o lugar de reunir cabos eleitorais. Também é o lugar de resolver questões relacionadas à vida no campo como compra e vendas de animais.

Poderia citar vários momentos nos supermercados que me marcaram, um já mencionado aqui é o pequeno desentendimento entre Paulo Cigano e o responsável técnico pela sua campanha. O que aconteceu foi que “Paulo Cigano” para o responsável técnico não aparentava ser um bom nome, entretanto o candidato sai da sala de reunião dentro do supermercado e pergunta às pessoas que estavam por ali sobre a sugestão do responsável que era “Paulo Beto”, e as pessoas que estavam no supermercado logo afirmaram que *não sabiam quem era*.

A comprovação da carreira política de Paulo foi feita no supermercado. *Ajeitar as pessoas* passa primeiramente pela confiança da comunidade, pois ser um bom comerciante é também reputação para ser um bom vereador. Saber para quem pode *vender fiado* e para quem não pode é uma qualidade de um bom comerciante assim como de um bom político.

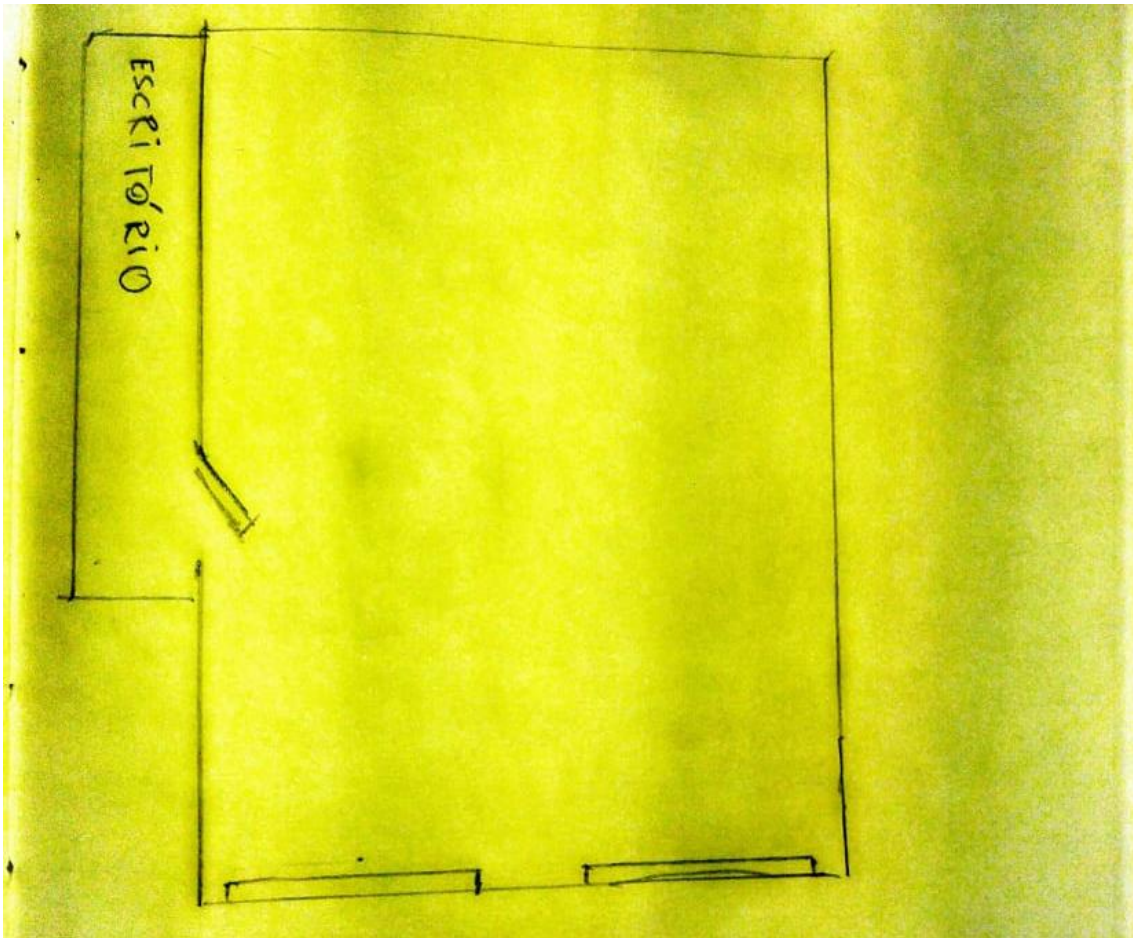
Em certo momento no supermercado de Reginaldo em uma de nossas conversas, uma pessoa que passava na rua entrou no estabelecimento e foi até o escritório enquanto eu estava conversando com ele e então o homem começou a agradecer por algo que supostamente os dois sabiam do que se tratava e ficava repetindo para Reginaldo: *Lá em casa todos estão com você agora viu?*

Momentos como esses foram frequentes, sempre foi muito difícil terminar uma conversa com qualquer um dos dois vereadores de Coelho Neto. Os supermercados são para os ciganos vereadores aquilo que as cozinhas são para as famílias de Pinheiros (ALVES, 2016). Os supermercados, bem mais do que apenas locais de compra e venda, são locais de consolidação do sucesso da carreira política dos vereadores, assim como são os locais nos quais ser cigano e ser vereador encontram sua intersecção. O supermercado é local de relações políticas específicas onde apenas os vereadores ciganos de Coelho Neto podem exercer, seja *ajeitando pessoas* seja fazendo negócios relativos à pecuária, como também no que diz respeito diretamente à vida política.

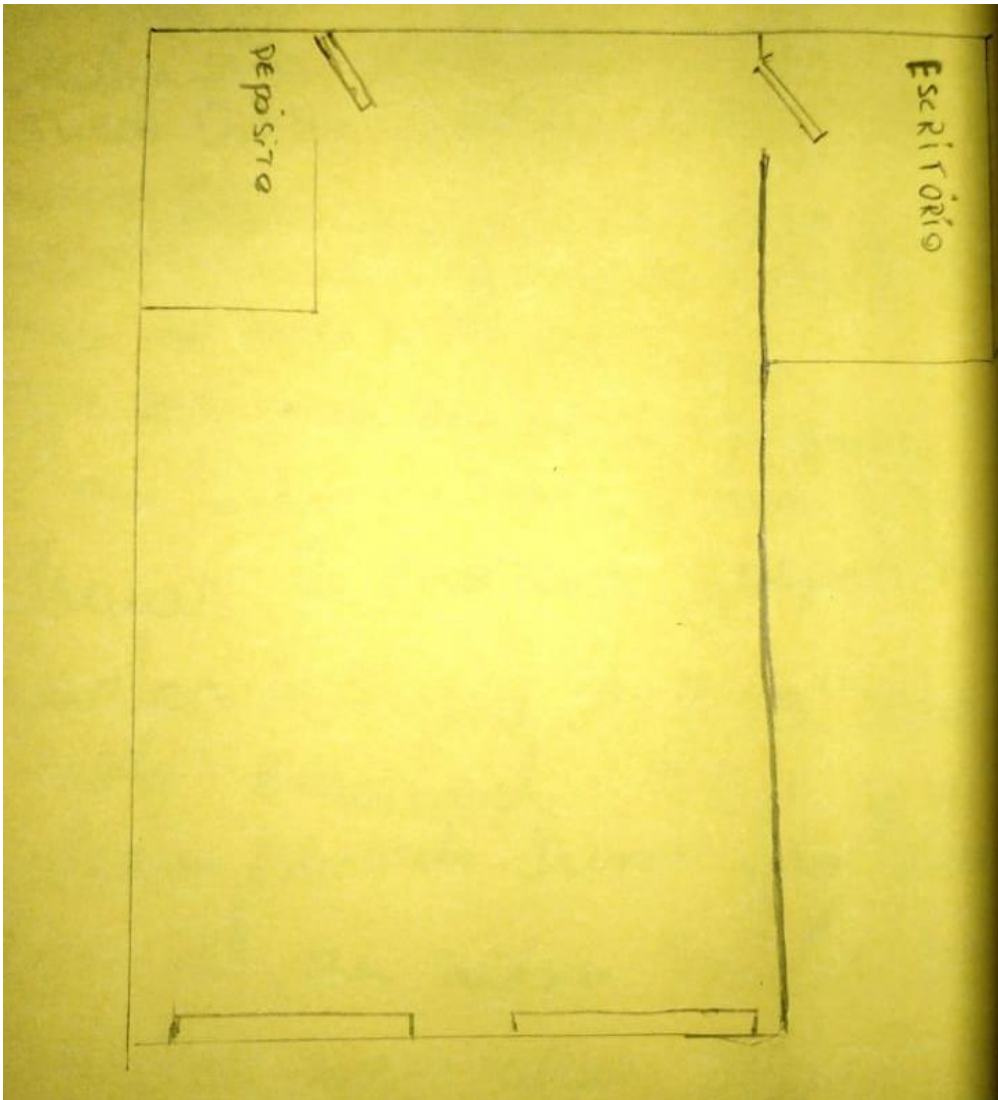
Os supermercados são lugares que constroem a vereança cigana, é neles que esses vereadores desenvolvem suas relações políticas fora da esfera partidária. Eles são lugares políticos, de construção de apoios, de amizades, de alianças políticas. Mesmo tendo seus lugares de encontros e reuniões na câmara municipal, eles usam os seus supermercados para receber todas as pessoas, sejam elas políticos, como muitas vezes os próprios me falavam *eu recebi ele aqui, sentaram bem ai onde você esta sentado*, sejam elas pessoas mais simples como possíveis compradores ou vendedores de animais, ou possíveis eleitores.

Em questão de arquitetura é interessante pensar que os mercados possuem muitas semelhanças. Posterior às minhas reflexões quanto aos supermercados, perceber essa semelhança arquitetônica parecia um fato dado, eles são assim por que todo supermercado é assim. Porém, entrando em alguns outros supermercados da cidade percebi a não existência dessa *sala de reuniões* ou escritório, presente nos supermercados de Paulo e Reginaldo.





**Figura 4 - Croqui do supermercado de Paulo Cigano.**  
**Fonte: Caderno de Campo**



**Figura 5 - Croqui do supermercado de Reginaldo.**  
**Fonte: Caderno de campo**

Assim como Bourdieu (1999) identifica no texto “A casa kabyle ou o mundo às avessas”, existem relações das pessoas com os espaços construídos. A arquitetura da casa dialoga com a lógica de organização social das pessoas que residem ou passam por ali. Os escritórios sempre ficam nos fundos dos supermercados, ou dos lados, mas sempre é necessário passar por dentro dos supermercados para acessar os escritórios. Parece haver uma necessidade de mostrar o supermercado a todos que irão conversar com eles, ou firmar pactos. Porém não é apenas um caminho para o escritório, a rota de passagem serve para mostrar sucesso empresarial, de carreira e abundância. Outra exigência para os supermercados é a claridade, eles devem estar sempre bem iluminados, pois segundo Paulo Cigano *um supermercado escuro não chama ninguém*.

Os supermercados são lugares cheios de significados, não apenas obras, tijolos e pedras. Dentro deles acontecem não apenas trocas comerciais, mas também trocas políticas. Construção de amizades, de pactos políticos, comercialização de animais e produtos agrícolas, é o local do espaço público onde se tem mais chance de encontrar os vereadores ciganos. A maneira como os supermercados são construídos está diretamente ligado aos desejos e intenções, são agenciamentos, no sentido empregado por Deleuze e Guattari (1980) para quem “o território cria o agenciamento” (p. 232)<sup>39</sup>.

Dentro de uma certa antropologia das casas<sup>40</sup> existe um consenso que as construções materiais que resultam nas casas estão para além disso, construções materiais são mundos. Apesar de entender que supermercados e casas são construções diferentes, percebo que entre os vereadores ciganos possuem algumas semelhanças. Não só para os vereadores ciganos existe importância no sucesso dos supermercados, para os outros ciganos a circulação de pessoas nesses supermercados serve como confirmação do prestígio dos vereadores. São mundos não apenas para os vereadores, mas para os demais ciganos que circulam por ali, e mesmo para aqueles que não circulam pelos supermercados, a notícia e o prestígio desses vereadores chegam para eles. As informações e o prestígio dos vereadores chegam nas pessoas tanto pelo sucesso do cargo como vereador, como pelo rendimento dos seus supermercados.

Existe uma relação posta entre os vereadores ciganos para com seus supermercados. A perspectiva relacional torna possível entender essa relação como uma construção política, os supermercados estabelecem relações específicas com e pelos vereadores, que por sua vez, como ciganos, postulam outras espécies de relações. O uso do supermercado pelos vereadores ciganos é um uso nada ortodoxo e muito funcional para eles.

---

<sup>39</sup> “O território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos; por isso, o agenciamento ultrapassa também o simples ‘comportamento’” (DELEUZE e GUATTARI, 1980, p. 232).

<sup>40</sup> Ver, por exemplo, Marcelin (1996), Cortado (2021), Palmeira (1977), Garcia (1983); Heredia (1979), Eye (1980), Woortmann (1982) e Pina-Cabral (2014).

### 3. FAZER E DESFAZER PARENTES: *PRIMOS, PRÓXIMOS, AMIGOS,* SANGUE E CASAMENTOS

Neste capítulo irei descrever as relações de parentesco produzidas entre e pelos ciganos. O parentesco entre os ciganos é estabelecido tanto entre eles quanto para fora da denominação étnica. Essas relações de parentesco passam pelo sangue enquanto substância transportadora e pela socialidade, assim como geram termos específicos, dando mais atenção para os *primos* e os *próximos* que estão muito presentes no vocabulário dos ciganos.

Entre os ciganos de Coelho Neto é muito comum ouvir sobre como determinadas pessoas são mais ou menos ciganos. Isso vai variar de acordo com as relações estabelecidas entre as pessoas, assim como os elementos colocados nessas relações como: sangue, conflitos, casamentos e proximidade.

Venho mostrando nesta dissertação que os ciganos possuem muitas formas de se produzir como um coletivo, conseqüentemente evidenciam quem são os diferentes. O que aparentemente parece apenas uma diferença étnica, entre ciganos e não-ciganos, na verdade extrapola as “fronteiras étnicas” nos termos de Barth (2011)<sup>41</sup>, pois mesmo não-ciganos, dependendo é claro das relações estabelecidas, podem estar com ciganidade bem mais alta que um cigano, etnicamente falando.

O que este capítulo irá mostrar é o nível de importância do parentesco dentro da construção de coletividade dos ciganos de Coelho Neto. Assim como a política, os conflitos e os deslocamentos são aspectos de extrema importância para os ciganos se entenderem no mundo, o parentesco tem seu papel, tanto de reprodução como de ruptura de relações com pessoas específicas. Reitero que esses elementos da socialidade cigana não são separados na realidade, mas para organização desta dissertação essa separação serve como eixo de argumentação. Na vida dos ciganos em Coelho Neto todas essas faces são entremeadas e simultaneamente acionadas.

---

<sup>41</sup> “Desta perspectiva, o ponto central da pesquisa torna-se a fronteira étnica que define o grupo e não a matéria cultural que ela abrange. (...) Se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão”. (BARTH, 2011, p. 195)

## Devir-parente e devir-cigano

Como venho mostrando, a ciganidade é construída a partir de relações específicas, entretanto, as relações de parentesco são fundamentais para marcar o quanto esta ciganidade pode estar localizada, pois algumas vezes ser cigano não implica um certo vínculo de parentesco, assim como ser parente pode significar uma baixa ciganidade.

Ser parente e ser cigano são construções sociais que devem ser feitas a todo momento junto aos ciganos como também junto aos não ciganos. A ciganidade é construída entre os ciganos, mas fortificada entre os não ciganos, pois é principalmente na alteridade que ela deve ser realçada. Quero com isso dizer que ser parente e ser cigano possui entre os ciganos de Coelho Neto significados diferentes e que são construídos a partir de suas relações com os conflitos ocorridos, com os deslocamentos feitos e com os apoios políticos estabelecidos.

Um aspecto importante de pensar o parentesco cigano é a sua ideia de desconstrução, ao mesmo passo em que se constrói parentes, também é possível desfazê-los. Em minhas conversas com os ciganos, principalmente no que concerne a conflitos estabelecidos, quando eu me referia a alguém que participou de determinado evento sempre me respondiam *é parente, mas não mais como a gente* ou mesmo *é parente, mas não vive mais aqui* ou então *é parente, mas só dá vergonha pra gente* e umas das poucas repetidas, mas igualmente importante *é parente, mas não quer ser como nós*. Essas falas nem sempre são proferidas apenas para os parentes advindos do sangue, para os chamados *primos* também já ocorreram casos de serem colocados dentro desse parentesco em negação.

Por outro lado, existem alguns casos, mas que foram pouco vistos por mim, de pessoas que se negam a viver entre os ciganos e que se negam a compartilhar de seus valores dentro da cidade, por entenderem que os ciganos estão sempre *caçando confusão*. Esse é o caso da família de Aurilane, que diz ser *filha de ciganos, mas não vive como eles*:

**Aurilane:** Oi Arthur, Boa noite.

**Pesquisador:** Eu lembro que tu me disseste que tu eras cigana, eu estou fazendo uma pesquisa de mestrado sobre os ciganos daqui.

**Aurilane:** Sim, pois é, mas nunca assumi, porque somos distantes, graças a Deus

**Pesquisador:** Eu conversei com meus vizinhos, com o Cará

**Aurilane:** Os teus vizinhos são ciganos, né?

**Pesquisador:** Sim, eu estava querendo conversar com teu pai.

**Aurilane:** Mas o pai não é cigano.

**Pesquisador:** Não?

**Aurilane:** Minha parte é da mãe, mas a gente não assume, porque fomos criadas longe.

**Pesquisador:** Então ela não gosta de falar sobre isso, né?

**Aurilane:** Não, meu bem.

**Pesquisador:** Mas tu falas de longe, tu tens outros parentes ciganos aqui?

**Aurilane:** Graças a deus não (risos).

**Aurilane:** Cigano é cheio de problemas e sempre envolve família.

**Pesquisador:** Já ouvi muita coisa assim (me refiro a parte de que são “cheio de problemas”), mas como assim, “sempre envolve a família”?

**Aurilane:** Pois é, se um cigano se meter em confusão toda família se mete também.

**Pesquisador:** Ah! Entendi. Daquele tempo que teve o negócio do mercado, tu conhecias algum deles?

**Aurilane:** Não! Quer dizer... sim! Tinha um que eu conversava, mas não tinha intimidade não.

**Pesquisador:** Ah! Tinha uns deles que eram meus vizinhos, mas foram os que morreram.

**Aurilane:** Triste.

Schneider (2016) postulou que o sangue é mais denso que a água, entre os ciganos o sangue sem dúvidas é forte, mas ele também é negociável. Por mais que a família de Aurilane seja de ascendência cigana, seus integrantes não fazem questão alguma de se mostrar ou de se afirmar enquanto tal. Outro fator interessante dessa conversa é que quando cito para outros ciganos a pessoa de Aurilane ou mesmo de sua família, nenhum cigano os conhece, mostrando que se não vive com eles de certa forma a ciganidade também não aparece para eles.

A minha ideia aqui é mostrar que ser cigano ou ser parente podem coadunar, mas também podem significar diferentes relações. Enquanto em algumas situações de conflitos, quando alguns ciganos mancham a honra da sua família, a expressão *são*

*parentes, não nego* é acionado; em outro momento *somos distantes, graças a deus* aparece como o lado inverso da primeira afirmação. O parentesco aproxima e distancia não somente pessoas, mas também sangue e ciganidade. Não que as duas sejam necessariamente iguais, mas dentro de um jogo de relações possuem significados diferentes, diferenciando também noções de parente e ciganidade, ou seja, parente nem sempre é cigano, e cigano nem sempre é parente.

Esse parentesco construído pelas relações vai de encontro com a fixidez de relações/termos de parentesco. Pensando com Strathern (2017) essas formações de parentesco são uma “troca de perspectiva” (2017, p. 211) em que dependendo da situação existe então uma diferenciação de relações. No caso dos ciganos, quando se está fazendo parente e quando se está desfazendo, da mesma forma acontece com a ciganidade.

Ressaltando a ideia apresentada aqui, o conceito de “devir” proposto por Deleuze e Guattari entende que esse tornar-se está no plano do desejo, ou seja, é uma “relação de afetos” podendo ser construída e desconstruída. O devir não é uma consequência de fatores, mas sim uma produção que parte do desejo de ser e que é constituída de uma prática real, de vida, de relações estabelecidas e reconhecidas pelos seus pares. Produzir parente é um processo performativo que pode ser sempre atualizado.

## **A figura do Pai**

### *O pai é uma espécie de pajé*

A frase reproduzida acima foi proferida por Reginaldo em uma das nossas conversas, sobre a relevância que os ciganos atribuem aos seus parentes, e norteadas por uma pergunta feita por mim, que previa uma resposta um tanto mais simples, mas que desencadeou uma série de constatações e reflexões acerca do parentesco entre os ciganos de Coelho Neto e que será desenvolvida neste capítulo.

A pergunta “a sua família é de quantas pessoas?”, feita por mim, de imediato desencadeou a seguinte resposta:

Arthur, na verdade, na verdade, **a comunidade cigana que tem aqui hoje em Coelho Neto, todos somos parentes!** Aqui nós temos em torno de cento e cinquenta a duzentas pessoas mais ou menos, se for botar na ponta do lápis. E aqui, **todos nós somos parentes.** Porque é uma pirâmide. Tipo assim, não é parente bem próximo, tio, primo de segundo grau, sobrinho de segundo grau e assim por diante, então, nós aqui somos todos parentes. Assim como de Caxias todos são parentes. **É uma coisa interessante o cigano dificilmente fica um de uma única família morando num canto desgarrado morando na cidade sozinho.**

Apesar da minha pergunta estar relacionada ao que chamaríamos de família nuclear - pai, mãe e filhos - a ideia de família acionada por mim nada tinha a ver com a concepção que Reginaldo utiliza para designar quem são seus parentes. E a partir dessa fala de Reginaldo alguns questionamentos começam a pairar sobre a realidade do parentesco entre os ciganos de Coelho Neto.

A primeira questão que vem à tona na fala de Reginaldo diz respeito à compreensão ampla de família que é concebida a partir do pertencimento étnico, ou seja, ser cigano faz de você, de alguma forma, parente. O laço étnico faz mais do que simplesmente atribuir uma identidade, mas de alguma forma molda também o parentesco. Porém, como venho mostrando, os ciganos em Coelho Neto apresentam diferenças, que resultam de relações que foram construídas anteriormente, e que de certa forma está colocada em uma lógica relacionada ao espaço (bairros). Família, dependendo se são do bairro dos Quiabos ou Bom Sucesso, estaremos falando de diferentes famílias.

É sempre possível perceber que família, parente e o pertencimento étnico - ser cigano - são usados pelos ciganos do Bom Sucesso como sinônimos. Quando se quer se referir a alguma relação no âmbito do parentesco essas palavras são usadas tendo praticamente o mesmo significado, em outro momento quando falava sobre como aconteciam os casamentos a algum tempo atrás, Reginaldo fez uso dessa ambiguidade:

**Reginaldo:** Em relação à cultura da gente, nós temos uma cultura hoje defasada, posso dizer assim, eu lembro eu tenho 45 anos e lembro que as minhas irmãs mais velhas do que eu todas casaram, o casamento delas foi escolhido. Foi o meu pai que disse, quando ela era criança e tinha outra criança, as vezes filho de um primo ou coisa assim, ele dizia “olha tu vai casar com fulano de tal”.

**Arthur:** E casou mesmo?

**Reginaldo:** Casava, minha irmã mais velha, que é a mãe dos meus dois sobrinhos, ela hoje tem 58 anos mais ou menos, 55 anos, ela casou com 17 anos.



**Arthur:** Essas pessoas que eram escolhidas eram também ciganas?

**Reginaldo:** Cigana também. Tinha isso, né? O pai escolhia dentro da etnia cigana. Não casava fora da etnia, casava pra dentro.

**Arthur:** Pra dentro, né?

**Reginaldo:** Tudo era só no círculo de família.

**Arthur:** É o que se chama de endogâmico, né?

**Reginaldo:** Pois é! Essas coisas, essas coisas são desse jeito, hoje tá muito diferente, tá tudo diferente. Por exemplo eu já estou no meu segundo casamento e as minhas duas esposas, a ex e a atual são gajins, como a gente chama.

Não há confusões nem hesitação em se fazer a correspondência entre etnia e família. Quando se fala que casava para dentro, é muito nítido como que para dentro se refere tanto à etnia quanto à ideia de família que é acionada por Reginaldo, é interessante pensar como a etnia está de certa forma produzindo o parentesco entre os ciganos de Coelho Neto. Entretanto, quando se fala dessa relação etnia/família ela está marcada pela concepção particular de ciganidade apresentada pelas pessoas nessas relações, pois seria muito difícil um cigano dos Quiabos ser considerado cigano tanto quanto do Bom Sucesso.

Voltando ao pai, nós já podemos perceber que essa figura aparece de forma bem proeminente, era o pai quem escolhia o casamento das filhas, assim como os casamentos dos filhos. Apesar de não aparecer nesse diálogo, em outras conversas com ciganos tanto do Bom Sucesso quanto dos Quiabos, soube de histórias de homens que foram *arranjados*<sup>42</sup>, ou seja, designados para uma esposa/mulher.

Outra questão que aparece na fala mencionada de Reginaldo demonstra o que a bibliografia que se detém sobre os estudos das comunidades ciganas chama de “nunca sozinho” (FERRARI, 2019) e/ou a produção de “fluxos”, “redes” e “rotas” (MONTEIRO, 2019). A família serve também como motivo de estar em algum local, e como é possível perceber na fala de Reginaldo serve também como motivo para ir ou não para determinado lugar.

É fácil perceber através da fala de Reginaldo e das observações feitas em campo que *desgarrado* significa estar sem a família, e estar sem a família significa não estar

---

<sup>42</sup> É importante destacar que mesmo que possa acontecer, ou seja, não seria nenhum caso extraordinário, geralmente os casamentos *arranjados* se davam com as mulheres.

entre os ciganos - a etnia. Bom, os ciganos dos Quiabos também contam que quando vieram para Coelho Neto, fizeram isso em multidão, junto com os ciganos do Bom Sucesso, fato confirmado por esses últimos.

Em seu estudo dos ciganos Calón em São Paulo, Ferrari (2019) também encontrou entre eles a preocupação de estar com a família, ou seja, não estar “sozinho”, ou nas palavras de Reginaldo, *desgarrado*. Viver sozinho, para os ciganos, aparece como um total absurdo. Entretanto, mesmo os ciganos que são entendidos como *sozinhos/desgarrados* não estão “sozinhos” individualmente, como os não ciganos costumam pensar.

O contato com a alteridade, os ciganos com os não ciganos, desencadeia uma série de situações que o pesquisador pode, sendo ele uma alteridade, viver junto aos ciganos. Assim foi o caso de Ferrari (2019) que ao entrar em contato com os ciganos e narrar a história e modo de vida de sua companheira de pesquisa, fotógrafa que mora sozinha em um pequeno apartamento em São Paulo, causou comoção entre os ciganos porque não conseguiram entender como ela consegue morar sozinha, sem marido, mãe pai ou irmãos/irmãs (FERRARI, 2019).

Quando os ciganos moram sozinhos não se está falando de um caso parecido com o da amiga fotógrafa. Segundo Ferrari (2019), quando se dizem sozinhos, na maioria das vezes estão minimamente acompanhados de parentes constituintes da família nuclear. Como já foi mencionado, *sozinho* ou *desgarrado*, para os ciganos, não está em conformidade com o sozinho de um não-cigano, e assim como com os ciganos acompanhados por Ferrari, em Coelho Neto podemos perceber o mesmo a partir de uma outra fala de Reginaldo:

Nós aqui, por exemplo, eu tenho uma tia minha que mora em Codó, mas a gente mora aqui e ela mora só lá. Inclusive o filho dela é vereador também, mas ela só vive lá, por que ela está lá há mais de 40 anos lá. Então lá é a nossa raiz, nossa família toda era de lá, nós moramos por lá cerca de trinta anos, aí a gente veio pra Coelho Neto, boa parte veio pra Coelho Neto, aí ela ficou só lá. Ela é servidora pública o filho é vereador, então eles já começaram a ter uma certa estabilidade. **É a única que mora lá só.**

Apesar de estar em Codó, lugar que inclusive é de onde diz ser sua *raiz*, a tia que está lá com seus filhos e cônjuge é considerada só. Estar só significa estar sem a família, mas não a família nuclear como nós ocidentais pensamos, mas a etnia, os parentes, o

grupo étnico, todas essas nomenclaturas de usos e sentidos semelhantes que designam como atua o parentesco, como ele é usado e produzido.

Aproveitando que nos diálogos apareceram informações acerca das idas e vindas dos ciganos entre Coelho Neto e Codó, é importante ressaltar que o parentesco atua como um delimitador, ou seja, por mais que, como já foi dito, o motivo de vinda para Coelho Neto faça referência à implantação do complexo industrial, por outro lado outros parentes já estavam aqui em Coelho Neto, dessa forma sendo mais conveniente ainda a vinda para a cidade.

Monteiro (2019) também assinala que entre os ciganos do Vale do Mamanguape-PB existem certas “rotas” e “fluxos” de ciganos através de uma “rede de parentesco”, dando motivos para ir ou vir de certas localidades em tempos específicos, seja para festas, velórios, rever parentes, mas sempre se coloca como motivação para estar em um local em determinado momento o fato de haver um parente ali naquela localidade (MONTEIRO, 2019).

Neste trabalho não se tentará formar uma espécie de quadro estanque do “parentesco cigano”, importa-me bem mais perceber como os ciganos articulam tais categorias, que designam como voltadas para o parentesco, para perceber como o parentesco e a ideia de família funcionam entre os ciganos, como ele age entre os ciganos, mas, certamente, como os ciganos fazem o parentesco funcionar.

A perspectiva analítica abordada aqui diz respeito a uma confluência de ideias entre Janet Carsten e Marshall Sahlins sobre o parentesco enquanto “mutualidade do ser”. A partir disso o parentesco é pensado menos enquanto o que é e não é, e mais como que ele pode se “diluir” ou se “espessar”, assim como pode ser “transmitido” ou se constituir através de metáforas e substâncias (CARSTEN, 2014).

Desta forma, o que estou fazendo é ver a materialidade do parentesco, perceber como ele pode ser encontrado, desde ideias - como família, próximos, primos e parentes - como em substâncias - como sangue. Daí em diante, é possível pensar inclusive em gradações de parentesco, ou seja, graus de parentesco, que no caso dos ciganos podem estar se referindo também a ser mais ou menos cigano.

## Substâncias e metáforas

Em uma de minhas primeiras idas ao bairro Bom Sucesso, para encontrar com os ciganos de lá, me deparo com a família de seu Agnaldo, irmão de Reginaldo. Entretanto, a primeira pessoa com que eu realmente conversei foi a com a esposa de Agnaldo, Maria. Cheguei dizendo que gostaria de falar com o cigano que morava naquela casa, no caso Agnaldo, então ela mandou chamá-lo. Enquanto esperávamos a vinda de Agnaldo eu perguntei a Maria, “você é cigana?” e ela me respondeu: *Sou e não sou. Na verdade, eu sou meio cigana, porque sou casada com um cigano*. Essa resposta foi encoberta pelo nervosismo da minha primeira ida àquele local e àquela família, entretanto, uma das utilidades de um diário de campo é justamente guardar informações que podem servir para outra oportunidade.

Posteriormente às disciplinas do mestrado, e ao contato com antropologias diversas, assim como a recorrência de tal expressão, começou a fazer algum sentido pensar em *meio-cigano*. Porém no primeiro ano de mestrado as referências de campo estavam um tanto escassas, o tempo não era amigo, poucas possibilidades de estar em campo, assim como as obrigações para com as disciplinas prendiam muito da atenção deste pesquisador.

Um outro problema, esse talvez de ordem conceitual/metodológica, não me fazia crer ser possível compreender tal problemática como necessariamente antropológica, não havia em meu léxico referências o bastante para pensar o quanto *meio-cigano* poderia ser uma categoria para ser analisada e pensada. Essa categoria parecia mais uma espécie de “incoerência de campo” (GOW, 2003) do que uma possibilidade de análise.

Contudo, com o início do segundo ano do mestrado e a tentativa de entrar mais profundamente no campo, começo a ouvir frases como *ele não é totalmente cigano, é só casado com ela* ou *não é cem por cento (100%) cigano*. Esse tipo de referência estava se tornando comum e passou a incomodar o ouvido deste antropólogo, que, agora tendo um leque de possibilidades analíticas um tanto mais aberto começou a perceber nisso chances mais ricas de análises.

Dessa forma, a partir, principalmente, das produções da etnologia sul-americana<sup>43</sup>, começava a se tornar possível pensar *meio-cigano*, ou mesmo gradações de ciganidade através do parentesco, assim como Peter Gow (2003) afirma poder pensar “Ex-Cocama” enquanto categoria de parentesco, e é sobre o escopo dessas possibilidades que penso essas variações de termo de parentesco ciganos.

Voltando a uma de minhas conversas com Reginaldo, ele começou a falar de como a ciganidade também é transmitida pelo casamento, tanto para a esposa quanto para os filhos, só que ele reconhece que existiria aí gradações de ciganidade. Como ciganidade está também relacionada a parentesco, faz sentido igualmente falar de gradações de parentesco:

Já meus filhos são meios ciganos, né? Que são filhos de um cigano puro, que é eu, e de uma moradora, que no caso é uma gajin e isso já tá, tipo assim, mudando o rumo da cultura da gente. Tão seguindo outro rumo. Eu me lembro que antigamente o homem pra casar com uma cigana, um cigano com uma cigana, por exemplo, você tinha uma filha cigana e eu tinha um filho, aí sua filha era comprometida com o meu filho, o meu filho como homem tinha que pagar um dote pra sua filha.

É possível perceber na fala de Reginaldo em relação à transmissão da ciganidade e conseqüentemente do parentesco, que ela se faz pelo casamento, ou seja, pela união e procriação de duas pessoas. Entretanto, a ideia de *meio cigano*, ou de não totalmente cigano poderia não estar sendo integrada ao olhar deste pesquisador por parecer incorrer numa perspectiva de aculturação. Mas inspirado pela abordagem de Gow (2003) é possível ver na sua crítica o motivo dos antropólogos evitarem tais categorias de sistemas de parentesco que já praticam o contato com a alteridade há mais tempo<sup>44</sup>.

O parentesco é transmitido pelo casamento, e para que essa transmissão seja efetivamente concluída precisa-se que seja feito um casamento entre pessoas ciganas, como acontecia anteriormente. Entretanto, com a intensificação do contato dos ciganos com os não-ciganos essa configuração de casamento passou a ser mais difícil de se realizar, mas nem por isso não parece significar dizer que a cultura, ou mesmo os ciganos,

---

<sup>43</sup> Ver: VIVEIRO DE CASTRO, 2002; SEEGER E DAMATTA, 1979; VIERTLER, 1979; CARNEIRO DA CUNHA, 1979; VIVEIRO DE CASTRO, 1979.

<sup>44</sup> “Os antropólogos sociais estão voltados para a busca, a descrição e análise de sistemas coerentes de relações sociais, e provavelmente mantiveram-se distantes de fenômenos como o “Ex-Cocama” por receio de que seu estudo não fosse capaz de extrair tal coerência ou no mínimo, de que a complexidade do sistema coerente encontrado desafiaria as estratégias analíticas disponíveis (GOW, 2003, p. 58).

iria desaparecer. É justamente no contato com a diferença que se criam novas formas e nomenclaturas de ciganos.

*Meio-cigano* só faz sentido para os ciganos. Para os não ciganos, essas gradações de parentesco não possuem lógica, ou seja, para quem está de fora todos ali são ciganos de proporções iguais. Por outro lado, não estou querendo dizer que haja uma espécie de discriminação violenta entre os ciganos com os *meio-ciganos*, percebo mais como uma forma de administrar a dinâmica do parentesco, que sempre pode estar em referência com a ciganidade, ou seja, se é cigano é parente e a recíproca também é verdadeira.

Aqui percebe-se que o parentesco é passado materialmente, ele passa pela procriação, ele se substancializa em material genético, possui densidade. Da mesma forma existem diferentes densidades - como acontece entre os ciganos - havendo *ciganos puros* - como fala o próprio Reginaldo - assim como *meio-ciganos*. Ciganos com densidades de ciganidade diferentes, obviamente essa densidade é medida, por assim dizer, pelos próprios ciganos, são elementos e categorias elegidas e usadas por eles, pois como disse anteriormente, essas categorias só fazem sentido para eles.

Quando assumo trazer tal categoria - *meio-cigano* - para o texto, essa postura é totalmente interessada em fazer aquilo que Clastres (2017), e posteriormente Viveiros de Castro (2002), assumem como “levar o nativo a sério”. Em um momento anterior não conseguiria avançar com tal categoria por não conseguir eleger tal conflito conceitual como passível de ser pensado com e a partir de, entretanto, quando se faz esse movimento, de virada investigativa, assumimos que existe uma equivalência conceitual entre as categorias pensadas e utilizadas pelos ciganos para usar o parentesco, ou mesmo, para fazê-lo funcionar.

A mudança investigativa ocorre a partir do momento que se entende que o objeto de busca de entendimento da antropologia deve ser as relações sociais - assim como também o que as pessoas entendem por relação ou por estar em relação - ao invés da ideia de cultura. Ou seja, a cultura se apresenta como uma possível ideia/sistema fechado, na qual existem coerências, e buscando as coerências notadamente se deixará de ver as tais “incoerências” que a realidade faz surgir e que aparecem nos discursos daqueles a quem chamamos de nativos. Através dessa proposta teórico-metodológica o conhecimento antropológico se volta muito mais às relações, e também produzido nas relações antropólogo e nativo, do que a uma ideia de cultura a partir da qual o antropólogo deva

descrever exaustivamente uma realidade com o intuito de chegar, através de problemas propriamente seus, ao conhecimento da vida nativa (VIVEIROS DE CASTRO, 2002).

Porém, voltando à ideia de *meio-cigano*, propriamente dita, Viveiros de Castro (2002) posiciona firmemente sua análise sobre os “conceitos indígenas”. Meu intuito não é necessariamente analisar os, poderia ser dito assim, “conceitos ciganos” - pelo menos não neste momento - mas sim como o parentesco vivido entre os ciganos forja certas estratégias conceituais de administração da alteridade em contato, assim como também produzem novas formas de ciganidade, ou mesmo utilizando categorias do arcabouço teórico de Carsten, “gradações” de ciganidade. *Meio-cigano*, *ciganos puros* e ideias como família e parentes são colocadas aqui de forma a produzir e moldar o espessamento e diluição do parentesco e a própria ciganidade em Coelho Neto.

Uma interessante metáfora aparece agora como principal motivo para pensar o parentesco entre os ciganos: *pai é uma espécie de pajé*. Por que parece interessante pensar tal metáfora? A princípio, pelo fato de estar aproximando duas realidades distintas - indígenas e ciganos – por outro lado por surgir através justamente de um contexto no qual não se pensava em definir funções de parentesco. Dito de outra forma, em conversas outras em que não me interessava o parentesco, ele sempre aparecia e muito mais forte na figura e importância do pai, ou do mais velho:

**Reginaldo:** (...) tão seguindo outro rumo. Eu me lembro que antigamente, é, o homem pra casar com uma cigana, um cigano com uma cigana, por exemplo, você tinha uma filha cigana e eu tinha um filho, aí sua filha era comprometida com o meu filho, o meu filho como homem tinha que pagar um dote pra sua filha.

**Arthur:** Mas esse dote era em dinheiro ou animal ou terra?

**Reginaldo:** Dinheiro.

**Reginaldo:** Às vezes era em dinheiro, às vezes era em ouro. Eram as duas formas. Era tipo uma aposentadoria, um pé de meia, como diziam, para assegurar que ele não fosse passar necessidade. E isso tinha que sair da parte do homem, por isso o filho do homem, do cigano, quando ele era menino, **o pai já destinava** alguma coisa pra ele que era pra ele ir se equilibrando financeiramente para quando ele puder casar ele poder pagar o dote da sua esposa, entendeu? Era desse jeito. E já o **pai da mulher**, ele não se preocupava com ela, porque o futuro dela já estava com o marido que ela ia ter, mas hoje isso já acabou, né? Eu lembro que as vestes também eram todas longas, lembro que minha mãe e minhas irmãs usavam roupa longa.

Para escolher o casamento para as filhas, era o pai quem escolhia, para fornecer o *pé de meia* ao filho, para que o mesmo tenha possibilidade de sustentar sua esposa, era o pai quem já providenciava isso desde pequeno, o responsável por mediar tensões e conflitos, era o pai - e geralmente os pais mais velhos - para observar quem dos jovens, homens, começava a desenvolver o *tino* em algumas questões, era o pai o responsável por isso. Então o pai, ou o mais velho, sempre apareceu em várias conversas, ou mesmo em todas elas e em vários âmbitos da vida dos ciganos de Coelho Neto. Em decorrência dessa presença sempre constante, obviamente não poderia deixar passar tal relação que se explicitava.

Como já foi feito no capítulo anterior, o pai, ou mesmo o mais velho, está próximo da liderança indígena descrito por Clastres (2017), mas comparar o pai com o pajé é uma forma de mostrar que também os ciganos possuem uma certa tradição e respeito quanto aos parentes, principalmente o pai, que cresce seu prestígio entre os ciganos com o decorrer de vida, quanto mais velho mais respeitada será sua posição.

Essa metáfora com o pai em relação ao pajé - nomenclatura costumeiramente indígena - é encontrada também entre os Calón estudado por Ferrari (2010). Entretanto, os Calón de São Paulo remetem o “chefe”<sup>45</sup> ao “cacique”. Por outro lado, a metáfora recai sobre uma posição entre os ciganos, tanto de Coelho Neto quanto de São Paulo: a liderança de um homem que na maioria das vezes é um pai.

O “chefe” descrito por Ferrari aparece em meio a uma outra categoria, a saber, “turma”. Entre os ciganos de Coelho Neto não cheguei a ouvir menção a esse termo, então não se pode pensar em liderança de “turma” especificamente entre os ciganos de Coelho Neto, mas sim em liderança parental. A categoria *pai*, dos ciganos coelho-netenses, diz respeito sempre a um líder de parentes em Coelho Neto, ou seja, líder para os ciganos como um todo<sup>46</sup>.

Por outro lado, apesar de o pai mediar conflitos entre os ciganos, e de existir entre eles essa noção de *parentes*, a partir da qual os outros, a alteridade, são sempre não-parentes, não vigora entre os ciganos um ambiente sem conflitos. Como foi visto no

---

<sup>45</sup> “A liderança de um grupo de irmãos é normalmente passada do pai para um dos irmãos, não necessariamente o mais velho, aos quais os outros chamam de ‘chefe’, ‘cacique’ ou ‘da liderança’.” (FERRARI, 2010, p. 210).

<sup>46</sup> Isso corrobora o fato de que a cisão segmentar realizada e descrita no capítulo anterior, foi resultante de um conflito que o *pai* tentou mediar, não conseguiu evitar a fatalidade.



capítulo anterior logo após - ou mesmo junto a ele - o acontecimento descrito, consolidou-se a formação de *segmentos ciganos*. Mesmo com essa configuração, nenhum desses segmentos negam que são parentes, entretanto o contato entre si já não é constante: *são meus primos de segundo grau entendeu, só que é aquilo que eu tô te falando existe um grupo de cigano bons em Coelho Neto e existe uns dois ou três que puxam pro lado oposto*<sup>47</sup>. Assim como Reginaldo, em outro momento, falou: *Até na família real tem gente que... Coelho Neto era o caso, não estou dizendo que aquelas pessoas eram pessoas que não mereciam viver, mas eles eram meus parentes, eram, não nego, mas eles seguiam um pensamento diferente do meu.*

Apesar das diferenças em relação a como enxergam como é ser cigano, apesar de produzir vergonha uns aos outros e de estarem agora organizados em segmentos diferentes, entre os ciganos dificilmente será negado o parentesco, ou seja, são sempre parentes, são sempre ciganos, mesmo que em gradações diferentes.

Reitero que o parentesco entre os ciganos seja bem mais do que uma forma de dividir ciganos e não ciganos, mas também serve - através do casamento - de uma estratégia de controlar o contato com os *não-ciganos*, criando novas condições de existência - como *meio-ciganos*; *ciganos puros* - produzindo assim ciganidade e conseqüentemente produzindo *parentes*.

Agora tentarei mostrar como as gradações de ciganidade são utilizadas a partir das gradações de parentesco, ou seja, como os casamentos e a procriação são vistos como materialidade da produção e da vivência do que seria o parentesco e de como ele age na prática. É a partir da produção dessas nomenclaturas e metáforas de parentesco<sup>48</sup> que os ciganos em Coelho Neto se pensam mutuamente.

## **Casamentos**

Nesta sessão irei descrever casamentos ocorridos entre ciganos e não ciganos, apesar que essa nomenclatura pode ser mais complexificada na descrição das seguintes

---

<sup>47</sup> Fala de Agnaldo, cigano do Bom Sucesso.

<sup>48</sup> O líder, ou mesmo o mediador como pai.

relações. Como este trabalho pretende mostrar, as categorias “ciganos” e “não-ciganos” possuem gradações muito mais complexas que o simples dualismo quem é e quem não é.

Os casamentos entre os ciganos podem ser momentos de adensamento do parentesco ou de sua diluição, dependendo muito da sociabilidade do casal com os demais ciganos. Através de minhas análises de campo, percebo que existe certa relação no que concerne ao sexo da pessoa que casa, ou seja, quando homens ciganos casam com mulheres não-ciganas existe uma determinada relação e regras diferentes do caso oposto, quando mulheres ciganas casam com homens não-ciganos.

Campos (2015) em seu estudo com os Calons de São Gabriel coloca que as diferenciações de gênero na constituição de casamentos também são existentes. Os homens ciganos podem se casar com mulheres não-ciganas, não havendo nisso muitos problemas, porém, para as mulheres ciganas existe uma rigidez maior, muito dificilmente seria aprovado um casamento de ciganas com não-ciganos, e o principal motivo segundo Campos (2015) estaria na vergonha que isso traria para os ciganos parentes.

Como já explicitiei em outro momento, Gal (falecido) e Lane foram casados, desta união nasceu Guilherme e seu irmão. Os dois já tinham sua casa, próximo à casa dos pais de Gal - Ferreira e Tequinha. Lane é cigana, mas de outra cidade, Vargem Grande - MA, por isso talvez ela nunca foi bem aceita entre os ciganos de Coelho Neto, pois apesar de ser cigana, sempre se referiam a ela como *de fora*<sup>49</sup>.

Logo após a morte de Gal, nada tinha acontecido a Lane, ela já estava grávida de outra criança, e como já possuía uma casa, ficou nela sem grandes problemas. Porém, cerca de seis meses depois da morte de Gal, nas proximidades do fim do ano, ela começou a realizar pequenas festas em sua casa, na companhia de algumas primas que vieram ficar com ela posterior a morte de Gal. A partir daí começou a surgir certas desavenças entre as irmãs de Gal e Lane.

Em uma das festas que Lane organizou na sua casa uma das irmãs de Gal apareceu e começou a discutir com Lane sobre ela não estar honrando a memória de sua irmã, pois segundo ela o luto dele deve ser vivido, acusando Lane de não deixar seu irmão descansar. Lane por sua vez, afirmava que a casa era dela e que a construiu junto com Gal e que

---

<sup>49</sup> Segundo Campos (2015) essa relação entre ciganos de lugares desconhecidos, como é o caso de Lane, é uma relação possível, não desejável, mas que ocorre com frequência. Porém, se fosse o contrário, ou seja, uma cigana de Coelho Neto com um cigano desconhecido, talvez esse relacionamento não fosse possível.

sempre foi fiel a ele em vida e não estava entendendo o porque da *confusão* em sua casa, já que nela ela como dona poderia fazer o que quisesse.

Porém, a discussão insistia em não terminar, e a irmã de Gal falava que as coisas *não são bem assim*, já que ela era casada com seu irmão e que por isso era responsável por manter sua honra, da mesma forma ela sugeria que esse tipo de comportamento não era bom para Guilherme, que também merecia aprender sobre a conservação da honra de seu pai.

Muitas discussões como essas aconteceram na casa de Lane, e algumas vezes as duas chegaram às vias de fato. Depois disso, outras irmãs de Gal começaram a se envolver nessa discussão e começaram a reivindicar o direito de criar o filho de Gal. As irmãs de Gal começaram uma luta pela guarda de Guilherme, que tinha como principal motivo a ideia de que elas eram a família de Guilherme.

A partir disso eu percebia que Lane, apesar de cigana, era também uma figura de alteridade em Coelho Neto, muito por causa do lugar de onde ela veio. Ela não é uma cigana de Coelho Neto, seu status de parente, depois da morte de Gal foi totalmente atualizado, principalmente quando ela incorre em conflitos com as irmãs de Gal. Enquanto Gal estava vivo ela era considerada uma *parente próxima*, porém depois da morte de seu marido, ela perde esse status de parente, perdendo também a possibilidade de criar seu filho, que na socialidade cigana aparece mais como um direito da família cigana por parte masculina do que de uma figura de alteridade, no caso de Lane, constituída no pós-chacina.

Junto com Campos (2015), entendo que a socialidade cigana possui, como já venho mostrando, a capacidade de estar sempre em construção, assim como desconstrução, em termos de formação de afinidades de parentesco, pode ser diluído ou adensado. Percebo também que o casamento é uma instituição muito importante na diluição e adensamento do parentesco entre os ciganos. Percebe-se, assim, que os ciganos “modulam” (PEREIRA, 2009) termos de parentesco assim como o nível de ciganidade, mostrando que “ser cigano” nunca é um fato dado, mas sim construído através de relações de parentesco e política.

## CONCLUSÃO

Este trabalho não pretendeu em momento algum chegar a um ponto final sobre o processo de “coletivização”(FILADELFO, 2014) dos ciganos. Durante a escrita desta dissertação tentei demonstrar como os ciganos de Coelho Neto articulam categorias de existência e produzem sua coletividade. Existem certas categorias que foram importantes para compreender tal processo entre os ciganos, essas categorias não surgiram sozinhas, nenhuma possuía uma existência própria, elas foram elencadas com base nas explicações dos ciganos para mim, sobre as formas de resolução de problemas ou questões nas suas realidades específicas.

Uma das primeiras questões que chegaram a mim pelos ciganos foi a relativa à movimentação dos ciganos. Durante um bom tempo, eu negava a questão da movimentação com os ciganos, por receio de recair no dualismo simples entre nomadismo e sedentarismo, e estagnar toda a complexidade dos sujeitos em discussões já vencidas e por vezes repetitivas.

No entanto, o movimento para os ciganos não se resume a deslocamento geográfico. Muito mais complexo que a preocupação de estar se movendo geograficamente ou se estar parado em certo ponto, os ciganos compreendem que a vida é ela mesmo um movimento, e que não são os ciganos que se movem, mas a própria realidade, eles apenas conseguem administrar os fluxos advindos das relações no tempo-espço.

Os ciganos compreendem que as esferas da vida social são geradas pela movimentação tanto das pessoas como de coisas. A vida política dos vereadores ciganos, como mostrei, precisa de movimento, precisa ser *movimentada*, eles necessitam de relações para fora, criar alianças, *andar*. A *política de andanças* analisada no primeiro capítulo ilustra justamente a forma que os ciganos compreendem a relação entre política e movimento. É nessa *política de andanças* que os ciganos asseguram e imaginam seu sucesso, já que para eles a política partidária passa por alianças e essas alianças só podem ser feitas se as relações extrapolarem a fixidez tanto geográfica quanto relacional, ou seja, não basta parar e fixar relações, deve-se primeiramente acompanhar o movimento da política e navegar sobre as relações que ela coloca em movimento.

No primeiro capítulo desta dissertação mostrei como o movimento é uma concepção mestra para a socialidade cigana, e essa concepção diverge daquela utilizada pelos não-ciganos, pois para os ciganos movimento não está em contraposição com imobilidade, como coloca a discussão entre nomadismo e sedentarismo. Para os ciganos, ter casa em localidades não significa estar parado, muito menos que parar seja uma opção, o movimento, a fluidez fazem parte do mundo cigano, a forma de habitar e compreender o mundo passa, pelos ciganos, pelo domínio do movimento.

A forma de compreender a própria realidade como um movimento perene, que em certos momentos apenas diminui a velocidade, também se aplica para os ciganos na compreensão da ciganidade. Ser cigano não é um conjunto de regras específicas que se nasce ou não com elas. A ciganidade é processo, e o cuidado dos ciganos com isso é demasiado grande. Não é por acaso as categorizações de ciganos em *desenvolvidos* e *antigos*. Ser cigano, ou mesmo, o devir-cigano, é muito volátil e precisa sempre estar se atualizando, por isso mostro que a diferenciação entre os ciganos é um processo muito importante, pois a ciganidade precisa dialogar com a realidade, não pode estar colocada em paradigmas que não mais estejam em consenso com a maioria.

A “coletivização”(FILADELFO, 2014) dos ciganos passa por vários âmbitos da vida, mas nesta dissertação, com base na minha relação com os ciganos, apareceram através de categorias de diferenciação entre ciganos e não-ciganos, através da constituição dos parentes e não-parentes, através de conflitos e relações com a política partidária, e atravessando tudo isso a ideia de movimento.

No segundo capítulo, mostrei que para os ciganos existe uma dimensão política nas suas relações, assim como peculiaridades na forma com que eles se relacionam com a política partidária. Os vereadores ciganos compreendem a política partidária de uma forma diferente. Para eles existe uma continuação do seu sucesso e prestígio como ciganos e comerciantes com o sucesso conseguido na política partidária. As relações produzidas por eles enquanto ciganos e comerciantes são utilizadas também na vereança. *Ajeitar pessoas* no supermercado, assim como o *тино* nas relações de mediação são também utilizados como estratégias para angariar pessoas no *tempo da eleição*.

Da mesma forma, esses agentes políticos criam seus próprios espaços políticos, em contraposição à centralidade da política partidária. Espaços como os supermercados são utilizados como espaços de discussão política, muito mais do que as salas que os

vereadores possuem na câmara municipal. Os supermercados dos vereadores ciganos são locais que catalisam diversas relações, tanto política quanto econômica, assim como são também os lugares da informalidade, da brincadeira e da descontração. Um supermercado que vai bem, que tem sucesso nas vendas, confirma para os vereadores ciganos, tanto quanto para os ciganos que passam por ali, a capacidade desses comerciantes em também serem bons vereadores.

Outro eixo de discussão do capítulo dois foi o evento acontecido em Coelho Neto conhecido como “Chacina cigana”. Entendo esse momento como o estabelecimento do paradigma de relação entre os ciganos de Coelho Neto. Este evento marca a total ruptura entre os ciganos do Bairro dos quiabos, Bom sucesso e Olho d’aguinha. Afirmo isso por que, antes deste evento existia uma postura apenas de evitação, não se falava sobre os demais ciganos. Depois da “chacina cigana” os ciganos do Bom sucesso deixaram de lado os ciganos dos Quiabos. Já existiam as diferenças entre eles, mas a chacina cigana marcou de forma concreta a desunião entre eles.

Por outro lado, percebo os motivos que levaram os ciganos dos Quiabos a manterem essa desavença, que entre os ciganos de Coelho Neto leva o nome não de chacina, mas de *acerto de contas*. Esse *acerto de contas* com base no que foi descrito no capítulo dois desta dissertação é muito mais do que apenas uma desavença, entendo ele como uma “questão” (MARQUES, 2002), porém essa não é uma questão de família como estuda Marques (2002) mas sim uma questão de ciganos. São conflitos que geram o inimigo, que possuem territorialidades e mais do que produzir parentes, como postula Marques (2002) sobre as famílias de Pernambuco que estudou, as questões de ciganos produzem e atualizam status dos próprios ciganos, ou seja, a produção de brigas e *acerto de contas* entre os ciganos produz e atualiza ciganidades.

No terceiro capítulo, dediquei-me a mostrar que as ciganidades estão relacionadas com termos e processos de parentesco. Essa relação com os termos de parentesco é associada com as produções de tipos de ciganos. Os conflitos, como foi visto no segundo capítulo, e as alianças, como casamentos e amizades, são as principais formas de produzir e atualizar essas ciganidades. Existe entre os ciganos um lugar muito importante para o parentesco, serve para atualizar status de ciganidade, como foi o caso de Lane. Porém, a parentalidade pode ser perdida, as relações entre os ciganos podem tanto fazer como

desfazer parentes, os ciganos dos Quiabos e do Bom sucesso atualizam os parentes de acordo com as alianças geradas.

Uma figura de parentesco importante e que tem uma particularidade com os ciganos são os *primos*. Os *primos*, para os ciganos, são um termo de parentesco que tem bastante vantagem nas relações de parentesco, pois *primos* são sempre pessoas que tem bastante confiança dos demais. São responsáveis por tarefas importantes, como serem *cabos eleitorais*, mediadores entre pessoas importantes, trabalharem no comércio e estão sempre metidos em trocas econômicas que não aquelas no supermercado.

Nesta dissertação o que mostrei, de forma geral, foram os processos de “coletivização”(FILADELFO, 2014) dos ciganos de Coelho Neto. Esses processos resultam em ciganidades plurais, ciganidades essas que podem ser adensadas pelo sangue, pelo parentesco, por alianças políticas e casamentos e pode ser diluída por conflitos, condutas não aceitas ou que manchem a honra dos ciganos em Coelho Neto.

Os ciganos são de “contra-existência” no sentido atribuído por Deleuze e Guattari (2015), por serem coletivos que estão sempre criando formas de estar no mundo que vão de encontro às normatizações postas pelo Estado e materializadas na figura do cidadão. Mesmo os ciganos vereadores, que participam das tomadas de decisão do poder público, podem ser entendidos como vereadores que não se submetem às mesmas condições de existência dos demais vereadores não ciganos. Isso acontece por que eles compreendem motivos diferentes de estarem na função de vereador, ser vereador para eles está muito menos ligado com a ideia de ser o Estado, ou representá-lo, mas são confirmações de sucesso e prestígio como ciganos líderes, como comerciantes bem sucedidos. Seus lugares de fazer política são divergentes e contrastantes com os da ortodoxia política, como os supermercados.

A ciganidade passa por movimentos e movimentações, às vezes gerados de dentro para fora, outras vezes predando aquilo que está ao redor. Ciganidade e movimento estão imbrincados tanto no seu *modus operandis* quanto nas formulações de termos de parentesco, de constituição de espaço, de construção de vínculos políticos e mesmo de alianças que passam pelo casamento e amizades. O que esta dissertação mostrou foi não somente a pluralidade de ciganidades em Coelho Neto, como também a fluidez da contribuição dessas ciganidades. Coelho Neto é um local privilegiado para a análise de relações que constituem ciganidades e que são constituídas de ciganidades, em um

movimento “turbilhonar” (DELEUZE e GUATTARI, 2015) que dá peculiaridade aos ciganos na compreensão do mundo em que eles habitam.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Yara de Cássia. **A cozinha como lugar político. A casa raiz e o vôo de suas folhas: família, movimento e casa entre os moradores de Pinheiro-MG.** 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

BOURDIEU, Pierre. A casa kabyle ou o mundo às avessas. **Cadernos de Campo (São Paulo 1991)**, v. 8, n. 8, p. 147-159, 1999.

CAMPOS, Juliana Miranda Soares. **Casamento e produção de pessoas entre os Calons do São Gabriel** (Belo Horizonte, MG).

CARSTEN, J. 2000. "Introduction: cultures of relatedness." In: J. Carsten (ed.), **Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship.** Cambridge: Cambridge University Press. pp. 1-3

CASTRO, A. **A mobilidade, os ciganos e os outros: incertezas na relação com o território.** First International Conference of Young Urban Researchers (FICYUrb) junho 2007

COMERFORD, J. **"Onde está a comunidade?": Conversas, expectativas morais e mobilidade em configurações entre Rural e o Urbano**". Ruris, Volume 8 , Número 2 .Setembro, 2014

CORTADO, T. **"Aos poucos: agenciando pessoas, casas e ruas na periferia do Rio de Janeiro"**. Sociologia & antropologia, 11 (1) 2021.

CORTADO, T. **"Entre a moral e a política: a "habitação econômica" no Rio de Janeiro"**. Mana, 25 (2):303-335. 2019.

DA SILVA MELLO, Marco Antonio et al. **Os Ciganos do Catumbi: De" andadores do Rei" e comerciantes de escravos a oficiais de justiça na cidade do Rio de Janeiro.** Cidades, Comunidades e Territórios, n. 18, 2009.

DELEUZE G, GUATTARI F. Micropolítica e Segmentaridade. In: **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** – Vol. 3 - 1ª Edição – 1997 (1ª Reimpressão – 2002)

Editora 34, Rio de Janeiro – RJ Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2015 p. 91-126

DELEUZE G, GUATTARI F. Tratado de nomadologia: A máquina de guerra. In: **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** – Vol. 5 - 1ª Edição – 1997 (1ª Reimpressão – 2002) Editora 34, Rio de Janeiro – RJ Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2015 p. 11-110

FERRARI, F. Ciganos e Gadjes: Vergonha, gênero e negação. in: **O Mundo passa: uma etnografia dos Calons e sua relação com os brasileiros**. (Tese de doutorado) São Paulo, 2010, p.45-84.

FERRARI, F. Morte, Nomadismo e Presente, in: **O Mundo passa: uma etnografia dos Calons e sua relação com os brasileiros**. (Tese de doutorado) São Paulo, 2010, p. 246-291.

FERRARI, F. Os Calons e o Brasil, considerações finais. in: **O Mundo passa: uma etnografia dos Calons e sua relação com os brasileiros**. (Tese de doutorado) São Paulo, 2010, p. 292-309.

FILADELFO, Carlos. **Cotidiano e política da luta por moradia no centro de São Paulo**. Antropolítica-Revista Contemporânea de Antropologia, n. 36, 2014.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso dado no Collège de France (1975-1976)**. (Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. (Eduardo Brandão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GARCIA, Afrânio Raul. **Terra de Trabalho: Trabalho familiar de pequenos produtores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.

HEREDIA, Beatriz. **A morada da vida: Trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

GOLDMAN, M. **Segmentaridade e movimentos negros nas eleições de Ilhéus-BA**. MANA 7(2):57-93, 2001

GOLDMAN, M. **Uma teoria etnográfica da democracia: a política do ponto de vista do movimento negro de Ilhéus, Bahia, Brasil.** In: PALMEIRA, M; BARREIRA, C.(org.) *Política no Brasil: Visões de antropólogos* (203-226).

HEREDIA, Beatriz Maria Alasia de; PALMEIRA, Moacir Gracindo Soares. **O voto como adesão.** 2006.

HEYE, Ana Margarete. “A questão da moradia numa favela do Rio de Janeiro ou como ter Anthropological Blues sem sair de casa”. In: G. Velho (org.), **O desafio da cidade.** Rio de Janeiro: Editora Campus. pp. 117- 142, 1980.

INGOLD, T. **Estar Vivo. Ensaio sobre Movimento, Conhecimento e Descrição,** São Paulo, Ed. Vozes, 2015

MARCELIN, Louis Henri. **A invenção da família afro-americana: Família, parentesco e domesticidade entre os negros do Recôncavo da Bahia,** Brasil. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1996

MARQUES, Ana Claudia Duarte Rocha **Intrigas e questões: Vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco.** Rio de Janeiro: Relume Dumará: UFRJ. Núcleo de Antropologia da Política. 2002

MONTEIRO, E. “Ele é um misturado!”: Sangue e socialidade como “idiomas” de calonidade na produção de pessoa. **In: TEMPO, REDES E RELAÇÕES: UMA ETNOGRAFIA SOBRE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO ENTRE OS CALON.** (Tese de Doutorado) Florianópolis-SC, 2019, p. 123-154.

MONTEIRO, E. Primo, Parente e Redes Calón: Observando os arranjos da socialidade na produção da família Calón. **In: TEMPO, REDES E RELAÇÕES: UMA ETNOGRAFIA SOBRE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO ENTRE OS CALON.** (Tese de Doutorado) Florianópolis-SC, 2019, p. 157-210.

MOONEN, F. 2011. *Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil.* Juiz de Fora: Centro de Cultura Cigana, (edição digital).

MOONEN, F. **Ciganos Calon no sertão da Paraíba.** *Cadernos de Ciências Sociais.* Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Mestrado em Ciências Sociais, João Pessoa, 1995, p. 1-51.

MORAIS FILHO, A. J. de M. *Cancioneiro dos Ciganos: poesia popular dos ciganos da*

*Cidade Nova*. Rio de Janeiro: Garnier, 1885

MORAIS FILHO, A. J. de M. *Os Ciganos do Brasil: contribuição etnográficas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1886.

MOTTA, Eugênia. “**Houses and economy in the favela**”. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 11 (1):118-158. 2014.

PALMEIRA, Moacir. “**Casa e Trabalho: nota sobre as relações sociais na plantation tradicional**”. *Contraponto* (2):103-114. 1977.

PEREIRA, L. F. **Nossos brancos, nossos instrumentos: análise da construção de teorias yanomami sobre alteridade a partir de situações de contato**. (dissertação de mestrado) Pós graduação em Antropologia, USP, 2008, p.228

PEREIRA, M L. Jornada da mobilidade: Sentido e formas do caminhar Mura. In: “**Rios de História**”: guerra, tempo e espaço entre os Mura do baixo madeira (AM). (Tese de doutorado) Brasília, 2009, p. 29-53

PEREIRA, M L. A aldeia em perspectiva: seguindo os fluxos das mobilidades indígenas. In: “**Rios de História**”: guerra, tempo e espaço entre os Mura do baixo madeira (AM). (Tese de doutorado) Brasília, 2009, p. 29-53.

PINA-CABRAL, João de. “**Agnatas, vizinhos e amigos: variantes da vicinalidade em África, Europa e América**”. *Revista de Antropologia*, 57 (2):23-46. 2014.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. Recife – Núcleo de Estudos Ciganos, p. 127. 2008

VIVEIRO DE CASTRO, E. B. **O Nativo Relativo**. MANA. Vol. 8 (1): 113-148, 2002

VIVEIROS DE CASTRO, E B. **A fabricação do corpo na sociedade xinguana**.

Boletim do Museu Nacional, nº 32, 1979.

WAGNER, R. A cultura como criatividade, in: **A invenção da cultura**. Trad. Marcela Coelho de Sousa e Alexandre Morales. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

WAGNER, R. A presunção da cultura, in: **A invenção da cultura**. Trad. Marcela Coelho de Sousa e Alexandre Morales. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

WAGNER, R. **Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné?** Cadernos de Campo, São Paulo, n. 19, p. 237- 257, 2010

WOORTMANN, Klaas. **“Casa e família operária”**. *Anuário Antropológico*, 8:119-150. 1982.